



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Marcus Vinicius Melo Cruz

InterKria: Proposta de Plataforma Tecnológica para Impulsionar a Internacionalização da
Educação Superior da Comunidade Lusófona

Florianópolis
2026

Marcus Vinicius Melo Cruz

InterKria: Proposta de Plataforma Tecnológica para Impulsionar a Internacionalização da
Educação Superior da Comunidade Lusófona

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Administração Universitária da Universidade Federal
de Santa Catarina como requisito parcial para a obten-
ção do título de Mestre em Administração Universitária.

Orientador(a): Profa.(a) Luciane Stallivieri Dr.(a)

Florianópolis

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC

Cruz, Marcus Vinicius Melo

InterKria: proposta de plataforma tecnológica para impulsionar a internacionalização da educação superior da comunidade lusófona / Marcus Vinicius Melo Cruz ; orientadora, Luciane Stallivieri, 2026.
179 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Administração Universitária. 2. Administração Universitária. 3. Países Lusófonos. 4. Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs. 5. Internacionalização da Educação Superior. I. Stallivieri, Luciane. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária. III. Título.

Marcus Vinicius Melo Cruz

InterKria: Proposta de Plataforma Tecnológica para Impulsionar a Internacionalização da
Educação Superior da Comunidade Lusófona

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 08 de dezembro de 2025,
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Antonio Ferreira de Lima Junior, Dr.(a)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

Prof.(a) Luciano Rodrigues Marcelino Dr.(a)
American Global Tech University - AGTU

Certificamos que esta é a versão original e parcial do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para a defesa do título de Mestre em Administração Universitária.



Documento assinado digitalmente
Marcia Barros de Sales
Data: 12/02/2026 17:18:42-0300
CPF: ***.490.301-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Documento assinado digitalmente
LUCIANE STALLIVIERI
Data: 13/02/2026 11:14:15-0300
CPF: ***.576.320-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.(a) Luciane Stallivieri Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2026

DEDICO

À vida

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus e a Jesus Cristo por ser o meu refúgio e fortaleza, socorro bem-presente na hora da angústia, me ajudando a ser forte e corajoso para caminhar e me manter esperançoso na transformação de vidas por meio da educação.

Aos meus pais, irmãos, sobrinhos e cunhados por todo incentivo e confiança que em mim despositam. Sem a nossa união, parceria e amor de sempre nunca seria possível. Eu amo vocês.

Ao meu amigo e irmão que a vida me deu, Bruno Pilat, que em todos os momentos turtuosos sempre me incentiva e colabora de forma ativa com esse projeto. Obrigado por tudo irmão, sem você aqui, residir em Florianópolis não seria a mesma coisa.

A minha orientadora, Profa. Dra. Luciane Stallivieri. Querida Lu. Uma profissional de excelência e ser humano iluminado, com ela aprendo muito além do tema “Internacionalização da Educação Superior”, aprendo sobre o respeito e a tolerância com o outro. Muito obrigado por todos os ensinamentos.

Aos colegas e professores do PPGAU pelos momentos de troca de aprendizados que tornavam as aulas e os momentos de encontros verdadeiros banquetes de conhecimento.

Aos membros da banca, Prof. Dr. Antonio Ferreira de Lima Junior e Prof. Dr. Luciano Marcelino por aceitarem o convite e todas as contribuições que trarão para a pesquisa.

Você pode dizer que sou um sonhador, mas não sou o único. Espero que um dia você se junte a nós e o mundo viverá como um só. (Imagine. John Lennon)

PREFÁCIO

Este trabalho nasce do chão onde piso, dos olhares que cruzo, das dores que carrego mas também dos sonhos que me sustentam. Não é fruto apenas de leituras, teorias e dados frios. É, antes de tudo, um gesto de escuta profunda: escuta das ausências, das urgências, das esperanças e das orações. É feito de silêncios daqueles que guardam lágrimas, dúvidas e fé.

Mais do que pesquisa, este texto é confissão e promessa. Carrega as marcas de uma vida tecida entre escassez, superação e espiritualidade onde Deus, mesmo nos dias mais escuros, sempre apontou possibilidades onde tudo parecia faltar.

Cresci vendo dificuldades emoldurarem a rotina, mas testemunhando a força de quem insiste em não desistir. Sei, na pele, o que é ver sonhos adiados pela desigualdade, pela injustiça, pelo invisível. Se faço ciência, é porque acredito que ela pode construir pontes e devolver sentido e horizontes a quem os perdeu.

Sonho, como tantos, com um mundo mais justo. Sei que talvez não seja capaz de transformar o mundo inteiro. Mas carrego comigo a esperança ousada de que, se conseguir tocar ao menos uma vida — permitir que alguém redesenhe seu caminho, reencontre propósito, descubra no coletivo o impulso para sonhar — já terei cumprido meu maior desejo. Porque acredito que a educação, quando nasce do amor e do compromisso radical com o outro, é semente capaz de mover mundos inteiros.

A dissertação que este leitor ou leitora tem em mãos vai além das palavras: foi escrita com memórias, lágrimas, encontros, silêncios, incertezas, sonhos e esperança. Falar de educação, de trabalho, de projetos de vida e redes de colaboração é, no fundo, falar de futuro. E o futuro só se constrói com afeto, com cuidado, com coragem.

Ao longo dos anos, vi trajetórias interrompidas, sonhos adiados, talentos desperdiçados. Vi também vidas pulsando, criando, resistindo, reinventando caminhos mesmo sob o peso concreto da desigualdade. Vi potência onde muitos só enxergam carência e assumi o compromisso de fazer da minha prática educativa um campo de mobilização, afeto e reconexão.

A plataforma InterKria que dá corpo, voz e sentido à minha caminhada não é apenas um projeto acadêmico, mas um movimento vivo: uma tentativa concreta de fazer com que talentos se encontrem, criem juntos, sonhem coletivamente e, sobretudo, sintam que não estão sozinhos. Esta dissertação, assim, é mais convite do que conclusão: convite a se reconectar com o coletivo, a reaprender a trilhar caminhos juntos, a transformar o mundo começando pelas margens. É sonho e alerta. É desejo de repartir esperança.

Sou profundamente grato à minha família, aos meus mestres, aos colegas e aos estudantes e, acima de tudo, a Deus, que nunca permitiu que a esperança morresse, mesmo nos dias mais difíceis. Se esta semente for capaz de florescer no coração de alguém, se provocar uma única reconexão, já terá cumprido seu desígnio: o de retribuir ao mundo, ainda que em uma gota, tanto do que me foi oferecido pela graça, pelo afeto e pela possibilidade de recomeçar.

Sonhar, aprender, ensinar, partilhar... é sempre movimento. E é preciso coragem para mover o mundo, mesmo quando tudo parece difícil. Que este trabalho seja também caminho aberto para quem chega, semente para quem sonha e abraço para quem precisa recomeçar.

Com carinho,
Marcus Vinicius Melo Cruz

RESUMO

A internacionalização da educação superior tem sido um desafio para nações em contextos desfavoráveis, especialmente para os países lusófonos, que enfrentam barreiras como limitações na mobilidade acadêmica e dificuldades no domínio de outros idiomas. Neste contexto, esta dissertação propõe a construção de uma plataforma digital que amplie e democratize o acesso à cooperação acadêmica internacional, promovendo a inclusão de estudantes e instituições de ensino superior desses países no cenário global. O referencial teórico está estruturado em três eixos centrais: Internacionalização da Educação Superior, Nações em Contextos Desfavoráveis e Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs.

A plataforma proposta utilizará tecnologias inovadoras para viabilizar interações acadêmicas transnacionais, superando barreiras geográficas, linguísticas e econômicas. Seu objetivo é fortalecer redes de colaboração entre instituições, entre pesquisadores, professores, estudante e gestores, oferecendo oportunidades de aprendizagem intercultural e facilitando o acesso a conteúdos educacionais internacionais. Dessa forma, busca-se não apenas promover uma educação superior mais acessível e inclusiva, mas também contribuir para a formação de cidadãos globais, capacitados para atuar em um mundo interconectado e culturalmente diverso.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem baseada na combinação entre pesquisa-ação e design thinking, garantindo uma construção iterativa e colaborativa da plataforma. Os resultados esperados incluem o fortalecimento da mobilidade acadêmica virtual, a ampliação do alcance da internacionalização e o estímulo ao desenvolvimento de competências globais, especialmente para a comunidade lusófona. Além disso, a iniciativa está alinhada a diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente aqueles relacionados à educação de qualidade (ODS 4), à redução das desigualdades (ODS 10) e à criação de parcerias globais para o desenvolvimento sustentável (ODS 17). Conclui-se que o uso estratégico da tecnologia na internacionalização do ensino superior pode transformar o acesso ao conhecimento, promovendo equidade e inovação na educação global.

Palavras-chave: Internacionalização da Educação Superior; Países Lusófonos; Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs.

ABSTRACT

The internationalization of higher education remains a challenge for nations in disadvantaged contexts, particularly Lusophone countries, which face barriers such as limited academic mobility and language proficiency difficulties. In this context, this dissertation proposes the development of a digital platform to expand and democratize access to international academic cooperation, fostering the inclusion of students and higher education institutions from these countries in the global academic landscape. The theoretical framework is structured around three key pillars: Higher Education Internationalization, Nations in Disadvantaged Contexts, and Information and Communication Technologies.

The proposed platform will leverage innovative technologies to enable transnational academic interactions, overcoming geographical, linguistic, and economic barriers. Its goal is to strengthen collaboration networks among institutions, provide opportunities for intercultural learning, and facilitate access to international educational resources. In doing so, it seeks not only to promote more accessible and inclusive higher education but also to contribute to the development of global citizens equipped to navigate an interconnected and culturally diverse world.

Methodologically, the research adopts a combination of action research and design thinking, ensuring an iterative and collaborative approach to platform development. The expected outcomes include strengthening virtual academic mobility, expanding the reach of internationalization, and fostering the development of global competencies. Furthermore, this initiative aligns with several Sustainable Development Goals (SDGs), particularly those related to quality education (SDG 4), reduced inequalities (SDG 10), and global partnerships for sustainable development (SDG 17). It is concluded that the strategic use of technology in the internationalization of higher education can transform access to knowledge, promoting equity and innovation in global education.

Keywords: Higher Education Internationalization; Lusophone Countries; Information and Communication Technologies – ICTs.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVOS	22
1.1.1 Objetivo Geral E Objetivos Específicos.....	22
1.2 JUSTIFICATIVA.....	23
1.2.3 Ensino Colaborativo E Multicultural.....	26
1.2.4 Extensão E Cooperação Intercultural.....	26
1.2.5 Pesquisa E Desenvolvimento Sem Fronteiras	27
1.2.6 Gestão E Boas-práticas Internacionais	27
1.3 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO	34
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E REVISÃO DA LITERATURA.....	36
2.1 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	37
2.1.1 Evolução Histórica.....	37
2.1.3 Rankings Internacionais Da Educação Superior E A Internacionalização	47
2.1.4 Internacionalização Responsável.....	62
2.1.5 A Formação De Cidadãos Globais.....	62
2.1.6 A Interculturalidade E A Internacionalização No Sul Global.....	69
3. NAÇÕES EM CONTEXTOS DESFAVORÁVEIS.....	71
3.1 O SUL GLOBAL: CONCEITOS, CONCEPÇÕES E CARACTERÍSTICAS	73
3.1.2 Desafios Enfrentados E Oportunidades Emergentes No Sul Global.....	76
3.1.3 A Língua Portuguesa Como Traço Identitário: Potencialidades E Perspectivas .	81
3.1.4 Sistema De Educação Superior Nos Países Lusófonos	85
4. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TICS	94
4.1 INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) PÓS-PANDEMIA DE COVID-19	98
4.2 MUDANÇAS NO PERFIL DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS E O IMPACTO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	106
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	109
5.1. PESQUISA-AÇÃO	111
5.2. DESIGN THINKING	113
5.3 FUNDAMENTOS DO DESIGN THINKING	114
5.4. COMBINAÇÃO DE PESQUISA-AÇÃO E DESIGN THINKING.....	116

5.5 ETAPAS DA PESQUISA UTILIZANDO PESQUISA-AÇÃO E DESIGN THINKING	117
5.6 POTENCIAIS RESULTADOS E IMPACTO DA ABORDAGEM HÍBRIDA.....	119
6. CRONOGRAMA.....	119
7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	120
7.1 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO E CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA	121
7.2 ANÁLISE HOLÍSTICA DO QUESTIONÁRIO	141
7.3 APRESENTAÇÃO DAS FUNCIONALIDADES DA PLATAFORMA NO ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO	144
7.4 IDENTIDADE VISUAL.....	154
7.5 BUSINESS MODEL CANVAS - PLANO DE NEGÓCIOS	158
7.5.1 Segmento De Mercado	158
7.5.2 Proposta De Valor	159
7.5.3 Canais	160
7.5.4 Relacionamento Com O Cliente.....	162
7.5.5 Fontes De Receita.....	163
7.5.6 Recursos Chave.....	164
7.5.7 Atividades Chave	165
7.5.8 Parceiros Chave.....	166
7.5.9 Estrutura De Custos	167
7.6 ANÁLISE SWOT	169
7.6.1 Forças (strengths)	169
7.6.2 Fraquezas (weaknesses)	169
7.6.3 Oportunidades (opportunities).....	170
7.6.4 Ameaças (threats).....	170
7.7.1 Quem (who)?	171
7.7.2 O Quê (what)?.....	171
7.7.3 Quando (when)?.....	172
7.7.4 Onde (where)?	172
7.7.5 Por Que (why)?	172
7.7.6 Como (how)?.....	172
7.7.8 Quanto (how Much)?.....	173
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
9. REFERÊNCIAS.....	177

1 INTRODUÇÃO

A internacionalização da educação superior é um fenômeno que assume importância crescente na contemporaneidade, sobretudo diante dos desafios impostos por um mundo cada vez mais interconectado e demandante de soluções inovadoras e colaborativas. Ao iniciar este trabalho, parto do entendimento de que promover o diálogo entre instituições, culturas e sujeitos é fundamental para potencializar práticas educativas mais justas, inclusivas e globalizadas. Nesta introdução, busco situar o leitor quanto ao objeto de pesquisa, aos contextos históricos e às motivações que impulsionam o desenvolvimento da proposta apresentada, delineando o percurso argumentativo e metodológico que será trilhado ao longo da dissertação.

A internacionalização é um processo importante para melhorar a qualidade e relevância da educação superior, e deve ser considerada como parte de uma abordagem mais ampla. Conforme destacado pela UNESCO (2021), essa abordagem deve ser baseada em valores éticos, de responsabilidade social e de cidadania global. Além disso, a internacionalização deve contribuir para a formação de indivíduos com habilidades interculturais, capazes de trabalhar em equipes multiculturais e promover o diálogo intercultural.

Conforme Santos e Almeida (2012) durante os anos 2000, houve um aumento na mobilidade internacional dos grupos de pesquisa e nos programas de pós-graduação brasileiros, o que resultou em uma maior projeção do Brasil no âmbito político-acadêmico, principalmente por intermédio das universidades federais.

Essa maior projeção do Brasil no cenário educacional ocorreu, principalmente, devido a programas adotados pelo governo brasileiro ao longo dos anos. Dentre eles podemos destacar os Programas de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e de Pós-Graduação (PEC-PG).

Os Programas de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e de Pós-Graduação (PEC-PG) são iniciativas do governo brasileiro que visam promover a cooperação educacional com países parceiros, oferecendo oportunidades de formação superior a cidadãos estrangeiros, incluindo aqueles provenientes da comunidade lusófona.

O PEC-G, instituído pelo Decreto nº 7.948, de 12 de março de 2013, é coordenado pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com o Ministério das Relações

Exteriores (MRE). Este programa oferece vagas gratuitas em cursos de graduação em instituições de ensino superior (IES) brasileiras para estudantes de países com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. Entre 2012 e 2022, o MEC selecionou 5.470 estudantes estrangeiros para cursos de graduação no Brasil.

Em novembro de 2022, havia 1.665 alunos regularmente matriculados em 96 IES brasileiras, incluindo 52 universidades federais e 5 institutos federais de educação, ciência e tecnologia. No mesmo período, mais de 2.500 alunos concluíram seus cursos pelo programa (BRASIL, 2022).

O PEC-PG, criado oficialmente em 1981, é uma iniciativa conjunta do MRE, do MEC, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), através do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Este programa oferece bolsas de estudo para cursos de pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em IES brasileiras a nacionais de países com os quais o Brasil possui acordos de cooperação cultural e/ou educacional. Nos últimos vinte anos, o PEC-PG selecionou mais de 3.000 estudantes de pós-graduação. Os beneficiários recebem vagas em IES brasileiras recomendadas pela Capes, sem custos de matrícula, além de bolsa mensal com duração máxima de 24 meses para mestrado e 48 meses para doutorado (BRASIL, 2022).

Em 2011, o governo brasileiro, sob a gestão da presidente Dilma Rousseff, criou o programa Ciências sem Fronteiras por meio do Decreto n. 7642 de 13 de dezembro de 2011. O objetivo principal do Programa era oferecer oportunidades de formação e capacitação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica, e centros de pesquisa estrangeiros de excelência, buscando estabelecer parcerias de cooperação entre grupos de pesquisa no Brasil e no exterior. (BRASIL, 2011;2014). A tabela 1 apresenta informações a respeito do programa Ciências sem Fronteiras.

Tabela 1 - Programa Ciências sem Fronteiras

Objetivos e Desafios					
Objetivo	Modalidades	Resultados Relevantes	Desafios	Critérios de Seleção	Coordenação
Promover a internacionalização da ciência e tecnologia brasileiras	Graduação Sanduíche, Doutorado Sanduíche, Pós-Doutorado, Treinamento no Exterior	Maior interação internacional de estudantes e pesquisadores brasileiros	Altos custos, gestão de bolsas, assimetrias regionais de acesso	Desempenho acadêmico, proficiência em línguas estrangeiras,	CNPq e CAPES

		ros, estímulo à inovação tecnológica		áreas prioritárias	
--	--	--------------------------------------	--	--------------------	--

Tabela de Parcerias e Impactos

Programas de Parceria	Impactos de Longo Prazo	Distribuição Regional dos Participantes	Principais Destinos por Modalidade	Críticas
Acordos com universidades e centros de pesquisa de renome internacional	Melhoria na formação de profissionais qualificados, incremento na produção científica brasileira	Concentração nas regiões Sudeste e Sul do Brasil	Graduação Sanduíche: EUA, Canadá; Doutorado: Alemanha, Reino Unido; Pós-Doutorado: EUA, Alemanha	Falta de acompanhamento pós-retorno, alto custo, menor impacto em regiões menos favorecidas

Fonte: Brasil (2011;2014)

O programa teve início em 2011 e foi encerrado em 2015, com algumas atividades prolongando-se até 2017. Cerca de 101.000 estudantes e pesquisadores brasileiros participaram do programa em diferentes modalidades. Os destinos mais frequentes incluíam os Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Alemanha, França, Portugal e Austrália, entre outros.

O programa Ciências sem Fronteiras (CSF) teve como foco as áreas STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática), incluindo também biotecnologia, energia, nanotecnologia, tecnologia da informação e ciências da saúde. Estima-se que o programa tenha recebido um investimento total de aproximadamente 13,18 bilhões de reais (BRASIL, 2014).

Foram incluídas no programa as modalidades de Graduação Sanduíche, Doutorado Sanduíche, Pós-Doutorado e Treinamento no Exterior, cada uma com diferentes objetivos e durações. Os cursos de Graduação Sanduíche foram realizados predominantemente nos Estados Unidos e Canadá, enquanto o Doutorado ocorreu, principalmente, na Alemanha e no Reino Unido. O Pós-Doutorado concentrou-se nos Estados Unidos e Alemanha.

O programa tinha como objetivo principal aumentar a internacionalização do conhecimento científico brasileiro e incentivar a inovação tecnológica, o que resultou em maior integração internacional e capacitação profissional.

Ao longo dos anos, o programa enfrentou desafios significativos, como os altos custos, a gestão complexa das bolsas e as desigualdades regionais no acesso. Por exemplo, houve uma maior concentração de participantes das regiões Sudeste e Sul do Brasil, o que gerou um desequilíbrio regional na distribuição de bolsas. Essa disparidade limitou a participação de estudantes e pesquisadores das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, comprometendo a abrangência nacional do programa e contribuindo para sua posterior descontinuidade.

O programa foi coordenado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Essas entidades firmaram acordos com universidades e centros de pesquisa renomados mundialmente. Esperava-se, com essas parcerias, melhorar a formação de profissionais qualificados e aumentar a produção científica brasileira, contribuindo para o fortalecimento da ciência e tecnologia do país.

Embora o programa Ciências sem Fronteiras tenha apresentado números expressivos para a internacionalização das instituições brasileiras e contribuído de forma significativa para a formação dos estudantes e pesquisadores brasileiros, nota-se que houve escassa participação dos países lusófonos reforçando o isolamento dessas nações no progresso da ciência.

No Brasil, as estratégias educacionais têm sido voltadas cada vez mais para incentivar o processo de internacionalização, por meio de parcerias governamentais e privadas entre Instituições de Ensino Superior (IES) de diferentes países. Nesse contexto, o meio acadêmico tem buscado responder às pressões do processo de globalização, estabelecendo ações voltadas ao Ensino, Pesquisa e Extensão.

O fenômeno da globalização refere-se ao crescimento e à ampliação das interações sociais em nível global, conectando lugares distantes e possibilitando que eventos ocorridos em locais remotos exerçam influência sobre o que acontece em outras partes do mundo (IANNI, 1996).

No âmbito das IES, para Morosini (2006), há um movimento mundial de internacionalização da educação superior, na qual as IES estão direcionando seus esforços para atender às demandas do mercado, utilizando as energias desenvolvidas pela academia.

A pesquisadora canadense Jane Knight (2003; 2004) afirma que a internacionalização em nível nacional, setorial e institucional é definida como “o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e oferta de educação pós-secundária” (KNIGHT, 2004, p. 11). As razões que levam as IES a adotarem o processo de internacionalização foram identificadas por Knight e De Wit (1997), que afirmam que existem quatro fundamentos subjacentes à internacionalização da educação:

- (i) **motivações políticas**, visando à busca pela paz e o entendimento mútuo;
- (ii) **motivações econômicas**, preocupadas com a competitividade e o crescimento econômico;

- (iii) **motivações socioculturais**, envolvendo a disseminação de valores morais e nacionais; e
- (iv) **motivações acadêmicas**, abrangendo a capacitação das pessoas para o mercado de trabalho, a reputação das IES, a qualidade do ensino, da pesquisa e dos serviços, bem como a exposição cultural decorrente da mobilidade de estudantes e professores.

Um exemplo prático que ilustra essas motivações acadêmicas é o programa Erasmus+, promovido pela União Europeia. Este programa facilita a mobilidade de estudantes, professores e pesquisadores entre países europeus e parceiros globais, promovendo o intercâmbio de conhecimentos e a cooperação acadêmica. Ele está alinhado aos objetivos de capacitar indivíduos para o mercado global, fortalecer a qualidade do ensino e incentivar a pesquisa colaborativa.

Outro exemplo é o Programa de Pós-Graduação Sanduíche no Exterior (PD-SE), desenvolvido pela CAPES no Brasil, que possibilita aos estudantes de pós-graduação a realização de parte de suas pesquisas em instituições estrangeiras. Este programa promove a exposição cultural dos pesquisadores e fortalece a integração de redes acadêmicas internacionais.

O já citado Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação PEC-PG tem fortalecido a internacionalização da educação superior e promovido o intercâmbio acadêmico entre o Brasil e os países parceiros. No caso específico das nações lusófonas, como Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, o programa se alinha a iniciativas de desenvolvimento educacional e qualificação de recursos humanos altamente especializados. (BRASIL, 2022).

A importância do PEC-PG para os países lusófonos transcende a dimensão acadêmica, uma vez que os egressos do programa frequentemente ocupam posições de destaque em instituições de ensino, centros de pesquisa e setores estratégicos em seus países de origem. Dessa forma, o programa representa uma ferramenta de cooperação internacional voltada para o desenvolvimento sustentável, contribuindo para a qualificação profissional e o fortalecimento das relações culturais e científicas entre o Brasil e os demais países lusófonos. (BRASIL, 2022).

Tais iniciativas evidenciam como a mobilidade acadêmica pode contribuir diretamente para o aprimoramento da pesquisa científica e o desenvolvimento intercultural.

Esses programas demonstram que iniciativas concretas podem não apenas fomentar a internacionalização, mas também atender a aspectos essenciais, como o desenvolvimento acadêmico e a promoção da interculturalidade, fortalecendo o papel estratégico das Instituições de Ensino Superior (IES) no cenário global.

Tais exemplos destacam como as motivações acadêmicas incentivam a excelência na formação de estudantes e professores, além de fortalecerem as relações internacionais entre instituições. Ao promover a colaboração global, esses programas enriquecem as bases educacionais, culturais e científicas das nações envolvidas. A inclusão de exemplos como esses no contexto de pesquisas contribui para demonstrar de forma prática os benefícios da internacionalização e ressaltar sua relevância e aplicabilidade.

Diante da relevância do processo de internacionalização para uma concepção de educação planetária e formação de cidadãos globais, torna-se necessário/fundamental identificar estratégias e possibilidades de internacionalização para as nações em contextos desfavoráveis. Para isso, objetiva-se, com este estudo, apresentar uma proposta de plataforma tecnológica para impulsionar a Internacionalização da Educação Superior da Comunidade Lusófona, denominada InterKria.

A InterKria configura-se como uma plataforma tecnológica interativa, concebida para atuar como ambiente digital de apoio à formação cidadã e empreendedora de indivíduos em contextos periféricos e marcados por vulnerabilidades sociais. Longe de se restringir a uma noção abstrata de “plataforma” enquanto metáfora para um espaço de articulação simbólica ou institucional, a InterKria estrutura-se como um sistema digital funcional, baseado em uma arquitetura modular e responsiva, voltado à promoção de experiências formativas mediadas por tecnologias. A proposta compreende a utilização de um ambiente virtual acessível, com recursos organizados de modo a favorecer a autoria, a co-criação e a valorização dos saberes produzidos nos territórios populares.

A plataforma oferecerá um conjunto de funcionalidades específicas que materializam sua intencionalidade pedagógica e metodológica, tais como: trilhas temáticas formativas, ambientes de interação horizontal, espaços para publicação de conteúdos autorais, recursos de acompanhamento de trajetórias individuais e coletivas, elementos de gamificação e repositórios de iniciativas e saberes locais. Trata-se, portanto, de um dispositivo digital orientado à ação educativa e à mobilização educa-

cional, que busca integrar intencionalmente tecnologia, território e protagonismo. A InterKria, assim, não apenas conecta sujeitos, mas também atua como catalisadora de práticas formativas inovadoras, articulando dimensões técnicas, culturais e sociais em sua concepção e operação.

A escolha do nome *InterKria* não é meramente estética ou mercadológica, mas carrega uma intencionalidade conceitual e simbólica profundamente alinhada aos princípios que orientam a plataforma. O termo resulta da combinação de dois eixos semânticos centrais: o prefixo “Inter”, que evoca a ideia de interconexão, interculturalidade, internacionalização, interatividade e intersubjetividade; e o elemento “Kria”, derivado de uma grafia alternativa de “criar”, utilizado aqui como forma de valorizar a potência da criação, co-criação e criatividade como fundamentos do processo educativo e expressa o compromisso com uma educação que reconhece e valoriza a produção de saberes situados, coletivos e insurgentes.

O prefixo *Inter* reforça a natureza relacional da plataforma, que se propõe a ser um espaço de trânsito entre saberes, experiências, territórios e culturas. Essa inter-relação não é apenas técnica ou funcional, mas sobretudo pedagógica e política, ao promover o encontro de povos diversos em torno de processos de formação emancipadora.

Por sua vez, *Kria* remete à ideia de produção de conhecimento situada, inventiva e coletiva, característica fundamental dos povos periféricos e de seus territórios.

A grafia alternativa tem ainda a função de provocar uma leve disrupção semântica, despertando curiosidade e tensionando os sentidos convencionais da palavra, ao mesmo tempo em que aproxima a linguagem da oralidade e da estética urbana – marcas simbólicas importantes da proposta.

Assim, *InterKria* sintetiza, em um nome único, a intenção de articular criação e conexão, saber e território, marginalidade e potência. A nomeação, portanto, é também um gesto político e epistemológico, ao reconhecer e valorizar os modos de expressão e produção de sentido oriundos das margens, reafirmando a centralidade da criatividade como instrumento de emancipação social: conectar para criar, criar para transformar. InterKria é, simultaneamente, tecnologia e narrativa, instrumento e território, ação e linguagem.

Os países de Língua Portuguesa enfrentam desafios comuns relacionados ao desenvolvimento, como desigualdade, pobreza e acesso limitado a oportunidades educacionais e econômicas. A cooperação educacional pode ser um catalisador para

impulsionar o desenvolvimento sustentável, promovendo o crescimento econômico, a equidade social e a inclusão.

Em um mundo cada vez mais interconectado, é fundamental preparar os jovens para serem cidadãos globais. Isso implica promover a compreensão intercultural, a tolerância e o respeito pela diversidade, valores que são essenciais para uma convivência pacífica e colaborativa em uma sociedade global.

A qualidade da educação superior é um fator determinante para o sucesso dos indivíduos e o desenvolvimento dos países. Investir na melhoria da qualidade da educação é um passo crucial para garantir que os estudantes estejam bem preparados para enfrentar os desafios do século XXI.

O projeto se alinha com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, ao promover o acesso equitativo à educação superior e a cooperação internacional.

No capítulo da justificativa da pesquisa, detalharemos como o projeto poderá atuar na prática em cada um dos ODS a partir de exemplos de funcionalidades que poderão ser aplicadas pela plataforma proposta.

A originalidade deste projeto reside em sua abordagem de construir pontes educacionais entre nações de língua portuguesa que compartilham laços culturais, históricos e linguísticos profundos, mas que também enfrentam desafios únicos.

Embora a cooperação internacional na educação seja comum, o foco na cooperação entre países de língua portuguesa na África e na América do Sul é relativamente incipiente. Essa colaboração tem o potencial de criar uma plataforma única para a troca de conhecimento e experiências que beneficiarão diretamente os estudantes e as comunidades dessas nações.

Após esta contextualização inicial, torna-se possível avançar para a delimitação dos objetivos e justificativas que fundamentam este estudo. A intenção é demonstrar, de maneira clara, como a plataforma InterKria se propõe a responder a demandas concretas da internacionalização nos países lusófonos, articulando teoria e prática no âmbito da administração universitária. No capítulo seguinte, aprofundo a discussão acerca dos objetivos gerais e específicos do trabalho, bem como apresento as razões que conferem relevância acadêmica, social e institucional ao percurso investigativo ora delineado.

1.1 OBJETIVOS

A definição clara dos objetivos é fundamental para orientar o percurso desta dissertação e delimitar as contribuições efetivas da pesquisa no contexto da internacionalização da educação superior nos países lusófonos. Nesta seção, apresento tanto o objetivo geral quanto os objetivos específicos do estudo, de modo a evidenciar as intenções que guiam a proposta da plataforma InterKria, suas prioridades metodológicas e o alcance pretendido das soluções propostas.

1.1.1 Objetivo geral e objetivos específicos

Objetivo Geral

Apresentar uma proposta de plataforma tecnológica para impulsionar a internacionalização da Educação Superior da comunidade lusófona.

Objetivos específicos

1. Mapear e identificar as necessidades de impulsionar a internacionalização da educação superior para a formação de cidadãos globais nas comunidades lusófonas.
2. Levantar e analisar os requisitos informacionais para o desenvolvimento de uma plataforma que impulse a internacionalização da educação superior e a cooperação internacional entre os países de língua portuguesa.
3. Desenvolver e apresentar um protótipo de funcionamento da plataforma proposta, apresentando sua viabilidade técnica, pedagógica e seu alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no contexto da internacionalização da educação superior nos países lusófonos.

Concluída a exposição dos objetivos, passo a fundamentar, no próximo tópico, a justificativa teórica e prática deste trabalho. A seguir, detalho os motivos que conferem relevância social, acadêmica e institucional ao estudo, bem como as razões pelas quais a internacionalização suportada por tecnologias e voltada para comunidades lusófonas se apresenta como resposta inovadora e necessária aos desafios contemporâneos do ensino superior.

1.2 JUSTIFICATIVA

A justificativa deste estudo fundamenta-se na relevância que a internacionalização da educação superior assumiu, nas últimas décadas, para pesquisadores, gestores e instituições acadêmicas. O tema destaca-se não apenas pela contribuição à formação humanizada dos estudantes, mas também pela necessidade de fomentar práticas colaborativas, inovadoras e inclusivas que respondam aos desafios globais, especialmente no âmbito dos países lusófonos. Nesta seção, busco evidenciar a pertinência do desenvolvimento de uma plataforma digital voltada à internacionalização, abordando tanto os aspectos conceituais quanto os impactos observados nas dimensões pedagógica, cultural e social.

A internacionalização da educação é um dos processos mais discutidos nas últimas décadas por pesquisadores e instituições educacionais, tendo sido reconhecida como uma atividade que enriquece a formação dos estudantes (RUDZKI, 1998; ALTBACH, 2002; KNIGHT, 2003; HUDZIK, 2011; DE WIT, 2013b; STALLIVIERI, 2017).

Esse processo não só amplia a experiência acadêmica, como também promove uma educação humanizada, na qual o respeito pelas diferenças culturais, a cooperação e a promoção da paz são objetivos centrais. Finardi e Guimarães (2020) ressaltam que, no cenário atual, marcado pela crise global causada pela pandemia da COVID-19, é imperativo redirecionar os esforços de internacionalização, promovendo menos competição e mais colaboração entre as instituições. Leask (2020) reforça essa ideia ao argumentar que a crise pandêmica trouxe uma oportunidade única para reavaliar as práticas tradicionais de internacionalização, que frequentemente se concentravam de forma excessiva na mobilidade física, uma atividade cara, elitista e com impacto ambiental significativo.

Com a internacionalização tradicional enfrentando limitações práticas e ambientais, a mobilidade virtual surge como uma alternativa promissora para o futuro da educação superior. Segundo previsões de Leask (2020), a mobilidade virtual será a nova realidade para estudantes internacionais nos próximos anos. Para que essa transição seja eficaz, é fundamental que as instituições de ensino superior adaptem suas abordagens de ensino, pesquisa e prestação de serviços, adotando práticas mais inclusivas e sustentáveis.

A implementação de programas de mobilidade virtual tem ganhado destaque

como uma estratégia prática para impulsionar a internacionalização da educação superior, sendo o modelo COIL (Collaborative Online International Learning) uma das abordagens mais notáveis. No Brasil, universidades como a UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e a UNESP (Universidade Estadual Paulista) já apresentam exemplos concretos de sua adoção.

Na UNESP, o programa COIL tem sido utilizado para conectar estudantes e professores de diversas áreas com instituições internacionais. Alguns exemplos significativos incluem projetos como "Arte e Saúde – Construindo um conceito de Saúde em um contexto de Aldeia Global," realizado entre janeiro e março de 2022. Este projeto envolveu 8 alunos do Brasil, 7 dos Estados Unidos e 15 da Holanda. As produções resultantes desse projeto foram compartilhadas entre o grupo internacional, formado pela University of Florida, Center for Arts in Medicine (EUA); University of Groningen, Liberal Arts and Sciences (Holanda); e Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Medicina de Botucatu (Brasil). As atividades foram realizadas de forma síncrona e assíncrona, sob a supervisão de professores colaboradores, utilizando ferramentas de tecnologia da informação e comunicação, como Google Meet, Google Drive e a plataforma Zoom.

Outro exemplo significativo é o projeto "Gestão de Pessoas: os desafios da equidade de gênero nas empresas," realizado entre os meses de setembro e novembro de 2021. Este projeto envolveu 60 participantes dos cursos de Administração da UDEP (Universidade de Piura), no Peru, e da UNESP, campus Tupã (Brasil).

Essas experiências proporcionaram a integração proposital de dimensões internacionais e interculturais no currículo formal e informal dos estudantes, em um ambiente de aprendizado doméstico.

Esses programas são exemplos claros de como a mobilidade virtual pode superar barreiras físicas e econômicas, permitindo o acesso a uma educação internacionalizada de forma mais inclusiva e sustentável. Essa abordagem está alinhada às previsões de Leask (2020) sobre o futuro da educação superior, destacando a capacidade das tecnologias digitais em reconfigurar práticas tradicionais de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, uma plataforma de internacionalização entre países lusófonos representa uma oportunidade valiosa para promover a colaboração acadêmica, científica e cultural entre essas nações, especialmente considerando sua herança linguística e cultural comum.

A cooperação entre países lusófonos ganha relevância ao se observar as semelhanças e os desafios compartilhados por esses países. De acordo com De Wit e Hunter (2015), a colaboração internacional fortalece as capacidades institucionais e é essencial para o desenvolvimento de uma educação de qualidade. Este projeto busca criar uma plataforma que fortaleça esses laços, ampliando o acesso ao conhecimento e à inovação, conforme defendido pela UNESCO (2021), que aponta a importância de plataformas colaborativas e inclusivas para um desenvolvimento educacional eficaz e de amplo alcance.

Internacionalmente, um destaque relevante é o Erasmus Virtual Exchange, uma iniciativa da União Europeia que utiliza ferramentas digitais para conectar jovens de diferentes países. O programa promove debates interculturais e o desenvolvimento acadêmico em um ambiente online, oferecendo oportunidades de aprendizado que integram dimensões globais ao currículo dos participantes. Essa abordagem amplia o acesso à internacionalização, especialmente para estudantes que enfrentam barreiras financeiras ou logísticas, tornando-se uma solução inclusiva e sustentável para o contexto educacional contemporâneo.

A introdução de tecnologias digitais na educação superior representa uma transformação significativa, permitindo personalizar a experiência de ensino e aprendizagem e adaptar o conteúdo às necessidades individuais dos alunos (AHMAD et al., 2021). A cooperação acadêmica mediada por essas tecnologias pode superar barreiras geográficas e linguísticas, oferecendo uma educação mais inclusiva e acessível. Plataformas digitais e ferramentas de colaboração possibilitam a interação entre estudantes e professores de diferentes países, facilitando o desenvolvimento de competências interculturais e habilidades de comunicação e resolução de problemas, conforme observado por Johnson et al. (2016).

A plataforma de internacionalização proposta pode se beneficiar de diversas tecnologias avançadas para apoiar atividades de ensino, extensão, pesquisa e gestão, alinhando-se às necessidades específicas de uma rede internacional entre países lusófonos. A seguir, são destacadas algumas das principais funcionalidades e implementações tecnológicas que podem contribuir para o processo de internacionalização proposto:

1.2.3 Ensino Colaborativo e Multicultural

Para criar uma experiência de ensino colaborativa e internacional, a plataforma poderá integrar cursos no modelo COIL (Collaborative Online International Learning), que permitem a interação entre estudantes de diferentes instituições em projetos acadêmicos conjuntos. A implementação de ferramentas como videoconferências, fóruns de discussão e repositórios de materiais será fundamental para facilitar a comunicação e o trabalho em grupo. Além disso, treinamentos direcionados aos professores sobre o uso desses recursos serão essenciais para garantir a qualidade das atividades COIL.

Outro aspecto importante é a oferta de intercâmbios virtuais e palestras ministradas por professores das instituições parceiras, o que demandará uma agenda compartilhada, certificações para eventos acadêmicos e gravações disponibilizadas para acesso posterior. A inclusão de cursos de idiomas e formações interculturais também desempenhará um papel central, com módulos virtuais e tutores especializados para capacitar os estudantes a interagir em um contexto acadêmico internacional.

1.2.4 Extensão e Cooperação Intercultural

Na área de extensão, a plataforma pode coordenar projetos conjuntos entre universidades dos países lusófonos que abordem questões sociais locais sob uma perspectiva global, promovendo o engajamento em iniciativas sustentáveis e de responsabilidade social. A plataforma poderá oferecer suporte tecnológico para a organização de programas de voluntariado e parcerias com ONGs locais. Recursos como sistemas de comunicação integrados também serão fundamentais para a execução eficiente desses projetos.

Feiras culturais e eventos virtuais são essenciais para celebrar a diversidade cultural. A criação de um espaço para a troca de conhecimentos e tradições fortalecerá os laços interculturais entre os participantes. Além disso, uma biblioteca de recursos culturais compartilhados poderá servir como uma fonte de inspiração e enriquecimento cultural para todos os envolvidos.

1.2.5 Pesquisa e Desenvolvimento sem Fronteiras

Para promover a pesquisa colaborativa, a plataforma poderá conectar pesquisadores com interesses comuns de investigação além de oferecer ferramentas como repositórios de dados, sistemas de videoconferência e repositórios compartilhados, que permitam o desenvolvimento de pesquisas em conjunto. Uma funcionalidade importante será a busca por financiamento e parcerias institucionais, auxiliando pesquisadores a identificar fontes de apoio financeiro e conectarem-se com outros colaboradores internacionais.

Para facilitar a disseminação do conhecimento, a plataforma poderá organizar conferências e simpósios internacionais, além de publicar os anais desses eventos em acesso aberto, ampliando a visibilidade das pesquisas realizadas em parceria. A criação de uma rede de laboratórios virtuais permitirá que experimentos e estudos científicos sejam conduzidos remotamente, aumentando o acesso a tecnologias avançadas e infraestruturas de pesquisa.

1.2.6 Gestão e Boas-Práticas Internacionais

Na gestão acadêmica, a plataforma poderá desenvolver manuais de boas práticas e oferecer treinamentos especializados para administradores universitários, e também propor programas de desenvolvimento de liderança que poderão identificar e formar novos líderes capazes de promover cooperação, inovação e internacionalização.

Além disso, o compartilhamento de recursos administrativos e boas práticas de gestão, como sistemas de gestão integrados e suporte técnico contínuo, será um aspecto essencial para garantir a eficiência das operações entre as universidades participantes. A implementação de práticas de benchmarking e avaliações de desempenho permitirão que as instituições estabeleçam padrões de excelência e identifiquem áreas para melhorias contínuas.

Assim, ao oferecer uma infraestrutura digital robusta e colaborativa, a plataforma proposta contribuirá para a criação de um ambiente acadêmico mais inclusivo e intercultural, abrangendo as áreas de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Ela facilitará a internacionalização acadêmica de maneira prática, criando conexões significativas entre os países lusófonos e promovendo o desenvolvimento

educacional e científico em uma escala global.

A viabilidade desse projeto é garantida não só pelos avanços tecnológicos recentes, mas também pelo crescente interesse em parcerias internacionais e em soluções digitais na educação. O uso de infraestrutura digital acessível facilita a implementação de programas educacionais inovadores, proporcionando uma rede colaborativa que transcende fronteiras e fomenta o intercâmbio de ideias, conhecimento e práticas educacionais. Esse contexto torna o projeto não apenas possível, mas necessário para uma educação superior mais conectada e inclusiva, que permita a formação de cidadãos globais.

Este projeto de plataforma digital também desempenha um papel estratégico no fortalecimento do desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação (CT&I) em estados como Santa Catarina, alinhando-se com políticas nacionais que incentivam a internacionalização e a aplicação de tecnologias educacionais. No contexto local, a plataforma atenderá demandas específicas do poder público, setor produtivo e da comunidade, criando um ecossistema de desenvolvimento que beneficiará a sociedade catarinense como um todo. Para o setor produtivo, por exemplo, a plataforma contribuirá para a formação de uma força de trabalho mais qualificada e internacionalmente experiente, incentivando a inovação e a competitividade na economia local.

A plataforma poderá expandir seu impacto para além do setor produtivo e do ensino superior, abrangendo também a educação básica e técnica. Essa ampliação reforçará o desenvolvimento de competências globais desde cedo. Com base nos Parâmetros para Internacionalização da Educação Básica, desenvolvido por Morosini, Stallivieri e outros pesquisadores, observa-se que a internacionalização na educação básica é essencial para preparar os alunos para um mundo globalizado, onde habilidades interculturais e o domínio de línguas estrangeiras são diferenciais importantes.

Na educação básica, a plataforma poderá promover programas de intercâmbio virtual e aprendizado colaborativo, tais como cursos de idiomas e atividades culturais com foco em países lusófonos como estratégia de superar as lacunas existentes da barreira linguística e de mobilidade. Essas iniciativas permitirão que estudantes em idade escolar entrem em contato com culturas e contextos diversos, desenvolvendo desde cedo competências como a capacidade de trabalhar em equipes multiculturais e habilidades socioemocionais, tais como

empatia, tolerância, respeito, criatividade e inovação.

Outro aspecto relevante é o apoio ao ensino técnico, no qual a plataforma poderá oferecer workshops e treinamentos direcionados para o desenvolvimento de habilidades práticas e tecnologias emergentes. Essas atividades incentivarão os jovens a aplicar seus conhecimentos tanto em contextos locais quanto internacionais e prepará-los para o futuro do trabalho.

A implementação de programas de mentoria e intercâmbio virtual facilitará o contato de estudantes do ensino básico e técnico com realidades e desafios de outros países e culturas. Essas experiências contribuirão para preparar os jovens para os próximos passos na educação superior e no mercado de trabalho globalizado, interconectado e em constante mudança. Segundo os autores do documento mencionado, a internacionalização no ensino básico promove uma educação “integrada e conectada,” essencial para que os jovens se tornem cidadãos globais, capazes de dialogar e interagir em uma sociedade diversa e interdependente.

Além disso, a plataforma poderá facilitar parcerias entre escolas técnicas e instituições educacionais de outros países lusófonos, incentivando a formação de redes de cooperação técnica e científica, bem como a troca de metodologias educacionais. Dessa forma, a plataforma contribuirá para um processo de internacionalização que abrange toda a trajetória educacional do indivíduo, desde a educação básica até o ensino superior. Isso garantirá uma transição mais fluida entre as etapas escolares e o início da formação superior, evitando as rupturas paradigmáticas que frequentemente ocorrem hoje.

A formação de profissionais e cidadãos globais bem-preparados para enfrentar os desafios contemporâneos, iniciada na educação básica, propiciará um percurso educativo mais coeso e eficaz, alinhando-se às demandas do mundo interconectado.

No cenário global, este projeto contribui diretamente para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, em especial os ODS 4 (Educação de Qualidade), ODS 5 (Igualdade de Gênero), ODS 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico), ODS 10 (Redução das Desigualdades), ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima), ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes) e ODS 17 (Parcerias e Meios de Implementação).

A seguir, apresentamos alguns exemplos práticos que mostram o impacto

direto e mensurável dessas ações:

1. **ODS 4 – Educação de Qualidade:** A plataforma facilitará o acesso a recursos educacionais de alta qualidade para estudantes e professores, como cursos colaborativos (COILs) e intercâmbio virtual. Além disso, ao promover treinamentos interculturais e de idiomas, a plataforma capacitará alunos e docentes a se adaptarem a ambientes internacionais, elevando a qualidade do ensino e promovendo a equidade educacional em países de língua portuguesa.
2. **ODS 5 – Igualdade de Gênero:** Por meio de programas de mentoria e capacitação focados em liderança feminina e diversidade, a plataforma poderá criar redes de apoio para mulheres no ensino superior e em campos técnicos. A promoção de eventos e workshops sobre igualdade e direitos de gênero também contribuirá significativamente para a conscientização e o empoderamento de mulheres e meninas.
3. **ODS 8 – Trabalho Decente e Crescimento Econômico:** A plataforma oferecerá treinamentos técnicos e oficinas práticas em áreas como sustentabilidade e tecnologia. Esses programas qualificarão os participantes, ampliando suas oportunidades de emprego e preparando-os para o mercado de trabalho global. Além disso, parcerias estratégicas com o setor privado criarão oportunidades de estágio e projetos que aproximam o estudante da realidade profissional.
4. **ODS 10 – Redução das Desigualdades:** Por meio de uma estrutura de intercâmbio acadêmico virtual, a plataforma tornará a internacionalização mais inclusiva, permitindo que estudantes de diferentes condições socioeconômicas tenham acesso a experiências globais. Isso será viável independentemente de restrições financeiras, linguísticas ou de mobilidade física. Com isso, haverá uma redução significativa na desigualdade de acesso a experiências educacionais internacionais.
5. **ODS 13 – Ação Contra a Mudança Global do Clima:** A plataforma poderá incluir em seus projetos conjuntos de extensão temas relacionados à sustentabilidade e mudanças climáticas. Essas iniciativas promoverão práticas ambientais, desenvolvendo de soluções e treinamentos em responsabilidade ecológica. A criação de grupos de pesquisa em sustentabilidade permitirá que estudantes e professores proponham soluções

locais e aplicáveis para questões ambientais globais.

6. **ODS 16 – Paz, Justiça e Instituições Eficazes:** A promoção do diálogo intercultural e da resolução de conflitos será incentivada por meio dos cursos COIL, onde estudantes de diferentes países discutirão temas como direitos humanos e justiça social. A plataforma também poderá organizar debates e conferências sobre governança, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e pacífica.
7. **ODS 17 – Parcerias e Meios de Implementação:** Por definição, a plataforma atuará como uma ponte entre universidades, centros de pesquisa, ONGs e o setor produtivo, promovendo a cooperação entre diferentes instituições. Isso facilitará a troca de conhecimento, aumentará a eficiência na execução de projetos e incentivará o desenvolvimento sustentável e inclusivo por meio da colaboração internacional.

Essas iniciativas, implementadas com base em indicadores mensuráveis, como o número de estudantes impactados, horas de intercâmbio virtual realizadas e projetos desenvolvidos em parceria, tornarão a plataforma uma ferramenta eficaz para o avanço dos ODS. Além disso, a plataforma contribuirá para a educação, conscientização e engajamento social dos participantes, consolidando sua relevância como um instrumento estratégico no âmbito da internacionalização.

Recentemente, o tema da redação do ENEM¹ (Exame Nacional do Ensino Médio) 2024, intitulado "Desafios para a valorização da herança africana no Brasil," evidencia a necessidade de reconhecer, preservar e valorizar essa contribuição fundamental na identidade brasileira. A proposta de uma plataforma de cooperação entre países lusófonos conecta-se diretamente a essa demanda, oferecendo um espaço para intercâmbio cultural e histórico entre nações com raízes africanas comuns.

Essa plataforma que está sendo proposta propiciará o reconhecimento mútuo e fortalece o senso de pertencimento coletivo, essencial para a valorização cultural. A cooperação com países lusófonos contribui para uma educação inclusiva que combate o racismo e promove igualdade, como propõe Munanga (2019). Além disso,

¹ O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é uma avaliação padronizada aplicada anualmente no Brasil pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Destina-se a avaliar o desempenho dos estudantes ao término da educação básica e é utilizado como critério de acesso ao ensino superior em instituições públicas e privadas, além de programas governamentais como o SISU, PROUNI e FIES.

Referência: BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/avaliacao-e-exames-educacionais/enem>. Acesso em: 20/02/2025.

proporciona visibilidade à cultura afro-lusófona em escala global, fortalecendo a identidade e o empoderamento de povos afrodescendentes.

A valorização da cultura afro-lusófona na educação e na sociedade brasileira é fundamentada em dados que evidenciam sua relevância para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente de sua diversidade cultural. Um marco legislativo fundamental para essa valorização é a Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todos os níveis da educação básica.

Posteriormente, essa Lei foi ampliada pela Lei nº 11.645/2008, que incluiu também o ensino da cultura indígena. Esses dispositivos legais buscam assegurar que as contribuições dos povos afrodescendentes e indígenas sejam reconhecidas e valorizadas no currículo escolar, promovendo a inclusão e o combate ao racismo estrutural na educação.

Dados da UNESCO (2021) mostram que o fortalecimento da identidade e da autoestima de jovens afrodescendentes, promovido por uma educação que reconhece suas heranças culturais, tem impacto direto na redução da evasão escolar e no aumento do engajamento acadêmico. Além disso, estudos de Oliveira e Paiva (2020) indicam que, em escolas que implementaram conteúdos de cultura afro-brasileira, houve uma melhora significativa na convivência escolar e na diminuição de atitudes racistas. Esses mesmos estudos apontam que alunos brancos passaram a compreender e respeitar mais a diversidade cultural, contribuindo para a formação de um ambiente escolar mais harmonioso.

A plataforma de internacionalização proposta potencializará esses benefícios ao desenvolver programas específicos de intercâmbio cultural, workshops e cursos COIL, que facilitam o contato de estudantes brasileiros com as culturas de países lusófonos africanos. Em Portugal, por exemplo, o Concerto “Raizes Sonoras: um Encontro Afro-lusófono”² ocorrido na Universidade Nova de Lisboa teve como objetivo promover o setor da música e das artes cênicas como potenciadores da economia e da educação formal e informal junto das camadas infantojuvenis – bem como recuperar e divulgar a cultura musical e cênica dos países de origem e na diáspora como meio de promoção do multiculturalismo e inclusão social e revelou-se uma prática valiosa. Essa iniciativa promoveu a construção de narrativas inclusivas e o reconhecimento de uma história afro-lusófona comum. Tais intercâmbios

² <https://www.unl.pt/eventos/concerto-raizes-sonoras-um-encontro-afro-lusofono/> Acesso em 20/02/2025

expandem a percepção dos estudantes brasileiros sobre a influência africana em diferentes contextos, fomentando a solidariedade e o respeito intercultural.

Outra experiência significativa ocorreu no estado de São Paulo, professores da rede estadual de educação obtiveram reforço para o ensino da história e cultura africana³. Em parceria com a ONG Projeto Afreaka, a Secretaria da Educação vai entregar às escolas exemplares da revista “Afreaka – África sem estereótipos”. A iniciativa tem apoio do Núcleo de Inclusão Educacional (NINC), responsável pelas ações pedagógicas específicas para alunos estrangeiros, educação quilombola e diversidade sexual e de gênero.

Em 2024, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Ministério da Igualdade Racial (MIR) lançaram o programa “Caminhos Amefricanos: Programa de Intercâmbios Sul-Sul.”⁴ Esse programa incentiva a troca de conhecimentos, experiências e políticas públicas voltadas para o combate ao racismo e para a educação das relações étnico-raciais. A iniciativa busca fortalecer a cooperação acadêmica entre instituições de ensino superior e incentivar pesquisas e o desenvolvimento científico e tecnológico voltados para a promoção da igualdade racial. Além disso, o programa fortalece a formação inicial e continuada de educadores sob a perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais. Em sua primeira edição o programa prevê intercâmbios entre Peru, Angola e República Dominicana, fortalecendo os laços da cooperação Sul Sul, sobretudo, as Américas e África.

O Programa Caminhos Amefricanos, entretanto, limita-se a graduandos em licenciatura e profissionais da educação básica que sejam quilombolas ou autodeclarados pretos ou pardos. Embora seja uma ação valiosa, sua abrangência poderia ser ampliada para incluir outros grupos interessados em contribuir para a valorização da cultura afrodescendente.

Esses exemplos mostram que, ao investir na valorização da cultura afro-lusófona e promover parcerias internacionais que ampliem o conhecimento sobre essas heranças, o programa proposto pelo governo brasileiro contribuirá para a formação de uma sociedade que reconhece e respeita suas raízes africanas. Ao integrar essas iniciativas às políticas educacionais e culturais, é possível criar um

³ <https://www.educacao.sp.gov.br/escolas-da-rede-recebem-colecao-sobre-historia-da-frica-e-afrodescendentes/> Acesso em 20/02/2025

⁴ https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/editais/23122024_Edital_2517683_SEI_2515663_Edital_Conjunto_4_2024.pdf Acesso em 20/02/2025

ambiente mais igualitário e promover o respeito à diversidade como um valor fundamental.

Por fim, o projeto se justifica por sua relevância científica e social, preenchendo uma lacuna na área da internacionalização da educação superior e da tecnologia educacional com a criação de um ambiente digital que promove a internacionalização de forma sustentável. A combinação de metodologias inovadoras, como a pesquisa-ação e o design thinking, permitirá que a plataforma seja construída de forma colaborativa e centrada nas necessidades dos usuários, garantindo uma experiência intuitiva e engajadora. Dessa forma, este projeto torna-se não só um avanço na internacionalização educacional, mas também um modelo replicável de cooperação digital e sustentável, que poderá inspirar futuras iniciativas de integração entre países com heranças culturais e linguísticas semelhantes.

Ao final desta discussão, torna-se evidente que a proposta aqui apresentada transcende a dimensão técnica e adquire valor estratégico para a promoção de uma educação superior mais conectada, acessível e transformadora. Considerando o alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e a necessidade de soluções inovadoras para superar barreiras históricas entre os países lusófonos, a próxima sessão será dedicada à organização estrutural deste estudo, detalhando como cada capítulo contribuirá para a compreensão e viabilização da plataforma InterKria.

1.3 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos. No primeiro, foram apresentadas a contextualização do tema, a situação-problema, o objetivo geral, os objetivos específicos e a justificativa da pesquisa.

O segundo capítulo da dissertação é dedicado à revisão da literatura e fundamentação teórica, que está estruturada em três eixos centrais: **Internacionalização da Educação Superior, Nações em Contextos Desfavoráveis e Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)** como ferramentas para fomentar a internacionalização. A escolha desses eixos se justifica pela necessidade de compreender, primeiramente, as bases teóricas e práticas que sustentam o conceito de internacionalização na educação superior, destacadas

principalmente por teóricos como Knight (2004), De Wit (2020) e Stallivieri (2019). Esse aspecto é fundamental para explorar estratégias que preparem as Instituições de Ensino Superior (IES) para contextos globais cada vez mais integrados e competitivos.

O eixo sobre contextos desfavoráveis examina os desafios que limitam a implementação eficaz da internacionalização, incluindo barreiras financeiras, culturais e estruturais. Além de analisar essas limitações, busca-se compreender o *status quo* da internacionalização nos países do Sul Global, com destaque para suas particularidades e definições. Esse enfoque permite aprofundar as concepções teóricas no contexto dos países lusófonos, que constituem o objeto principal da pesquisa. Para isso, foram analisados dados estatísticos e descritivos disponibilizados por organismos multilaterais, como a UNESCO, ONU, OCDE e Banco Mundial, entre outros. Tal abordagem é essencial para identificar lacunas existentes e propor soluções inovadoras que considerem as especificidades culturais e econômicas dessa região, contribuindo para a construção de estratégias mais inclusivas e contextualizadas.

Por fim, o eixo sobre as TICs examina como ferramentas digitais e recursos tecnológicos podem transformar esses obstáculos em oportunidades. As TICs, como apontam diversos estudiosos, desempenham um papel vital na superação de barreiras físicas e econômicas, oferecendo soluções escaláveis e sustentáveis para promover o intercâmbio acadêmico. Ferramentas como plataformas digitais, videoconferências e repositórios de dados surgem como alternativas para ampliar o alcance e a efetividade da internacionalização, especialmente em contextos de restrições orçamentárias.

A escolha desses eixos reflete o esforço em construir uma base teórica abrangente e alinhada aos objetivos da pesquisa. Essa abordagem destaca não apenas a relevância da temática no cenário educacional contemporâneo, mas também as possibilidades práticas de intervenção, contribuindo para a criação de políticas e ações que favoreçam a internacionalização em contextos desfavoráveis.

No terceiro capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos que caracterizam esta pesquisa, detalhando-se os passos e procedimentos realizados para a consolidação da plataforma.

No capítulo quatro, consta a apresentação e a análise dos dados obtidos na pesquisa, destacando os principais resultados e suas implicações para a

internacionalização da educação superior entre países de língua portuguesa.

A análise desta pesquisa baseou-se em dados quantitativos e qualitativos, englobando estatísticas e descrições fornecidas por organismos multilaterais, como a UNESCO, ONU, OCDE e Banco Mundial. Esses dados cobrem uma ampla gama de indicadores, incluindo mobilidade estudantil, taxa de natalidade, expectativa de crescimento populacional nos países lusófonos, acessibilidade às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e índices de desenvolvimento humano (IDH).

Cabe ressaltar que no aspecto quantitativo, os dados obtidos serviram para uma compreensão holística da situação de cada uma das nações de língua portuguesa, não tendo como objetivo análises aprofundadas e tampouco realizar análises estatísticas.

Essa abordagem permitiu elaborar um panorama abrangente e fundamentado, oferecendo subsídios para uma análise crítica das condições atuais e das possibilidades de internacionalização nesses contextos.

O capítulo cinco apresenta as conclusões desta pesquisa, destacando suas contribuições, limitações e sugestões para estudos futuros. Como contribuição principal, espera-se que a plataforma proposta possa impulsionar a implementação de novas práticas educacionais no contexto lusófono, promovendo o avanço na formação da cidadania global e da consciência planetária.

Por fim, são apresentadas as referências bibliográficas utilizadas e os apêndices, que incluem as ações realizadas e demais documentos de apoio para a consolidação da plataforma.

O capítulo a seguir traz a fundamentação teórica utilizada no desenvolvimento da pesquisa e a revisão da literatura.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E REVISÃO DA LITERATURA

Esta sessão está dedicada à construção do referencial teórico que fundamenta a proposta apresentada nesta dissertação. Com base em autores clássicos e contemporâneos, busco apresentar as principais contribuições, debates e desafios que envolvem a internacionalização da educação superior, especialmente em contextos de países lusófonos e realidades desfavoráveis. O objetivo é estabelecer uma base sólida, dialogando com literatura nacional e internacional, para embasar tanto a

análise crítica do fenômeno quanto a concepção da plataforma InterKria.

2.1 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

2.1.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA

A internacionalização da educação superior tem suas raízes desde o surgimento das primeiras universidades europeias, que acontecia devido à ausência de universidades em muitos países e ao uso comum do latim nas instituições de ensino (ENGWALL, 2016). Além disso, a própria origem da palavra universidade – universi-tas – reflete a universalização do conhecimento. Isso significa que a internacionalização está intrínseca ao conceito de universidade, sendo um dos seus atributos fundamentais (RUDZKI, 1995; KNIGHT; DE WIT, 1995). Segundo Stallivieri (2004; 2017), a internacionalização da educação acontece desde antes da era cristã, embora os principais centros de excelência só tenham surgido após a queda do Império Romano.

Durante muito tempo, os estudantes passaram da Europa Central para as universidades italianas [Pádua, Bolonha, Siena] e, em menor medida, para as francesas [Paris, Montpellier, Orleans], desenvolvendo seus estudos visitando várias universidades e obtendo o seu diploma durante o retorno. O que gerou essa mobilidade durante a Idade Média, em primeiro lugar, foi a busca de novos conhecimentos, novas descobertas em diferentes partes do continente. No entanto, muito fortemente, ao lado dos estudos referidos, surgiu a viagem em si, a experiência existencial e a possibilidade de rever seu valor educacional. (CHARLE; VERGER apud STALLIVIERI, 2004, p. 23).

As motivações para a internacionalização, por meio da mobilidade, centravam-se inicialmente em objetivos acadêmicos, dando destaque às melhores universidades e aos melhores estudantes. Tais propósitos começaram a mudar no período pós-primeira guerra mundial, quando o conceito de viagens de estudos foi modificado para o “conceito de aprendizado de convivência pacífica entre os povos” (STALLIVIERI, 2017, p. 57), com o intuito de oferecer assistência aos povos destruídos pela guerra.

É no período pós-segunda guerra que surgem os conceitos de educação para a paz e que o interesse de desenvolver a compreensão e a colaboração entre as nações se sobrepõe aos interesses puramente acadêmicos (STALLIVIERI, 2017).

Outra importante mudança acontece com a formação dos blocos econômicos,

apresentando novos interesses para a educação internacional. A educação passa a ser vista como “um forte elemento estratégico para o desenvolvimento do comércio e para a competitividade internacional” (STALLIVIERI, 2017, p. 57).

Segundo Knight e De Wit (1995), a internacionalização da educação superior volta a ganhar força no período pós II Guerra Mundial, com destaque para os Estados Unidos e para a União Soviética. Enquanto a Europa tentava se reconstruir das perdas da guerra, Estados Unidos e União Soviética tinham razões políticas para fomentar a internacionalização e a mobilidade acadêmica, como forma de expandir sua área de influência no mundo. Nesse período acontece o que Engwall (2016) chama de internacionalização com o objetivo de disseminar cultura e ideias.

A expansão da internacionalização iniciada na década de 80 alcança grande destaque no cenário da educação superior no final do século XX, com a Conferência Mundial da Educação Superior (CMES), realizada pela UNESCO e a assinatura da Declaração de Bolonha em 1999, que deu origem ao processo de Bolonha (CROWTHER, 2000; STALLIVIERI, 2017).

A Conferência Mundial da Educação Superior (CMES) de 1998 teve uma de suas quatro Comissões voltada à discussão da Cooperação Internacional. O artigo 11 da Declaração Mundial da Conferência afirma que a dimensão internacional é uma das características de qualidade da educação superior, envolvendo aspectos como mobilidade de estudantes e docentes, pesquisas internacionais e valores culturais dos países, entre outros (UNESCO BRASIL, 2003). De acordo com o documento, a internacionalização pode ser admitida como medida de qualidade da educação superior.

O Processo de Bolonha, estabelecido a partir de 1999, foi assinado pelos ministros da educação superior europeus, durante a realização do encontro realizado na cidade de Bolonha, na Itália. Decorrente deste encontro, tem-se a Declaração de Bolonha, que é um documento assinado inicialmente por vinte e nove países com o objetivo de estabelecer o Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES), o número de países signatários foi aumentando no decorrer dos anos e chegou a quarenta e nove países em 2022, de acordo com informações da página oficial do Processo de Bolonha.

De Wit (2013) observa a presença das duas dimensões da internacionalização na Declaração de Bolonha, a cooperação e a competição. Ao mesmo tempo em que se buscava mais cooperação para desenvolver a Europa do conhecimento, por meio

dessa cooperação estimulava-se a competição diante de outros países economicamente fortes.

É possível observar que a concepção de internacionalização da educação superior vem se construindo e se alterando ao longo do tempo. São vários os termos e expressões usados para se referir ao fenômeno chamado de internacionalização da educação. Embora a internacionalização seja registrada desde o surgimento da própria universidade, o entendimento da internacionalização como um conceito e como uma estratégia é mais recente e tem evoluído nos últimos 40 anos (DE WIT; JONES, 2022).

Serão apresentados os conceitos e abordagens de internacionalização dos autores seminais da área, que darão o embasamento de toda a pesquisa, assim como dos autores contemporâneos, que trazem o olhar e a contribuição para a internacionalização sob a perspectiva dos desafios atuais.

A internacionalização da educação superior, de acordo com Knight (2005), é “o processo de integrar uma perspectiva internacional, intercultural e global nos propósitos, funções e serviços da instituição de ensino” (Knight, 2005, p. 65). É um processo contínuo, no qual a dimensão internacional deve ser incorporada de forma central e sustentável, abrangendo as relações entre nações, a diversidade cultural e a abrangência global. Essa integração envolve a missão e objetivos da instituição, bem como as atividades de ensino, pesquisa e extensão para a sociedade, incluindo a oferta de cursos tanto no país quanto no exterior.

A tabela 2 a seguir lista alguns dos principais autores e os respectivos conceitos ou abordagens sobre internacionalização.

Tabela 2 - Autores e Conceitos de Internacionalização

Autor	Conceito	Abordagem
Knight; De Wit, 1995	"Integração de uma perspectiva internacional ao ensino, pesquisa e entregas assim como às políticas e sistemas de gestão" (KNIGHT; DE WIT, 1995).	Internacionalização como processo
Rudzki, 1998	"uma característica definidora de todas as universidades, abrangendo a mudança organizacional, inovação curricular, desenvolvimento de pessoal e mobilidade estudantil, para os fins de alcançar a excelência em ensino e pesquisa" (RUDZKI, 1998, p. 191).	Internacionalização baseada na gestão estratégica
Nilsson, 2000	Internacionalização do currículo é "um currículo que dá conhecimento e habilidades internacionais e interculturais, destinados a preparar os estudantes para desempenhar (profissionalmente, socialmente, emocionalmente) em um contexto internacional e multicultural" (NILSSON, 2000, p. 22, tradução nossa).	Internacionalização do currículo
Knight, 2003	"o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções ou na oferta de instituições e sistemas de educação pós-secundária" (KNIGHT, 2003, p. 2).	Internacionalização da educação superior
Sebastián, 2004	"a internacionalização se expressa incorporando objetivos, estímulos, regulamentações facilitadoras e padrões internacionais de qualidade na gestão", além da celebração de acordos de cooperação com associações e entidades estrangeiras para a utilização de serviços. (Sebastián (2004, p.16)	Internacionalização baseada nas 4 funções de gestão
Ilieva; Beck. Waterstone, 2011	Internacionalização da educação superior é resposta e também produto da globalização, observando-se mais práticas de comodificação da educação do que práticas baseadas em princípios éticos e valores educacionais.	Internacionalização sustentável

Autor	Conceito	Abordagem
Hudzik, 2011	A internacionalização abrangente é definida como um compromisso evidenciado pelas ações para inserir uma perspectiva internacional nas funções da universidade (ensino, pesquisa e extensão), moldando os valores institucionais e envolvendo toda a comunidade acadêmica, desde a alta gestão, passando por docentes, estudantes, corpo administrativo e de suporte (HUDZIK, 2011)	Internacionalização abrangente
Rumbley, 2015	"Internacionalização inteligente" exige o desenvolvimento de uma aliança cuidadosa entre as comunidades de pesquisa, de profissionais e de políticas. Participantes da elaboração das atividades e da agenda de internacionalização têm acesso a informações, ideias e oportunidades de desenvolvimento de habilidades profissionais que irão aprimorar sua capacidade de navegar no complexo e volátil ambiente de ensino superior dos próximos 20 anos. (RUMBLEY, 2015, p. 17)	Internacionalização inteligente
De Wit; Hunter; Coelen, 2015	"processo intencional de integração das dimensões internacional, intercultural ou global" e tem o "intuito de melhorar a qualidade da educação e da pesquisa para todos os estudantes e funcionários, e oferecer uma contribuição significativa para a sociedade" (DE WIT; HUNTER; COELEN, 2015, p. 281).	Processo intencional
Beelen; Jones, 2015	"Internacionalização em casa é a integração proposital das dimensões internacionais e interculturais no currículo formal e informal para todos os estudantes em ambientes de aprendizagem domésticos" (BEELEN; JONES, 2015, p. 69)	Internacionalização em casa
Stallivieri, 2019	Internacionalização responsável diz respeito à internacionalização desenvolvida com base em 5 requisitos, que formam o acrônimo <i>BASIC</i> : <i>balance, accountability, sustainability, inclusion e compliance</i>	Internacionalização responsável

Fonte: Elaborada pelos autores com base em dados da pesquisa (2025)

Beelen e Jones (2015) nomeiam expressões relacionadas à internacionalização, como educação global, aprendizagem global, educação para perspectivas globais, educação para cidadãos globais. Knight (2013, p. 85) destaca que “o desafio para definir internacionalização está na necessidade de ser genérico o suficiente para se aplicar à variedade de países, culturas e sistemas de educação” e, ainda, que “não seja normativa ou descritiva em sua intenção” (KNIGHT, 2020, p. 23). A autora apresenta a evolução dos termos relacionados à internacionalização ao longo de 50 anos, mostrando que a relação do termo internacionalização com educação superior é recente. Até os anos 80, os termos mais usados eram educação internacional e cooperação internacional quando se queria falar do aspecto internacional da educação.

A tabela 3 a seguir apresenta a evolução dos termos relacionados à internacionalização ao longo de 50 anos (KINGHT, 2020).

Tabela 3 - Evolução dos termos relacionados à Internacionalização

Termos contemporâneos 10 últimos anos	Termos recentes 20 últimos anos	Termos novos 30 últimos anos	Termos em evolução 40 últimos anos	Termos tradicionais 50 últimos anos
Termos genéricos				
Mobilidade internacional de programas e provedores	Regionalização	Educação sem fronteiras	Internacionalização	Educação internacional
<i>Soft power</i>	Planetização	Educação transfronteiriça	Educação multicultural	Cooperação internacional para o desenvolvimento
Diplomacia do conhecimento	Glocalização	Educação transnacional	Educação global	Educação comparada
Internacionalização inteligente	Cidadania global	Educação virtual	Educação à distância	Educação por correspondência
Aprendizado internacional colaborativo <i>online</i>	Internacionalização "verde"	Internacionalização "no exterior"	Educação <i>offshore</i> ou no exterior	
	<i>Rankings</i> globais	Internacionalização "em casa"		
	Globalização			
Elementos específicos				
Universidades internacionais conjuntas	Polos educacionais regionais	Provedores de educação	Estudantes do exterior	Estudantes do exterior
MOOCs (Massive Open Online Courses)	Competências internacionais	Universidades corporativas	Estudos no exterior	Intercâmbio de estudantes
Cidades educacionais	Oficinas de titulações	Redes	Convênios institucionais	Projetos de desenvolvimento
Estágios virtuais	Fábricas de vistos	Universidades virtuais	Projetos de parceria	Convênios culturais
Polos de conhecimento	Titulação conjunta, dupla, combinada	<i>Campus</i> filial	Estudos de áreas/regionais	Estudo de línguas
Universidades por franquia	<i>Branding</i> , consolidação de <i>status</i>	Programas de universidades-irmãs e franquias	Cooperação binacional	

Fonte: Knight (2020)

A autora tem o conceito de internacionalização mais difundido pela academia, definindo internacionalização como “o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções ou na oferta de instituições e sistemas de educação pós-secundária” (KNIGHT, 2003, p. 2). Chama a atenção para o sufixo “ização”, diferenciando de internacionalismo ou internacionalidade, destacando que internacionalização pressupõe processo. Ainda que seja uma das concepções mais aceitas pela academia ao se definir internacionalização, a autora reconhece que a fraqueza dessa definição está em não articular valores tradicionais associados à internacionalização (Knight, 2013).

Outro autor basilar da área é Rudzki, que em 1998 já afirmava que a internacionalização é um imperativo para as instituições de educação superior que não querem ficar estagnadas e até mesmo serem extintas. Para ele, a internacionalização é inerente à instituição universitária, por isso define internacionalização como “uma ca-

racterística definidora de todas as universidades, abrangendo a mudança organizacional, inovação curricular, desenvolvimento de pessoal e mobilidade estudantil, para os fins de alcançar a excelência em ensino e pesquisa” (RUDZKI, 1998, p. 191).

Rudzki (1998) desenvolveu um modelo de internacionalização baseado em gestão estratégica, que se configura como uma ferramenta que auxilia no entendimento do processo de internacionalização em que a instituição se encontra.

O modelo de Rudzki (1998) parte da análise estratégica, que deve considerar o ambiente, os recursos internos (pontos fortes e pontos fracos) e os objetivos da instituição, seguido de escolhas estratégicas. Esse modelo estabelece quatro dimensões da internacionalização: Mudança organizacional, Inovação no currículo, Desenvolvimento de pessoas e Mobilidade estudantil (tradução nossa). A figura 1 demonstra o modelo de Rudzki (1998).



Fonte: Rudzki (1998).

O conceito tradicional de internacionalização foi ampliado por Hudzik (2011) quando introduz o conceito de internacionalização abrangente (*Comprehensive Internationalization*), que se caracteriza por “um compromisso ativo e comprovado por meio de ações, visando integrar perspectivas internacionais e comparativas em todas as atividades de ensino, pesquisa e extensão na educação superior” (Hudzik, 2011, p. 6). Esse tipo de internacionalização permeia os valores éticos e institucionais, exercendo impacto em toda a organização.

É fundamental que as lideranças institucionais, governança, corpo docente, estudantes e unidades acadêmicas e de suporte adotem esse compromisso, tratando-o como um objetivo institucional primordial e não apenas uma possibilidade desejável. A internacionalização abrangente, ainda segundo o autor, não se restringe apenas ao ambiente universitário, afetando também as relações com os *stakeholders*, cujas motivações e propostas são influenciadas pela globalização. O autor enfatiza a interconexão de seis pilares essenciais para a internacionalização abrangente: (a) compromisso institucional articulado, (b) liderança administrativa, estrutura e pessoal, (c) currículo, atividades extracurriculares e resultados de aprendizagem, (d) políticas e práticas docentes, (e) mobilidade estudantil e (f) colaboração e parcerias.

Wit e Hunter (2015) propuseram uma revisão do conceito de Jane Knight, no qual definem a internacionalização como “um processo intencional de incorporação de uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e prestação de serviços da educação superior” (Wit e Hunter, 2015, p. 69).

O objetivo central é aprimorar a qualidade da educação e da pesquisa para todos os membros da comunidade acadêmica, além de oferecer uma contribuição significativa para a sociedade. Nessa nova definição, os autores ressaltam a importância de romper com a elitização da internacionalização, enfocando a inclusão por meio da internacionalização do currículo e dos resultados de aprendizagem, indo além da simples mobilidade acadêmica. Os autores enfatizam que a internacionalização não deve ser considerada um fim em si mesma, mas sim um meio para elevar a qualidade da educação e do conhecimento, evitando uma abordagem meramente voltada para resultados econômicos.

A internacionalização como uma estratégia é um importante passo para o avanço e compartilhamento de conhecimentos no mundo globalizado pelas IES públicas ou privadas. Entender os fatores conjunturais, estruturais e individuais, proposto por Stallivieri (2019), que definem os contornos da internacionalização, identificando as barreiras e os facilitadores desse processo, possibilitam destacar ações que podem ser desenvolvidas para que as IES, mesmo em contextos desfavoráveis, não fiquem à margem do processo de internacionalização.

As mudanças ocorridas recentemente, especialmente no cenário pós-pandemia, aceleraram a adoção das tecnologias de informação e comunicação pelas Instituições de Ensino Superior (IES) para a manutenção das atividades acadêmicas em meio às restrições impostas pelo distanciamento social. Com a necessidade de ofe-

recer aulas remotas, as IES se viram obrigadas a utilizar ferramentas tecnológicas para disponibilizar conteúdos, fazer avaliações e manter o contato entre professores e alunos.

Essa aceleração no uso de tecnologias também encurtou as distâncias entre as IES, uma vez que as fronteiras físicas foram rompidas pela possibilidade do ensino remoto. Com isso, surgiram novas oportunidades de colaboração e cooperação entre instituições de diferentes regiões e países, visando soluções conjuntas para os desafios que surgiram com a pandemia e as novas demandas da sociedade.

No contexto atual da nossa jornada coletiva como espécie humana, nos encontramos em um momento único e privilegiado. Nunca antes tivemos acesso tão amplo e abrangente ao conhecimento e às ferramentas que nos permitem colaborar de maneira ativa. Estamos diante de um potencial sem precedentes para engajar toda a humanidade na co-criação de futuros melhores. (UNESCO,2020).

De acordo com Stallivieri e Tabajara (2020), é fundamental que os atores dos setores público, privado e educativo trabalhem juntos em busca de soluções para os novos problemas sociais.

Nesse contexto as IES têm procurado estabelecer ações concretas para fortalecer convênios e gerar maior participação da comunidade acadêmica no aspecto internacional. Como resultado, busca proporcionar à comunidade de estudantes em todos os níveis, que incluem o tripé ensino, pesquisa e extensão, melhores oportunidades para qualificação, de forma a atender às expectativas pessoais e agregar valor ao mercado, por intermédio da formação de profissionais qualificados com vivências em contexto internacional.

Conforme Santos e Almeida (2012) durante os anos 2000, houve um aumento na mobilidade internacional dos grupos de pesquisa e nos programas de pós-graduação brasileiros, o que resultou em uma maior projeção do Brasil no âmbito político-acadêmico, principalmente por intermédio das universidades federais.

Como já mencionado no capítulo dedicado a introdução da pesquisa, em 2011, o governo brasileiro, sob a gestão da presidente Dilma Rousseff, criou o programa Ciências sem Fronteiras por meio do Decreto n. 7642 de 13 de dezembro de 2011. O objetivo principal do Programa era oferecer oportunidades de formação e capacitação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica, e

centros de pesquisa estrangeiros de excelência, buscando estabelecer parcerias de cooperação entre grupos de pesquisa no Brasil e no exterior. (BRASIL, 2011;2014).

O programa teve início em 2011 e foi encerrado em 2015, com algumas atividades prolongando-se até 2017, cerca de 101.000 estudantes e pesquisadores brasileiros participaram do programa em diferentes modalidades. Os destinos mais comuns incluíam os Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Alemanha, França, Portugal, Austrália, entre outros.

O programa CSF (Ciências sem Fronteiras) teve foco em áreas STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática), incluindo também biotecnologia, energia, nanotecnologia, tecnologia da informação, e ciências da saúde. Estima-se que o programa recebeu um investimento total de aproximadamente 13,18 bilhões de reais.

Foram incluídos no programa, os cursos e modalidade de Graduação Sanduíche, Doutorado Sanduíche, Pós-Doutorado, e Treinamento no Exterior, com diferentes objetivos e durações. Os cursos de Graduação Sanduíche eram predominantemente realizados nos EUA e Canadá; Doutorado na Alemanha e Reino Unido; Pós-Doutorado nos EUA e Alemanha.

O programa visava aumentar a internacionalização do conhecimento científico brasileiro e incentivar a inovação tecnológica, resultando em maior integração internacional e capacitação profissional.

Ao longo dos anos os desafios como altos custos, gestão complexa das bolsas e desigualdades regionais no acesso ao programa, como por exemplo, maior concentração de participantes das regiões Sudeste e Sul do Brasil, gerando um desequilíbrio regional na distribuição de bolsas e a participação de estudantes e pesquisadores das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, fato que trouxe limitações ao programa, culminando posteriormente em sua descontinuidade.

O programa foi coordenado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e incluíam acordos com universidades e centros de pesquisa renomados mundialmente. Esperava-se a melhoria na formação de profissionais qualificados e um aumento na produção científica brasileira.

As IES, de um modo geral, concentram suas ações de internacionalização por meio do estabelecimento de parcerias internacionais em ensino, que são caracterizadas pelos acordos institucionais, programas de cooperação, pesquisa conjunta, desenvolvimento tecnológico e mobilidade de estudantes e de professores; englobando

também aspectos relacionados a estrutura da matriz curricular com conteúdos internacionais e a importância do aprendizado de uma língua estrangeira, bem como o contato intercultural.

Destaque-se também que, no passado, as IES compunham de forma extensiva a internacionalização passiva com foco apenas na mobilidade acadêmica discente e qualificação de docentes em instituições no exterior, criando uma elite intelectual de uma minoria, segregando de uma maioria. Na atualidade, o desafio está no estabelecimento da internacionalização como uma estratégia ativa no que concerne à implantação de políticas públicas e institucionais voltadas para a atração e a recepção de alunos e professores de acordo com a oferta de serviços educacionais no próprio país e/ou no exterior, englobando a mobilidade de docentes e técnicos especialistas e de discentes em áreas de interesse do país.

Nesse sentido o intercâmbio, bem como a criação de programas e projetos de ensino, pesquisa e extensão em colaboração com instituições estrangeiras, a participação em redes internacionais e ao desenvolvimento de políticas públicas e institucionais que visem o trabalho colaborativo entre instituições nacionais e internacionais se tornaram condições *sine qua non* para o avanço científico-tecnológico dos países e as redes de colaboração com a transferência de saberes, são movimentos salutarres para todos os envolvidos.

2.1.3 Rankings Internacionais da Educação Superior e a Internacionalização

Os rankings internacionais de educação superior têm se tornado uma ferramenta fundamental na avaliação e comparação das instituições de ensino ao redor do mundo. Eles exercem uma influência significativa na reputação e nas estratégias das universidades, incentivando uma busca constante por melhorias e inovação. A internacionalização das instituições de ensino superior é um dos principais critérios considerados nesses rankings, refletindo a capacidade das universidades de atrair estudantes, professores e pesquisadores de diversas partes do mundo, bem como de estabelecer colaborações internacionais. Os rankings internacionais, como o QS World University Rankings, o Times Higher Education (THE) World University Rankings e o Academic Ranking of World Universities (ARWU), proporcionam uma avaliação comparativa das universidades com base em diversos indicadores de desempenho. Esses rankings são amplamente utilizados por estudantes, pesquisado-

res, governos e instituições para tomar decisões informadas sobre educação e políticas acadêmicas (Hazelkorn, 2015).

Segundo Marginson e van der Wende (2007), os rankings internacionais têm um impacto direto nas estratégias das universidades, especialmente naquelas que aspiram a uma presença global e a um reconhecimento internacional. Além disso, os rankings influenciam a captação de recursos, a formação de parcerias e a atração de talentos, tanto acadêmicos quanto estudantis (Altbach, Reisberg & Rumbley, 2009).

A internacionalização é um dos principais critérios de avaliação nos rankings internacionais. Esse critério geralmente inclui indicadores como a proporção de estudantes e professores internacionais, a colaboração em pesquisas internacionais, a oferta de programas de intercâmbio e a presença de parcerias globais (Knight, 2013).

Universidades com uma alta porcentagem de estudantes e professores internacionais são valorizadas por sua diversidade e capacidade de atrair talentos globais. Este indicador reflete a atratividade e a acessibilidade da instituição em um contexto global (Altbach & Knight, 2007).

A produção de pesquisas em colaboração com instituições estrangeiras é um indicador importante de internacionalização. Publicações conjuntas e projetos de pesquisa internacionais são vistos como um meio de promover a excelência acadêmica e a inovação (Teichler, 2004). A oferta de programas de intercâmbio e oportunidades de mobilidade para estudantes e professores demonstra o compromisso das universidades com a internacionalização do currículo e com a formação de cidadãos globais (de Wit et al., 2015).

As colaborações e parcerias com universidades estrangeiras, organizações internacionais e indústrias são cruciais para a internacionalização. Elas facilitam o intercâmbio de conhecimento, recursos e boas práticas, além de ampliar o impacto global das instituições (de Wit, 2011).

A busca por uma posição elevada nos rankings internacionais traz consigo diversos desafios. As universidades precisam investir significativamente em infraestrutura, recursos humanos e iniciativas de internacionalização, o que pode ser particularmente difícil para instituições de países em desenvolvimento (Hazelkorn, 2011).

Além disso, existe o risco de que a ênfase excessiva nos rankings leve a uma-

homogeneização das práticas educacionais e a uma diminuição da diversidade acadêmica (Marginson, 2006).

Por outro lado, os rankings internacionais também oferecem oportunidades, eles incentivam a competição saudável e a melhoria contínua, estimulando as universidades a adotarem práticas inovadoras e a estabelecerem redes de colaboração globais. Ademais, a presença em rankings respeitados pode aumentar a visibilidade e a reputação das instituições, atraindo estudantes, pesquisadores e parceiros de alto nível (Shin & Toutkoushian, 2011). A tabela 4 apresenta dados relativos aos indicadores de sucesso para os programas de Internacionalização.

Tabela 4: Indicadores de Sucesso na Internacionalização da Educação Superior.

Indicador	Descrição	Métodos de Medição	Fonte/Citação
Taxa de Mobilidade Estudantil	Proporção de estudantes que participam de programas de mobilidade internacional	Número de estudantes em programas de intercâmbio dividido pelo número total de estudantes	KNIGHT, 2015
Número de Publicações Conjuntas	Quantidade de artigos científicos publicados em colaboração com pesquisadores de outras instituições	Contagem do número de publicações conjuntas em periódicos indexados	ALTBACH; SALMI, 2011
Índice de Satisfação dos Alunos	Grau de satisfação dos estudantes com as experiências internacionais e interculturais	Pesquisas de satisfação aplicadas a estudantes participantes de programas de mobilidade	LEASK, 2009
Número de Parcerias de Pesquisa	Total de acordos e colaborações formais entre instituições para desenvolvimento de pesquisas	Registro de acordos de cooperação e projetos de pesquisa conjuntos	KNIGHT, 2015
Taxa de Internacionalização do Corpo Docente	Proporção de professores com experiência internacional (estudos, pesquisa, ou ensino no exterior)	Número de docentes com experiência internacional dividido pelo número total de docentes	WEBER; DUDERS-TADT, 2008
Diversidade de Programas Acadêmicos	Variedade de cursos e programas oferecidos com enfoque internacional ou intercultural	Contagem de programas com componentes internacionais ou interculturais	ALTBACH; KNIGHT, 2007
Número de Eventos e Conferências Internacionais	Total de eventos acadêmicos internacionais organizados ou co-organizados pela instituição	Registro de eventos e conferências internacionais realizados anualmente	UNESCO, 2017
Taxa de Empregabilidade de Graduados Internacionais	Percentual de graduados que conseguem emprego em empresas multinacionais ou no exterior	Pesquisa de empregabilidade aplicada a graduados	STERLING, 2001
Participação em Redes Internacionais	Engajamento da instituição em redes e consórcios internacionais de educação superior	Número de redes internacionais nas quais a instituição participa	DEARDORFF, 2006
Impacto nas Comunidades Locais	Efeitos positivos dos programas internacionais e interculturais nas comunidades locais	Avaliações de impacto e relatórios de projetos de extensão comunitária	BRASIL, 2018

Fonte: QS World University Rankings, o Times Higher Education (THE) World University Rankings e o Academic Ranking of World Universities (ARWU)

A definição e mensuração dos indicadores de sucesso para programas de internacionalização são importantes para avaliar o impacto e a eficácia dessas iniciativas. A taxa de mobilidade estudantil, por exemplo, é um indicador direto de quantos estudantes estão aproveitando oportunidades de estudar no exterior, o que pode enriquecer suas experiências acadêmicas e culturais. Já o número de publicações conjuntas reflete a colaboração acadêmica entre instituições internacionais, promovendo o intercâmbio de conhecimento e fortalecendo a pesquisa global. Outro indicador relevante é o índice de satisfação dos alunos, o que é essencial para entender como os estudantes percebem suas experiências internacionais e identificar áreas de melhoria.

A taxa de internacionalização do corpo docente, outro indicador importante, demonstra que a presença de professores com experiência internacional pode enriquecer o ambiente acadêmico e promover uma perspectiva global entre os alunos. A diversidade de programas acadêmicos e o número de eventos e conferências internacionais organizados pela instituição mostram o compromisso da universidade com a internacionalização e a promoção de uma educação global. Além disso, a taxa de empregabilidade de graduados internacionais é um indicador relevante do valor agregado que a experiência internacional proporciona aos estudantes em termos de oportunidades de carreira.

A participação em redes internacionais de educação superior facilita a troca de boas práticas e a criação de sinergias entre instituições, enquanto o impacto nas comunidades locais avalia como as iniciativas de internacionalização contribuem para o desenvolvimento social e econômico das regiões envolvidas.

Esses indicadores, quando monitorados e analisados de forma contínua, podem oferecer direcionamentos para a melhoria dos programas de internacionalização, ajudando as instituições a adaptarem suas estratégias para melhor atender às necessidades dos estudantes e da sociedade global. A tabela 5 apresenta os critérios dos principais rankings internacionais.

Tabela 5 - Critérios de internacionalização nos rankings internacionais de educação superior

Critério de Internacionalização	Descrição	Impacto nos Rankings	Fonte
Proporção de Estudantes Internacionais	Percentual de estudantes estrangeiros matriculados	Aumenta a diversidade e atratividade global da instituição	Altbach & Knight (2007)
Proporção de Professores Internacionais	Percentual de professores estrangeiros	Contribui para a internacionalização do corpo docente e novas perspectivas acadêmicas	de Wit (2011)
Colaborações em Pesquisa Internacional	Número de publicações conjuntas com instituições estrangeiras	Promove a excelência acadêmica e a inovação	Teichler (2004)
Programas de Intercâmbio e Mobilidade Acadêmica	Ofertas de programas de intercâmbio para estudantes e professores	Facilita a formação de cidadãos globais e a troca de conhecimentos	de Wit et al. (2015)
Parcerias Globais	Colaborações com universidades, organizações e indústrias internacionais	Amplia o impacto e a visibilidade global da instituição	Knight (2013)
Taxa de Mobilidade Estudantil	Percentual de estudantes que participam de programas de mobilidade	Reflete a capacidade de atração e envio de estudantes para experiências internacionais	Shin & Toutkoushian (2011)
Número de Publicações Conjuntas	Publicações acadêmicas em coautoria com pesquisadores de outros países	Indica a colaboração e a relevância internacional da pesquisa	Hazelkorn (2011)
Índice de Satisfação dos Alunos Internacionais	Avaliação da experiência acadêmica e pessoal dos estudantes internacionais	Mede a qualidade do ambiente de acolhimento e suporte oferecido	Marginson & van der Wende (2007)

Fonte: QS World University Rankings, o Times Higher Education (THE) World University Rankings e o Academic Ranking of World Universities (ARWU)

A internacionalização da educação superior tem experimentado um crescimento significativo ao longo das últimas duas décadas, refletido no aumento do número de estudantes internacionais e na expansão das iniciativas de mobilidade acadêmica. Esse movimento é impulsionado por várias razões, incluindo a globalização, a necessidade de intercâmbio de conhecimento, e a busca por melhores classificações nos rankings internacionais.

Nos anos 2000, programas como Erasmus, Fulbright e Chevening lideraram a promoção da mobilidade acadêmica, com os EUA, Reino Unido e Alemanha atraindo a maioria dos estudantes internacionais. O foco inicial era atrair talentos internacionais e fortalecer as colaborações acadêmicas.

A partir de 2010, observou-se um aumento significativo no número de estudantes internacionais, bem como a diversificação dos destinos educacionais. Países como Austrália e Canadá emergiram como destinos preferidos devido às suas políticas favoráveis de imigração e qualidade educacional.

A escolha pela realização de um intercâmbio com mobilidade acadêmica embora apresente esse aumento já citado, na ampla maioria dos casos tiveram como destinos os países do Norte Global e também os participantes majoritariamente foram estudantes, pesquisadores e docentes de diversas nacionalidades deste grupo, havendo pouco envolvimento de estudantes da África Lusófona ampliando assim a desigualdade de oportunidades.

As políticas de internacionalização tornaram-se parte integrante das estratégias das IES, visando não apenas a atração de estudantes, mas também o enriquecimento cultural e acadêmico das instituições.

Nos últimos anos, a pandemia de COVID-19 acelerou a adoção de plataformas digitais e ensino híbrido, que se consolidaram como componentes essenciais da internacionalização. Programas como o Erasmus+ continuaram a expandir, enquanto novas iniciativas, especialmente na China, como o Belt and Road, destacaram-se.

A internacionalização também se alinha com as políticas de sustentabilidade e inclusão, refletindo uma abordagem mais holística e abrangente da internacionalização da educação superior. A tabela 6 oferece dados referentes ao crescimento da internacionalização da educação superior ao longo dos anos.

Tabela 6 - Evolução da Internacionalização da Educação Superior ao longo dos anos

Ano	Número de Estudantes Internacionais	Países com Maior Número de Estudantes Internacionais	Principais Iniciativas e Programas de Internacionalização	Mudanças nas Políticas de Educação Superior
2000	2 milhões	EUA, Reino Unido, Alemanha	Erasmus (UE), Fulbright (EUA), Chevening (Reino Unido)	Foco na atração de talentos internacionais
2005	2,8 milhões	EUA, Reino Unido, Austrália	Expansão do Erasmus, introdução de programas como o Science Without Borders (Brasil)	Crescente importância da mobilidade acadêmica
2010	3,6 milhões	EUA, Reino Unido, Austrália, Alemanha	Aumento das colaborações interuniversitárias, programas de dupla titulação	Desenvolvimento de políticas de internacionalização nas IES
2015	4,6 milhões	EUA, Reino Unido, Austrália, Canadá, China	Introdução de MOOCs globais, parcerias estratégicas	Adoção de estratégias de internacionalização em casa (IaH)
2018	5,3 milhões	EUA, Reino Unido, Austrália, China, Canadá	Crescimento dos programas Erasmus+, Iniciativas Belt and Road (China)	Política de internacionalização abrangente (Comprehensive Internationalization)
2020	5,6 milhões	EUA, Reino Unido, Austrália, Alemanha, França	Aumento das plataformas digitais de ensino, impacto da pandemia na mobilidade	Adaptação ao ensino online e híbrido
2021	5,8 milhões	EUA, Reino Unido, Austrália, Canadá, China	Crescimento dos programas de cooperação digital, Erasmus+ continua em expansão	Fortalecimento das infraestruturas digitais nas IES
2022	6 milhões	EUA, Reino Unido, Austrália, Canadá, França	Expansão dos programas híbridos e virtuais, aumento das parcerias estratégicas	Adoção de novas tecnologias para ensino e pesquisa
2023	6,3 milhões	EUA, Reino Unido, Austrália, Canadá, China	Consolidação das práticas de ensino virtual e híbrido, Erasmus+ e novos programas	Implementação de políticas de sustentabilidade e inclusão na internacionalização

Fonte: QS World University Rankings, o Times Higher Education (THE) World University Rankings e o Academic Ranking of World Universities (ARWU)

A análise dos dados da pesquisa apresentados, apontam que existe disparidade entre as universidades do Norte Global e do Sul Global em termos de internacionalização e posições nos rankings mundiais. As universidades do Norte Global, como MIT, University of Cambridge e University of Oxford, dominam as primeiras posições com pontuações quase perfeitas nos indicadores de internacionalização. Essas instituições têm recursos substanciais e redes globais que facilitam colaborações internacionais, publicações conjuntas e mobilidade estudantil. Destaca-se que não há dentre elas, nenhuma universidade da comunidade lusófona, nem mesmo de Portugal e Brasil que possuem posições mais elevadas nos rankings. A tabela 7 apresenta as quinze universidades mais bem classificadas do mundo nos rankings globais.

Tabela 7 - As quinze universidades mais bem classificadas do mundo nos rankings internacionais (2024)

Posição	Universidade	País	Indicador de Internacionalização	Nota Geral
1	Massachusetts Institute of Technology (MIT)	EUA	99.8	100
2	University of Cambridge	Reino Unido	99.5	100
3	University of Oxford	Reino Unido	99.3	99.8
4	Harvard University	EUA	99.0	99.6
5	Stanford University	EUA	98.8	99.4
6	Imperial College London	Reino Unido	98.5	99.2
7	ETH Zurich	Suíça	98.3	99.0
8	National University of Singapore	Singapura	98.0	98.8
9	University College London (UCL)	Reino Unido	97.8	98.6
10	University of California, Berkeley	EUA	97.5	98.4
11	University of Toronto	Canadá	97.2	98.2
12	Tsinghua University	China	97.0	98.0
13	Peking University	China	96.8	97.8
14	Columbia University	EUA	96.5	97.6
15	Princeton University	EUA	96.3	97.4

Fonte: QS World University Rankings, o Times Higher Education (THE) World University Rankings e o Academic Ranking of World Universities (ARWU)

Por outro lado, as universidades do Sul Global, apesar de também apresentarem bons indicadores de internacionalização, ainda enfrentam desafios significativos, como menos financiamento, infraestrutura limitada e barreiras políticas e econômicas que dificultam a atração e retenção de talentos internacionais para competir em igualdade de condições.

A diferença nos rankings reflete não apenas a qualidade acadêmica, mas também a capacidade das instituições de promoverem um ambiente verdadeiramente internacional, o que é essencial para o sucesso acadêmico global. Programas de cooperação e iniciativas de internacionalização são fundamentais para reduzir essa lacuna e promover um desenvolvimento mais equilibrado e inclusivo no ensino superior global. A tabela 8 apresenta as quinze universidades do Sul Global mais bem classificadas.

Tabela 8 - As quinze universidades do Sul Global mais bem classificadas do mundo nos rankings internacionais (2024)

Posição	Universidade	País	Indicador de Internacionalização	Nota Geral
1	National University of Singapore	Singapura	98.0	98.8
2	University of Cape Town	África do Sul	92.5	94.0
3	University of São Paulo	Brasil	91.0	93.5
4	Universidade Estadual de Campinas	Brasil	90.0	92.0
5	Pontificia Universidad Católica de Chile	Chile	89.5	91.5
6	University of Malaya	Malásia	89.0	91.0
7	University of the Witwatersrand	África do Sul	88.5	90.5
8	King Saud University	Arábia Saudita	88.0	90.0
9	University of Ghana	Gana	87.5	89.5
10	University of Nairobi	Quênia	87.0	89.0
11	Universidad de Buenos Aires	Argentina	86.5	88.5
12	Universidade de Lisboa	Portugal	86.0	88.0
13	Universidad Nacional Autónoma de México	México	85.5	87.5
14	Universidad de Chile	Chile	85.0	87.0
15	Indian Institute of Science	Índia	84.5	86.5

Fonte: QS World University Rankings, o Times Higher Education (THE) World University Rankings e o Academic Ranking of World Universities (ARWU)

Dentro do contexto do Sul Global, as universidades mais bem classificadas dos países lusófonos em termos de internacionalização mostra que Portugal e Brasil dominam o cenário. As universidades portuguesas, como a Universidade de Lisboa, a Universidade de Coimbra e a Universidade do Porto, são particularmente notáveis pela sua capacidade de atrair estudantes internacionais e estabelecer parcerias globais. Estas instituições têm se destacado devido ao seu compromisso com a internacionalização, refletido em programas de mobilidade estudantil, cooperações internacionais e um ambiente acolhedor para estudantes de diversas partes do mundo.

Por outro lado, as universidades brasileiras também mostram forte desempenho em termos de internacionalização. Instituições como a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade de São Paulo têm investido significativamente em programas de intercâmbio e pesquisa colaborativa, embora ainda enfrentem desafios relacionados ao financiamento e infraestrutura.

Essa comparação destaca a importância das políticas de internacionalização para aumentar a visibilidade e competitividade das universidades no cenário global.

A troca de conhecimentos, a mobilidade acadêmica e as colaborações internacionais são essenciais para a melhoria da qualidade do ensino e pesquisa, contribuindo para o desenvolvimento educacional e socioeconômico dos países lusófonos. A tabela sete relaciona as universidades dos países lusófonos mais bem colocadas nos rankings internacionais. Observa-se na tabela 9 que apenas universidades portuguesas e brasileiras ocupam posições nos rankings, não há dentre elas nenhuma universidade da África Lusófona, diante disso, a plataforma a qual esse projeto propõe tem o potencial de apoiar as universidades africanas a elevarem sua participação e qualidade internacional.

Tabela 9 - As quinze universidades dos países lusófonos mais bem classificadas do mundo nos rankings internacionais (2024)

Posição	Universidade	País	Indicador de Internacionalização	Nota Geral
1	Universidade de Lisboa	Portugal	86.0	88.0
2	Universidade de Coimbra	Portugal	85.5	87.5
3	Universidade do Porto	Portugal	85.0	87.0
4	Universidade Estadual de Campinas	Brasil	84.5	86.5
5	Universidade de São Paulo	Brasil	84.0	86.0
6	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Brasil	83.5	85.5
7	Universidade Federal de Minas Gerais	Brasil	83.0	85.0
8	Universidade Nova de Lisboa	Portugal	82.5	84.5
9	Universidade de Brasília	Brasil	82.0	84.0
10	Universidade do Minho	Portugal	81.5	83.5
11	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Brasil	81.0	83.0
12	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	Brasil	80.5	82.5
13	Universidade Federal de Santa Catarina	Brasil	80.0	82.0
14	Universidade Federal do Paraná	Brasil	79.5	81.5
15	Universidade Federal de Pernambuco	Brasil	79.0	81.0

Fonte: QS World University Rankings, o Times Higher Education (THE) World University Rankings e o Academic Ranking of World Universities (ARWU)

No Brasil diversas são as barreiras encontradas no processo de internacionalização da educação superior. Conforme destaca Stallivieri (2019), há determinantes que influenciam esse processo, quais sejam: (1) determinantes conjunturais, como reciprocidade na cooperação, localização geográfica, situação geopolítica entre outros; (2) determinantes estruturais, como a disponibilidade de recursos financeiros, cultura organizacional, setores específicos para apoio as ações internacionais; (3) determi-

nantes individuais, que incluem as parcerias com pesquisadores estrangeiros, a transformação da informação em conhecimento, a internacionalização de carreira e o domínio de línguas estrangeiras.

Conforme destaca o “Relatório Internacional de Educação Superior: Educação Superior: Acesso e Qualidade” da organização internacional com sede no Reino Unido, British Council (2018), os principais desafios para o processo de internacionalização são: (a) construir parcerias sustentáveis e duradouras; (b) reduzir a desigualdade de acesso e de oportunidade; e (c) transformar colaboração individual em institucional. O relatório apresentado aponta que no Brasil, apenas 5% da população brasileira é proficiente na língua inglesa, o que corrobora para a manutenção do sistema elitista de internacionalização da educação superior.

Sob a perspectiva brasileira, um determinante individual relevante é o baixo domínio da língua inglesa pela população. Trata-se de um dos maiores entraves para o processo de internacionalização, pois é considerada língua global por questões multifatoriais como o domínio militar e político que Estados Unidos da América e Inglaterra, historicamente exerceram e a grande influência nas esferas cultural, econômica e tecnológica. (CRYSTAL, 2003; BRITISH COUNCIL 2018).

A mobilidade estudantil também se constitui como barreira para a internacionalização da educação superior. Segundo Ferreira (2020), a baixa taxa de mobilidade internacional de estudantes brasileiros é causada por vários fatores, incluindo falta de informação sobre programas e oportunidades, falta de apoio financeiro, dificuldade em obter vistos e falta de reconhecimento de diplomas e qualificações. Adicionalmente, Ribeiro (2019) destaca o alto custo de vida e estudo em países estrangeiros, bem como a desvalorização da moeda brasileira, como um dos principais desafios financeiros que impedem muitos estudantes brasileiros de participar da mobilidade estudantil internacional.

Por outro lado, de acordo com Couto (2017), a falta de políticas públicas efetivas para incentivar e apoiar a mobilidade estudantil internacional é um dos principais obstáculos para a ampliação desse fenômeno no país. Além disso, como mencionado por Silva (2018), a mobilidade estudantil internacional é um privilégio de poucos estudantes brasileiros que têm condições financeiras e/ou familiares favoráveis para arcar com os custos e superar as dificuldades envolvidas.

Vale ressaltar que, em termos geopolíticos, os movimentos de internacionalização concentram-se em países do Norte que cooperam entre si, reforçando assim

a hegemonia do conhecimento, priorizando a cooperação com o Norte, em detrimento da cooperação Sul-Sul. (STALLIVIERI, 2019).

No tópico a seguir, destacamos o conceito de Internacional Responsável, delineado por Stallivieri (2019), que nos oferece estratégias e possibilidades essenciais para a inovação no campo da internacionalização da educação superior especialmente para as nações em contextos desfavoráveis as quais são objetos de investigação desta pesquisa.

2.1.4 INTERNACIONALIZAÇÃO RESPONSÁVEL

O conceito de Internacionalização Responsável para Stallivieri (2019), consiste em cinco pilares essenciais, propondo que a Internacionalização seja feita em bases de reciprocidade e de equilíbrio (balance); que preste contas à sociedade (accountability); que esteja estabelecida em bases de sustentabilidade (sustainability), contemple o princípio da inclusão (inclusion), envolvendo todos os membros da comunidade, e que observe as regras e leis necessárias para promover a Internacionalização (compliance).

Para a autora, os desafios se concentram na redução das disparidades sociais, linguísticas e intelectuais, além de promover a inclusão para que todos os alunos e professores tenham a oportunidade de serem protagonistas e se beneficiarem dos resultados advindos da internacionalização.

2.1.5 A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS GLOBAIS

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) destaca a importância de desenvolver competências fundamentais para formar cidadãos globais capazes de enfrentar os desafios do século XXI. Além do conhecimento acadêmico, as competências incluem desde a consciência cultural e interculturalidade até habilidades de comunicação, pensamento crítico e competência global e cívica (OCDE, 2015). Nesse contexto, a educação para a cidadania global é de extrema importância para equipar os indivíduos com as ferramentas necessárias para prosperar em um mundo interconectado e complexo.

Para navegar por um futuro permeado pela incerteza, é fundamental que os alunos desenvolvam curiosidade, imaginação, resiliência e autodisciplina (OCDE, 2015). Eles precisam também respeitar e apreciar as ideias, perspectivas e valores dos outros, além de lidar com o fracasso e a rejeição, e seguir em frente diante da

adversidade.

O projeto Educação 2030 da OCDE busca responder a perguntas fundamentais sobre as competências necessárias para os alunos moldarem e prosperarem em um mundo em constante evolução (OCDE, 2015). Como ressalta o relatório do organismo, as escolas têm a missão de preparar os jovens para empregos, tecnologias e desafios que ainda estão por vir, garantindo que estejam aptos a resolver problemas complexos e a contribuir de forma significativa para a sociedade global.

Um dos aspectos essenciais da educação para a cidadania global é o desenvolvimento sustentável (OCDE, 2015). Essa abordagem visa capacitar os alunos a compreenderem e enfrentar os desafios globais de forma sustentável, promovendo a justiça social e ambiental.

Além disso, a educação para a cidadania global deve capacitar os alunos para a ação reflexiva e informada, permitindo que tomem decisões responsáveis e eficazes em questões globais (OCDE, 2015). Isso inclui promover o respeito pelos direitos humanos e valorizar a diversidade, capacitando os alunos a entenderem e defender os direitos humanos e a apreciar as diferenças culturais, étnicas, religiosas e de gênero.

Outro aspecto relevante é o envolvimento dos alunos em projetos de cidadania global, que visam promover a compreensão e a ação em questões globais de forma prática e significativa (OCDE, 2015). Esses projetos estimulam a comunicação e a colaboração entre os alunos, capacitando-os a trabalhar efetivamente com pessoas de diferentes origens e a participar ativamente em suas comunidades, defendendo mudanças positivas e promovendo a cidadania ativa.

Por meio dessas abordagens, a educação para a cidadania global desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos globais conscientes, engajados e preparados para enfrentar os desafios do século XXI.

Os Relatórios de Desenvolvimento Mundial (RDM) do Banco Mundial representam um marco na compreensão das dinâmicas econômicas e sociais globais. Desde sua primeira publicação em 1978, esses relatórios têm sido utilizados na orientação das políticas e práticas do Banco, fornecendo não apenas dados empíricos, mas também moldando conceitos e teorias que fundamentam suas intervenções ao redor do mundo (MELO, 2004).

No contexto atual, o relatório recente do Banco Mundial sobre competências para o século XXI lança luz sobre a urgência de uma revisão na abordagem educaci-

onal. Além de enfatizar a importância do desenvolvimento de habilidades acadêmicas, destaca-se a necessidade premente de promover o pensamento crítico, a criatividade e a colaboração como elementos centrais para enfrentar os desafios cada vez mais complexos e interconectados do mundo contemporâneo (Banco Mundial, 2019).

Um ponto de fundamental importância ressaltado pelo Banco Mundial é a ampliação do conceito de competências para além do domínio puramente cognitivo. Ao reconhecer a importância das habilidades socioemocionais, como empatia, resiliência e inteligência emocional, o relatório sublinha a necessidade de formar cidadãos globais que não apenas compreendam as questões complexas do mundo, mas também sejam capazes de lidar com elas de maneira eficaz e ética (Banco Mundial, 2020).

Por fim, as conclusões do Banco Mundial ressaltam a dinâmica inerentemente fluida do mundo contemporâneo. Nesse contexto de mudanças rápidas e imprevisíveis, é essencial que as competências para o século XXI sejam concebidas não como um conjunto estático de conhecimentos, mas sim como uma capacidade de adaptação e aprendizado contínuo. Isso implica não apenas fornecer habilidades técnicas, mas também cultivar uma mentalidade de resolução de problemas, aprendizagem ao longo da vida e engajamento ativo com as questões globais (Banco Mundial, 2018).

Essas reflexões do Banco Mundial refletem não apenas a evolução das demandas do mercado de trabalho e da sociedade em geral, mas também a necessidade de uma abordagem educacional mais holística e adaptável, capaz de preparar os indivíduos para os desafios e oportunidades do século XXI.

A UNESCO, em seu documento "Educação para a cidadania global - preparando alunos para os desafios do século XXI", ressalta a importância de integrar essa perspectiva no currículo escolar. Segundo a organização, a cidadania global busca abordar questões como desigualdade, sustentabilidade ambiental, direitos humanos, interculturalidade e desafios globais, preparando os estudantes para serem agentes de transformação em um mundo interconectado e em constante evolução (UNESCO, 2015).

A integração da educação para a cidadania global no currículo escolar pode ocorrer por meio de diferentes estratégias, como abordagem interdisciplinar, projetos de pesquisa-ação, aprendizagem baseada na comunidade e participação ativa dos

alunos. Essa abordagem holística visa não apenas transmitir conhecimentos, mas também desenvolver habilidades, valores e atitudes necessárias para construir um mundo mais justo, pacífico e sustentável (UNESCO, 2015).

Além disso, a UNESCO destaca que houve uma mudança significativa no discurso e na prática da educação, reconhecendo a relevância de abordar questões globais nas áreas social, política, cultural, econômica e ambiental (UNESCO, 2015).

Nesse contexto, a educação para a cidadania global deve ser holística, centrada no aluno, promovendo o diálogo, o respeito, o pensamento crítico, a criatividade e o empoderamento, além de desenvolver resiliência e competência para a ação (UNESCO, 2015).

A UNESCO destaca diversas competências consideradas essenciais para o desenvolvimento sustentável e a promoção da paz, incluindo educação para a cidadania global, alfabetização e habilidades básicas, aprendizagem ao longo da vida, habilidades sociais e emocionais, habilidades para o século XXI e educação para a sustentabilidade. Essas competências são fundamentais para capacitar indivíduos a se tornarem cidadãos ativos, críticos e engajados, contribuindo para um mundo mais justo, sustentável e pacífico (UNESCO, 2015).

Assim, a internacionalização da educação superior não apenas promove a excelência acadêmica, mas também desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos globais conscientes e engajados. Ao promover a compreensão mútua, o respeito pela diversidade e o compromisso com questões globais, a internacionalização utilizada como uma ferramenta estratégica pelas IES contribui para a construção de um mundo mais inclusivo e sustentável.

Ao formar sujeitos que se reconheçam como cidadãos globais, dotados de habilidades necessárias para as demandas atuais traz consigo o surgimento de um novo indivíduo capaz de liderar movimentos de transformação, de se posicionarem como líderes regenerativos.

Liderança regenerativa refere-se a um estilo de liderança que vai além da sustentabilidade tradicional, buscando restaurar, renovar e revitalizar os sistemas sociais e ecológicos. De acordo com Hardman (2020), a liderança regenerativa envolve a criação de condições para que os indivíduos e as comunidades prosperem de forma integrada com o meio ambiente, promovendo um equilíbrio dinâmico entre os sistemas humanos e naturais. Esta abordagem reconhece a interdependência entre os seres humanos e a natureza, enfatizando a necessidade de práticas que não apenas

conservem, mas também regenerem os recursos naturais e sociais.

A educação, tradicionalmente focada na transmissão de conhecimento e habilidades, tem evoluído para incluir uma ênfase crescente na formação de líderes capazes de enfrentar os desafios globais contemporâneos. Entre as várias abordagens emergentes, a liderança regenerativa se destaca como uma perspectiva inovadora que integra a sustentabilidade, a justiça social e a regeneração ecológica tornando sua relação com a educação necessária para formação de líderes preparados para promover mudanças sistêmicas em um mundo em constante transformação.

Além da necessidade de formação de novas lideranças regenerativas para o futuro, é preciso pensarmos o papel dos gestores educacionais como líderes dentro de uma organização universitária. Marcelino (2023), em seu livro “Magnífico Reitor Magnífico” destaca o papel dos reitores para este tempo e para o futuro. Para o autor, o reitor comprometido com os desafios de seu tempo deve ser um agente promotor do equilíbrio institucional, do movimento orquestral rítmico. Sugere que é preciso construir novas narrativas sobre o papel da educação superior para a humanização da civilização.

Ainda segundo o autor, a internacionalização, com destaque para a mobilidade acadêmica, proporciona uma ampla, rica e recíproca troca de conhecimentos e de compartilhamentos de alternativas de soluções comuns para recorrentes problemas similares. Uma educação transfronteiriça potencializa a internacionalização para um multiculturalismo que se dá no reconhecimento do outro, sem imposições de culturas, mas de respeito e humanização porque a educação transformadora se dá pela diversidade com a formação de seres humanos mais capazes, tolerantes e empoderados para liderar as mudanças estruturais necessárias em um mundo em regeneração. Marcelino (2023).

É necessário termos a consciência que a educação é a pedra angular na preparação de líderes regenerativos. Programas educacionais voltados para essa abordagem visam desenvolver habilidades como pensamento sistêmico, empatia, criatividade e a capacidade de colaborar em contextos complexos e incertos. Sterling (2011) argumenta que a educação para a sustentabilidade deve ir além da transmissão de conhecimentos técnicos, incorporando valores e práticas que promovam a regeneração e a resiliência.

Os currículos que incluem, ainda que de forma indireta, aspectos da liderança regenerativa, frequentemente incluem componentes de aprendizagem experiencial,

permitindo que os alunos se envolvam diretamente com desafios reais em suas comunidades. Isto pode incluir projetos de desenvolvimento comunitário, iniciativas de conservação ambiental e parcerias com organizações locais. Segundo Wahl (2016), a aprendizagem prática e a participação ativa em projetos regenerativos ajudam os alunos a desenvolverem uma compreensão profunda das dinâmicas socioecológicas e a capacidade de liderar mudanças positivas.

Diversas organizações educativas ao redor do mundo têm incorporado princípios de liderança regenerativa em seus programas. A Gaia Education⁵, por exemplo, oferece cursos focados em design regenerativo e liderança sustentável, combinando teoria com prática em projetos comunitários.

Outro exemplo é o Schumacher College⁶, que promove cursos de curta e longa duração em ecologia profunda e economia regenerativa, enfatizando a importância de uma abordagem holística à educação.

A educação voltada para a liderança regenerativa tem o potencial de produzir líderes que são não apenas tecnicamente competentes, mas também eticamente comprometidos e emocionalmente resilientes. Esses líderes estão preparados para enfrentar desafios complexos como as mudanças climáticas, a desigualdade social e a degradação ambiental. Segundo Orr (2004), a educação que cultiva a liderança regenerativa pode inspirar uma nova geração de líderes capazes de pensar e agir de maneira integrada, promovendo soluções que beneficiem tanto as pessoas quanto o planeta.

Especificamente para a comunidade lusófona, a formação de líderes regenerativos torna-se uma necessidade salutar devido aos desafios comuns enfrentados como a necessidade de mão de obra qualificada, os desafios ambientais enfrentados além dos aspectos sociais, políticos e econômicos.

A popularização do termo "educação regenerativa" ocorreu no início do século XXI, com a contribuição de educadores e ativistas ambientais como Daniel Christian Wahl e Fritjof Capra. Wahl (2016) define a educação regenerativa como uma abordagem que promove o design de culturas regenerativas através da aprendizagem experiencial e participativa. Capra (2002), por sua vez, sublinha a importância de uma educação que cultive uma compreensão sistêmica da vida, capacitando os estudantes a verem o mundo como uma rede interconectada de relações.

⁵ <https://www.gaiaeducation.org/design-for-sustainability-en> Acesso em: 21/02/2025

⁶ <https://campus.dartington.org/regenerative-economics/> Acesso em 21/02/2025

Ao promover a formação de cidadãos globais e líderes regenerativos, as instituições de educação superior alinham suas práticas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) foram adotados pela Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro de 2015 como parte da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Estes 17 objetivos e 169 metas fornecem uma estrutura global para enfrentar os principais desafios que o mundo enfrenta, incluindo pobreza, desigualdade, mudanças climáticas, degradação ambiental, paz e justiça. A agenda enfatiza a necessidade de uma abordagem integrada para alcançar o desenvolvimento sustentável para todos. (ONU, 2015)

"Nós estamos determinados a tomar as medidas ousadas e transformadoras que são urgentemente necessárias para mudar o mundo para um caminho sustentável e resiliente. Ao embarcarmos nesta jornada coletiva, prometemos que ninguém será deixado para trás" (ONU, 2015, p. 3).

A educação é fundamental para o alcance dos ODS, como explicitamente indicado no ODS 4, que visa "garantir uma educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos" (ONU, 2015). Este objetivo reconhece que a educação é um poderoso motor de desenvolvimento e uma das formas mais eficazes de melhorar a educação, a saúde, os meios de subsistência e o desenvolvimento econômico.

A Agenda 2030 reconhece a importância de uma educação de qualidade para o desenvolvimento sustentável. Uma das metas específicas destaca a necessidade de garantir que todos os alunos adquiram os conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, incluindo, entre outros, direitos humanos, igualdade de gênero e cidadania global. De acordo com a ONU (2015, p. 21), a educação deve promover "estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não-violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável".

A internacionalização da educação superior é uma estratégia chave para alcançar vários ODS, especialmente aqueles relacionados à educação, redução das desigualdades e promoção de parcerias globais. A internacionalização promove a mobilidade acadêmica, o intercâmbio cultural e a colaboração internacional, contribuindo para uma educação de qualidade e para o desenvolvimento de competências

globais.

A UNESCO define a internacionalização da educação superior como "um processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, nas funções e na oferta de educação pós-secundária" (UNESCO, 2009, p. 11). Este processo é essencial para preparar os alunos para um mundo cada vez mais interconectado e para enfrentar desafios globais de forma colaborativa.

A promoção de uma educação intercultural, conforme destaca a UNESCO (2013), é fundamental para o desenvolvimento de competências necessárias para viver em sociedades culturalmente diversas e interconectadas. A educação intercultural promove o respeito pela diversidade cultural, o diálogo intercultural e a coesão social tendo como lema principal da organização, "não deixar ninguém para trás".

2.1.6 A Interculturalidade e a Internacionalização no Sul Global

A interculturalidade pode ser compreendida como a interação equitativa entre diferentes culturas, fundamentada no respeito mútuo e no diálogo. No contexto da educação superior, essa abordagem é essencial para preparar os estudantes a viver e atuar em um mundo globalizado, promovendo o entendimento entre culturas e o desenvolvimento de competências globais (DEARDORFF, 2006).

A interculturalidade, além de fomentar a cooperação acadêmica, desempenha um papel importante na formação de cidadãos globais. Por meio dela, os estudantes desenvolvem habilidades para compreender e valorizar diferentes culturas, colaborar em equipes multiculturais e resolver problemas complexos em contextos globais (LEASK, 2009).

No contexto dos países lusófonos, as parcerias estratégicas entre universidades têm se mostrado uma ferramenta eficaz para alavancar a internacionalização e a pesquisa conjunta. Por meio dessas colaborações, é possível promover a troca de conhecimento, compartilhar recursos e experiências e desenvolver projetos acadêmicos em cooperação. Essas iniciativas fortalecem a educação superior e a integração entre as nações de língua portuguesa (KNIGHT, 2015).

Os desafios enfrentados pelas universidades dos países lusófonos para implementar políticas de internacionalização incluem a escassez de financiamento, infraestrutura inadequada e barreiras linguísticas. Entretanto, há oportunidades significativas para superação dessas limitações, como a expansão de parcerias internacionais

e o desenvolvimento de programas de mobilidade acadêmica que possibilitem uma maior integração entre as instituições (ALTBACH; SALMI, 2011).

No Brasil, o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) é um exemplo de política pública que promove a interculturalidade ao possibilitar que estudantes de diversos países estudem em instituições de ensino superior brasileiras. Essa iniciativa fomenta o diálogo cultural e a troca de experiências acadêmicas, fortalecendo as relações internacionais do país (BRASIL, 2018).

Um outro exemplo de promoção da interculturalidade em países lusófonos, trata-se da Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique, que se destaca por seus esforços em prol da interculturalidade, ao estabelecer programas de intercâmbio com instituições acadêmicas de países europeus e africanos. Tais iniciativas criam um ambiente propício à interação cultural e à troca de conhecimentos entre os estudantes (MOÇAMBIQUE, 2019).

Embora as universidades do Norte Global contem com recursos mais abundantes para implementar programas de interculturalidade, as instituições do Sul Global frequentemente enfrentam desafios significativos, como restrições financeiras e infraestrutura limitada. Apesar disso, as universidades do Sul Global têm demonstrado resiliência e criatividade na elaboração e execução de políticas interculturais que promovem a inclusão e a diversidade cultural em suas práticas acadêmicas (ALTBACH; KNIGHT, 2007).

Além disso, tendências emergentes na educação superior, como a aprendizagem baseada em projetos, o uso de inteligência artificial e o crescimento da educação a distância, têm ampliado as possibilidades de inovação no ensino. Essas práticas têm o potencial de transformar as iniciativas educacionais nos países lusófonos, oferecendo novas oportunidades para a melhoria contínua e o alcance de metas institucionais (WEBER; DUDERSTADT, 2008).

Para garantir o sucesso das políticas de internacionalização e interculturalidade, é indispensável estabelecer indicadores claros e mensuráveis. Entre os principais indicadores, destacam-se as taxas de mobilidade estudantil, o número de publicações conjuntas, os índices de satisfação dos estudantes e a quantidade de parcerias de pesquisa estabelecidas. Esses parâmetros permitem avaliar a eficácia das iniciativas e identificar áreas para aperfeiçoamento contínuo.

Por fim, essa sessão denominada **“Internacionalização da Educação Superior”** teve como objetivo principal apresentar um panorama geral dos aspectos refe-

rentes a concepção histórica, os conceitos estabelecidos pelos principais pesquisadores e autores do tema, a importância do processo da internacionalização para a formação de cidadãos globais aptos a viverem em um mundo cada vez mais interconectado e interdependente. Objetivou-se também elencar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis da ONU e outros indicadores relevantes desenvolvidos por organismos e rankings internacionais.

A seguir, apresentaremos o segundo grande eixo estruturante da fundamentação teórica, denominado “**Nações em Contextos Desfavoráveis**”. Nesta dimensão, buscaremos apresentar dados obtidos por meio de relatórios, artigos e demais fontes de dados uma visão geral sobre os países do chamado Sul Global, com especial atenção as nações de língua portuguesa, suas principais concepções, desafios e oportunidades emergentes.

3. NAÇÕES EM CONTEXTOS DESFAVORÁVEIS

Um país e uma instituição que desejam se internacionalizar devem ter razões bem definidas e bem planejadas, considerando o contexto e seus objetivos com a internacionalização. Modelos de internacionalização aplicáveis a um grupo de países podem não ser aplicáveis a outro grupo, se forem considerados aspectos como idioma e perfil econômico desse país (DE WIT; WANG, 2022). As razões para internacionalização, anteriormente classificadas em nível acadêmico, econômico, político e social, foram atualizadas por Knight (2021) e reclassificadas conforme os atores promotores da internacionalização (instituições, departamentos, ONGs, associações, fundações, empresas) em nível individual, institucional, nacional e regional.

As estratégias e as razões para se internacionalizar devem ser pensadas de acordo com a realidade de cada país. Jones e De Wit (2021) alertam para a situação de países de baixa e média renda, que se esforçam para internacionalizar, mas seguem modelos de internacionalização que apresentam bons resultados para países com realidade oposta a sua (JONES; DE WIT, 2021). É necessário adequar as estratégias de internacionalização para o contexto e a realidade do país e da IES que se propõe a ser internacionalizada.

De Wit e Wang (2022) chamam atenção para a situação de países não anglófonos do Sul Global, que estão desenvolvendo maneiras de superar as barreiras especialmente aquelas que interferem na atratividade de estudantes internacionais.

Considerando os tantos desafios que esses países enfrentam, os autores traçam estratégias que podem ser analisadas pelos países não anglófonos, como é o caso do Brasil e dos demais países de língua portuguesa, para promover a internacionalização e diminuir a lacuna entre a recepção e o envio de estudantes.

Nesse sentido, a proposta da consolidação de uma plataforma tecnológica dedicada aos países lusófonos encontra respaldo científico e se consolida como um terreno fértil para novas formas de internacionalização da educação superior em contextos desfavoráveis.

Como enfatizado anteriormente, a mobilidade física está restrita a poucos estudantes que têm condições de financiar esse tipo de ação, além de se tratar de uma alternativa questionável do ponto de vista da sustentabilidade ambiental (JONES; DE WIT, 2021; DE WIT; JONES, 2022)

Estratégias de internacionalização que foquem na mobilidade física terão como resultado a desigualdade de acesso, de oportunidades e de resultados (DE WIT; JONES, 2022). Como consequência da limitação de acesso à mobilidade, não será possível resolver a crescente demanda de formação de trabalhadores que possam trabalhar em diferentes países e culturas, assim como a solução de grandes questões globais terá uma menor participação da contribuição de conhecimentos e contextos locais (DE WIT; JONES, 2022).

A internacionalização socialmente responsável não é fácil e depende de recursos financeiros substanciais, mas contribui para melhoria da qualidade da educação superior, além de ser socialmente inclusiva (BRANDENBURG; DE WIT; JONES; LEASK, 2019; STALLIVIERI, 2019; JONES; DE WIT, 2021). Os mesmos autores alertam para a necessidade imperativa de mudança de paradigma na compreensão da internacionalização, saindo de um “paradigma competitivo ocidental para uma estratégia cooperativa global”. (DE WIT; JONES, 2022,148)

3.1 O SUL GLOBAL: CONCEITOS, CONCEPÇÕES E CARACTERÍSTICAS

O conceito de Sul-global é amplo e vai além de uma região geográfica, abrangendo um espaço social, político e cultural em construção que se caracteriza pela subalternidade, exclusão social e falta de acesso aos bens materiais e simbólicos produzidos pela modernidade. Conforme destaca Santos (2000;2006), esse espaço é definido pelas relações de poder, dominação e exploração que historicamente fo-

ram estabelecidas entre o Norte e o Sul do mundo. O Sul-global não se restringe aos países do hemisfério sul, mas inclui todos os grupos sociais que foram marginalizados e subalternizados em relação aos poderes dominantes do Norte, abrangendo questões não só econômicas, mas também culturais, políticas e ambientais.

Para Boff (2002) esse conceito desafia as concepções tradicionais de desenvolvimento e progresso, apontando para a necessidade de repensar as relações Norte-Sul e buscar alternativas mais justas e sustentáveis para o futuro da humanidade.

Essa desigualdade nas relações apontada pelos autores contribui para a manutenção do *status quo* e consequentemente se desvirtua dos objetivos e metas da UNESCO (2021) que afirma ser necessário que a internacionalização da educação superior seja vista como uma ferramenta para fomentar a igualdade e a integração, ao invés de agravar as disparidades existentes.

O Sul Global é uma categoria que agrupa países em desenvolvimento na África, América Latina, Ásia e Oceania. Essa terminologia destaca não apenas uma localização geográfica, mas também um conjunto de condições socioeconômicas e políticas compartilhadas por esses países. De acordo com Dados (2018), o Sul Global se refere aos espaços sociais, econômicos e culturais dominados por padrões de desenvolvimento dependente e desigual. Essas nações frequentemente enfrentam desafios como instabilidade política, desigualdade econômica e infraestruturas subdesenvolvidas.

Os países do Sul Global destacam-se por uma diversidade cultural rica, refletida em línguas, tradições e práticas únicas. Essa riqueza cultural representa uma vantagem competitiva significativa, potencializando setores como o turismo e as indústrias criativas, o que pode ser uma alavanca para o desenvolvimento socioeconômico (SMITH, 2019). Segundo Smith (2019, p. 33), “a diversidade cultural do Sul Global é uma fonte de riqueza e potencial para o desenvolvimento socioeconômico”, sublinhando a importância de políticas que valorizem e protejam essa diversidade.

Além disso, a história de adversidades enfrentadas pelos países do Sul Global gerou uma resiliência única em suas populações. Essa capacidade de adaptação não apenas inspira, mas também oferece recursos fundamentais para a busca de soluções inovadoras e sustentáveis (GOMEZ, 2020). Como destacado por Gomez (2020, p. 47), “a resiliência dos povos do Sul Global é um testemunho de sua capacidade de superar adversidades e inovar”, reforçando a relevância desse fator no contexto global.

A tabela 10 apresenta alguns exemplos de países que historicamente compõem o chamado Sul Global, com destaque para os países de língua portuguesa e seus principais indicadores sociais e econômicos.

Tabela 10 - Países Sul Global e Indicadores socioeconômicos

País	População (milhões)	IDH	Índice de Escolaridade	PIB (US\$ bilhões)	Taxa de Pobreza (%)	Expectativa de Vida (anos)
Afganistão	39,00	0,511	9,0	20	54,5	64
Angola	32,87	0,581	10,0	66,49	49,9	61,2
Bangladesh	166,00	0,632	11,0	416	21,8	72,6
Bolívia	11,00	0,718	13,0	40	30,0	71
Botsuana	2,40	0,735	12,7	18	16,3	69,6
Brasil	213,99	0,765	15,4	2.055,51	21,4	75,9
Cabo Verde	0,56	0,651	12,8	1,98	26,6	73,2
Camarões	26,00	0,563	10,2	45	37,5	59
Chade	16,00	0,398	7,0	12	66,2	54,0
Colômbia	50,00	0,767	14,8	323	27,0	77
Rep. Dem. do Congo	89,00	0,480	8,1	50	63,0	60
Equador	17,00	0,759	14,1	108	25,0	77,1
Egito	102,00	0,707	12,1	365	29,7	72
Etiópia	115,00	0,485	8,5	96	31,3	66
Gana	31,00	0,611	11,7	68	23,4	64,1
Guatemala	18,00	0,663	11,0	77	59,3	74
Índia	1.366,00	0,645	12,2	2.869	21,9	69,7
Indonésia	273,00	0,718	12,9	1.119	9,4	72
Quênia	54,00	0,601	11,5	95	36,1	67
Moçambique	31,26	0,456	9,7	15,27	60,7	60
Nigéria	206,00	0,539	10,5	448	40,1	54
Paquistão	220,00	0,557	10,1	278	24,3	67
Papua Nova Guiné	9,00	0,555	10,8	25	37,5	64
Peru	32,00	0,777	13,4	222	20,2	76
Filipinas	108,00	0,718	13,1	376	16,6	71
África do Sul	59,00	0,705	13,1	351	49,2	64,1
Sri Lanka	21,00	0,780	14,0	88	6,7	77

Tanzânia	58,00	0,528	10,3	64	26,4	66
Uganda	45,00	0,516	10,1	40	21,4	64
Vietnã	96,00	0,704	12,7	262	5,8	76
Zâmbia	18,00	0,584	11,0	23	54,4	64
Zimbábue	14,00	0,571	10,5	19	72,3	61
Portugal	10,31	0,864	16,3	238,17	17,2	81,1
São Tomé e Príncipe	0,22	0,625	12,1	0,47	66,7	70,4
Timor-Leste	1,32	0,606	11,3	1,82	41,8	69,4

Fonte: Human Development Report e Banco Mundial (2023)

A dinâmica populacional no Sul Global também apresenta oportunidades e desafios. Regiões como a África Subsaariana devem experimentar um crescimento populacional acelerado, com projeções que indicam o dobro da população até 2050, enquanto o Norte Global enfrenta crescimento reduzido e, em alguns casos, declínio populacional devido ao envelhecimento e à redução nas taxas de fertilidade (*Our World in Data*, 2023; *Population Connection*, 2023). Segundo *Our World in Data* (2023), o crescimento populacional no Sul Global pode potencializar tanto desafios como oportunidades, exigindo políticas públicas eficazes e cooperação internacional.

Ainda nessa sessão do presente projeto de pesquisa, apresentaremos os dados obtidos referentes ao crescimento populacional especificamente dos países de língua portuguesa, com destaque para Angola e Moçambique que até 2050, segundo estimativas da ONU, terão o dobro da população.

Essa dinâmica demográfica, no entanto, agrava problemas como mudanças climáticas, que têm impacto significativo no Sul Global. Em regiões como o Sahel, a combinação de crescimento populacional e eventos climáticos extremos, como secas e inundações, pode intensificar a insegurança alimentar e forçar migrações em larga escala (*Population Connection*, 2023). A implementação de estratégias que abordem tais questões, incluindo o acesso à educação e saúde reprodutiva, é essencial para mitigar os impactos sociais e econômicos.

Nesse contexto, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) emergem como um guia estratégico para enfrentar as disparidades e promover o desenvolvimento sustentável. Ao priorizar áreas como a redução da pobreza, o acesso à educação e a ação climática, esses objetivos são fundamentais para que as populações crescentes no Sul Global possam prosperar de maneira inclusiva e sustentável (*Our World in Data*, 2023; *Population Connection*, 2023).

3.1.2 Desafios Enfrentados e Oportunidades Emergentes no Sul Global

Um dos principais desafios enfrentados pelos países do Sul Global é a persistente desigualdade econômica e social, que afeta diretamente o desenvolvimento dessas nações. A distribuição desigual de renda e recursos cria um ciclo vicioso de pobreza que compromete áreas fundamentais, como a educação e o acesso a serviços básicos. De acordo com a Oxfam (2020), os países do Sul Global apresentam os níveis mais altos de desigualdade de renda e de acesso a serviços básicos, perpetuando as disparidades socioeconômicas e limitando as oportunidades de desenvolvimento.

Além disso, a instabilidade política representa um entrave significativo para o progresso dessas regiões. Conflitos internos, corrupção sistêmica e governos instáveis frequentemente dificultam a implementação de políticas públicas e o avanço sustentável. Conforme destaca Sachs (2015), a instabilidade política e a governança fraca são barreiras críticas ao desenvolvimento no Sul Global. Essa situação impede que esforços estruturados gerem transformações positivas e duradouras.

Outro obstáculo substancial é o acesso limitado a serviços básicos, como saúde e educação. Sistemas de saúde frágeis e infraestrutura educacional inadequada são problemas recorrentes em muitas dessas nações. Segundo o Banco Mundial (2019), a precariedade dos sistemas de saúde e a inadequação das infraestruturas educacionais são barreiras ao desenvolvimento sustentável no Sul Global. A ausência de serviços básicos de qualidade não apenas compromete o bem-estar das populações, mas também limita o crescimento econômico e social.

A deficiência na infraestrutura geral agrava ainda mais esse cenário. Desde redes de transporte até tecnologias de comunicação, a infraestrutura insuficiente restringe o potencial de desenvolvimento econômico e educacional. Como aponta a UNESCO (2017), afirmando que a infraestrutura inadequada é uma barreira substancial para o progresso educacional e tecnológico no Sul Global, ilustrando a necessidade de investimentos significativos para superar essas limitações.

Apesar desses desafios, o Sul Global possui oportunidades promissoras. A internacionalização da educação superior, por exemplo, apresenta-se como uma estratégia transformadora para melhorar a qualidade educacional e promover a mobilidade acadêmica. Parcerias e colaborações entre instituições de ensino de diferentes países podem contribuir significativamente para o desenvolvimento de competências

globais e interculturais. Knight (2013) destaca que a internacionalização é uma ferramenta essencial para as universidades do Sul Global, permitindo maior integração com o cenário acadêmico global e melhorando a qualidade do ensino.

Adicionalmente, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) surgem como catalisadoras de mudanças positivas em áreas como a educação. Com a adoção dessas tecnologias, é possível mitigar limitações de infraestrutura física e ampliar o acesso à informação e à educação de qualidade. Segundo Heeks (2008), as TICs oferecem uma oportunidade única para superar barreiras estruturais e promover o desenvolvimento inclusivo no Sul Global, destacando seu papel central em contextos de desigualdade.

O foco crescente em iniciativas de sustentabilidade apresenta novas perspectivas para o desenvolvimento dessas nações. A sustentabilidade, ao atrair investimentos estrangeiros e promover o uso eficiente de recursos naturais, cria condições para um crescimento econômico mais equilibrado e inclusivo. Conforme Escobar (2011), o desenvolvimento sustentável no Sul Global é uma via promissora para alcançar um crescimento econômico inclusivo e equilibrado, reforçando a importância de estratégias integradas que combinem preservação ambiental e progresso socioeconômico.

Assim, enquanto o Sul Global enfrenta desafios estruturais substanciais, ele também apresenta um vasto potencial de transformação. Combinando esforços em internacionalização educacional, inovação tecnológica e práticas sustentáveis, essas nações podem redefinir seu futuro, transformando limitações em oportunidades concretas de desenvolvimento.

Apesar das dificuldades estruturais, esses países são notavelmente ricos em recursos naturais, que, se geridos de maneira sustentável, podem tornar-se pilares fundamentais para o crescimento econômico. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP, 2018), a gestão sustentável desses recursos pode impulsionar não apenas a economia, mas também promover avanços sociais significativos, destacando a importância de políticas voltadas à sustentabilidade como elemento central para a transformação socioeconômica.

Outro aspecto de destaque no Sul Global é sua população jovem, que representa um imenso potencial para a inovação e o empreendedorismo. Investimentos direcionados à educação e capacitação tecnológica têm o poder de transformar essa força demográfica em agentes de mudança e crescimento econômico. Conforme ob-

servado pela UNESCO (2020), a juventude dessas regiões é um recurso valioso que, com as estratégias corretas, pode liderar iniciativas de desenvolvimento inovadoras e sustentáveis, especialmente em um cenário global cada vez mais competitivo e digitalizado.

Além disso, a cooperação entre os próprios países do Sul Global, frequentemente denominada cooperação Sul-Sul, tem emergido como um mecanismo eficaz para enfrentar desafios comuns e compartilhar soluções. Essa modalidade de colaboração fomenta a troca de experiências, tecnologias e recursos, permitindo que as nações fortaleçam suas capacidades internas. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNDP, 2017) destaca que essa forma de cooperação promove a autossuficiência e a resiliência dos países, criando sinergias que contribuem para um desenvolvimento mais equitativo e sustentável.

Portanto, a conjugação de estratégias de gestão sustentável dos recursos, o investimento na formação de uma juventude capacitada e o fortalecimento da cooperação Sul-Sul compõem elementos-chave para transformar os desafios enfrentados pelos países do Sul Global em oportunidades concretas de progresso e inovação.

Essas abordagens demandam, contudo, esforços conjuntos entre governos, organizações internacionais e a sociedade civil, garantindo que os recursos e talentos disponíveis sejam plenamente aproveitados em benefício do desenvolvimento inclusivo e sustentável.

Os dados apontados na tabela 11 apresentada a seguir revelam uma clara distinção entre o Norte Global e o Sul Global em termos de demografia, desenvolvimento humano, e desafios e oportunidades econômicas. Cabe salientar que o enfoque na cooperação Sul-Sul não tem como objetivo o detrimento das relações com o Norte Global, tampouco trata-se de uma oposição geopolítica de um movimento contra hegemônico, afinal, se a presente pesquisa tem como objetivo apresentar soluções para a construção de um mundo mais justo e equitativo, alinhado ao que nos convida a UNESCO com seu lema “não deixar ninguém para trás” reforçamos que a colaboração entre o Norte e o Sul Global pode gerar benefícios mútuos respeitando a individualidade de cada nação, compreendendo que simplesmente copiar estratégias exitosas do Norte Global e aplica-las ao Sul Global não são eficientes pois não levam em consideração essas singularidades econômicas, políticas e sociais.

O Norte pode compartilhar tecnologias e melhores práticas para ajudar o Sul a lidar com seus desafios, enquanto o Sul pode oferecer novos mercados e uma força

de trabalho jovem. Programas de intercâmbio educacional, pesquisa conjunta, e investimentos em infraestrutura sustentável são exemplos de como essa cooperação pode ser frutífera.

Tabela 11 - Comparativo Norte Global vs. Sul Global

Critério	Norte Global	Sul Global
Países	43	127
População Total (2023)	1,528 bilhões	6,303 bilhões
IDH Médio	0.896	0.670
Índice de Escolaridade	Alta (média de 15+ anos)	Média-baixa (média de 8-12 anos)
Instituições de Educação Superior	Aproximadamente 10,000	Aproximadamente 15,000
Crescimento Populacional (2050)	Lento/Estável	Rápido/Significativo
Proporção da População Jovem	Baixa (<20%)	Alta (>40%)
Desafios Primários	Envelhecimento, Sustentabilidade, Inovação	Pobreza, Educação, Mudanças Climáticas
Oportunidades Principais	Inovação Tecnológica, Desenvolvimento Sustentável	Crescimento Econômico, Jovens Talentos

Fonte: Population Connection (2023)

Ao observar os dados apresentados na tabela acima, a diferença mais notável é o crescimento populacional. O Sul Global está projetado para crescer significativamente nas próximas décadas. Por exemplo, a África Subsaariana deve ver sua população dobrar até 2050 (Our World in Data, 2023; Population Connection, 2023).

Este crescimento demográfico coloca o Sul Global como o principal motor do aumento populacional mundial, enquanto muitas nações do Norte Global enfrentam estagnação ou mesmo declínio populacional devido a taxas de natalidade mais baixas e populações envelhecidas.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio é significativamente mais alto no Norte Global (0.896) comparado ao Sul Global (0.670). Isto reflete melhores condições de vida, maior expectativa de vida, e acesso superior à educação e saúde no Norte Global. No entanto, o Sul Global tem um potencial de crescimento educacional enorme, dada a sua população jovem. Melhorar o acesso e a qualidade da educação no Sul Global pode transformar esses países, gerando uma força de trabalho qualificada e promovendo o desenvolvimento econômico.

De acordo com o relatório "World Population Prospects 2022" (2022) da ONU, a população mundial deve alcançar cerca de 8,5 bilhões em 2030 e 9,7 bilhões em 2050, atingindo um pico de aproximadamente 10,4 bilhões na década de 2080. A África, em particular, verá um crescimento populacional substancial. Até 2100, a população africana deve aumentar de 1,3 bilhão para 4,3 bilhões, com a maior parte desse crescimento concentrada na África Subsaariana (Our World in Data, 2023; Population Connection, 2023).

Enquanto isso, regiões como a Europa e a América Latina devem ver declínios populacionais significativos. A população da Europa, por exemplo, atingiu o pico em 2021 e começa a declinar a partir daí (Our World in Data, 2023; Population Connection, 2023). Em contraste, a população da África deve mais que triplicar até o final do século, sendo responsável por uma grande parte do crescimento populacional global.

Essa disparidade de crescimento populacional entre o Sul e o Norte Global levanta questões importantes sobre sustentabilidade, recursos e desenvolvimento. Para países do Sul Global, especialmente na África, esse crescimento rápido pode apresentar tanto oportunidades econômicas quanto desafios significativos em termos de infraestrutura, saúde, educação e emprego (Our World in Data, 2023; Population Connection, 2023).

Até o presente momento nesse eixo estruturante da fundamentação teórica, tratamos do Sul Global de forma abrangente, embora em alguns pontos tornou-se pertinente mencionar sobre o Norte Global e os países lusófonos. A seguir delimitaremos o tema aos países lusófonos e a chamada CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

3.1.3 A Língua Portuguesa Como Traço Identitário: Potencialidades E Perspectivas

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) é composta por nove nações: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Guiné Equatorial. Esses países compartilham a língua portuguesa como elo cultural e histórico. Conforme destacado na Declaração de Brasília (1996), a missão principal da CPLP é promover a cooperação entre os seus membros em áreas de interesse comum e fortalecer a presença e a influência da língua portuguesa no mundo.

A estrutura organizacional da CPLP inclui órgãos como a Conferência de Chefes de Estado e de Governo, o Conselho de Ministros, o Comitê de Concertação Permanente e o Secretariado Executivo. Esses órgãos desempenham funções complementares para definir e implementar as políticas e programas da organização. Segundo a CPLP (2021), a estrutura organizacional da organização foi projetada para facilitar a cooperação multilateral e a tomada de decisões consensuais entre os membros.

Entre os principais objetivos da CPLP, destacam-se a promoção e difusão da língua portuguesa, a cooperação política e diplomática, o fortalecimento das relações econômicas e comerciais e a colaboração em áreas como educação, saúde, ciência e tecnologia. Conforme descrito pela CPLP (2021), os objetivos da entidade refletem o compromisso de seus membros com a construção de uma comunidade mais integrada e cooperativa.

Um dos desafios enfrentados pela CPLP é lidar com a diversidade econômica e social entre seus membros. Enquanto países como Brasil e Portugal possuem economias relativamente desenvolvidas, outros, como Guiné-Bissau e Moçambique, enfrentam dificuldades significativas em termos de desenvolvimento econômico e social. Para Santos (2010), a diversidade econômica e social dentro da CPLP representa tanto um desafio quanto uma oportunidade para promover a cooperação e o desenvolvimento equilibrado.

A dispersão geográfica dos países membros da CPLP constitui outro obstáculo para a cooperação efetiva. A carência de infraestrutura de transporte e comunicação entre algumas nações limita a implementação de projetos conjuntos e a mobilidade de pessoas e bens. Conforme Almeida (2015), as barreiras geográficas são um obstáculo significativo para a cooperação intra-CPLP, exigindo soluções inovadoras e investimentos em infraestrutura.

Adicionalmente, alguns países da CPLP enfrentam instabilidade política e conflitos internos, o que compromete a execução de políticas comuns e afeta negativamente o desenvolvimento econômico e social. Segundo Lima (2016), a instabilidade política em certos membros da CPLP cria desafios adicionais para a coesão e a eficácia da organização.

A educação é uma área estratégica de cooperação para a CPLP. Iniciativas como programas de intercâmbio estudantil, capacitação docente e desenvolvimento curricular conjunto têm o potencial de fortalecer os laços educacionais entre os paí-

ses membros. Conforme a UNESCO (2020), a cooperação educacional dentro da CPLP tem o potencial de melhorar significativamente a qualidade da educação e promover a integração regional.

A promoção da língua portuguesa é uma das prioridades centrais da CPLP. Por meio de eventos culturais, publicações e projetos de digitalização de conteúdos em português, busca-se consolidar a presença do idioma no cenário global. Segundo a CPLP (2021), a promoção da língua portuguesa é fundamental para a identidade e a coesão da CPLP, bem como para a sua projeção internacional.

Além disso, a formação de parcerias econômicas representa uma oportunidade promissora. A criação de zonas de livre comércio, acordos de cooperação econômica e projetos de infraestrutura conjunta pode estimular o crescimento econômico e fortalecer os vínculos entre os membros. Para Pereira (2018), as parcerias econômicas dentro da CPLP têm o potencial de criar um mercado integrado e competitivo, beneficiando todos os seus membros. A tabela 12 apresenta dados socioeconômicos e educacionais dos países da CPLP.

Tabela12: Dados Socioeconômicos e Educacionais dos Países da CPLP

País	População (milhões)	IDH (2021)	Taxa de Alfabetização (%)	PIB per capita (USD)	Expectativa de Vida (anos)	Taxa de Escolaridade (Ensino Superior) (%)
Angola	33.93	0.581	71.1	3,501	61.5	8.6
Brasil	214.83	0.754	93.2	7,507	75.9	21.7
Cabo Verde	0.56	0.651	87.6	3,674	73.2	19.1
Guiné-Bissau	2.03	0.480	59.9	785	58.4	2.2
Moçambique	32.16	0.456	63.5	523	60.2	6.5
Portugal	10.35	0.864	94.5	23,177	81.1	37.9
São Tomé e Príncipe	0.23	0.625	92.8	2,160	67.6	8.9
Timor-Leste	1.37	0.607	67.5	1,560	69.2	15.3
Guiné Equatorial	1.46	0.593	95.3	7,143	58.7	10.1

Fonte: UNESCO Institute for Statistics (2021).

Os dados apresentados mostram uma significativa variação nas condições socioeconômicas e educacionais dos países membros da CPLP. O Brasil e Portugal apresentam os maiores valores de IDH, PIB per capita e acesso à internet, refletindo níveis mais elevados de desenvolvimento humano. Por outro lado, países como Moçambique e Guiné-Bissau mostram desafios substanciais, com baixos níveis de IDH, PIB per capita e acesso à internet.

Essa disparidade aponta para a necessidade de políticas e estratégias diferenciadas para promover a cooperação e o desenvolvimento integrado na CPLP, aproveitando as forças e abordando as fraquezas de cada membro. A promoção de TICs, a internacionalização da educação e a cooperação acadêmica são fundamentais para diminuir essas lacunas e promover um desenvolvimento mais equitativo na comunidade lusófona. Podemos observar esses dados na tabela 13 a seguir:

Tabela 13 - População, IDH, índice de escolaridade e quantidade de instituições de educação superior:

País	População (milhões)	IDH (2021)	Índice de Escolaridade	Instituições de Educação Superior	Outras Informações Relevantes
Angola	35.1	0.581	4.1 anos	40	Alto crescimento populacional
Brasil	213.3	0.754	7.8 anos	2,537	Maior economia da CPLP
Cabo Verde	0.56	0.730	5.4 anos	10	Alta taxa de alfabetização
Guiné-Bissau	2.0	0.480	3.1 anos	3	Baixo acesso à educação
Moçambique	31.3	0.456	3.5 anos	50	Desafios em infraestrutura
Portugal	10.3	0.866	8.2 anos	131	Alto IDH na CPLP
São Tomé e Príncipe	0.22	0.618	4.2 anos	2	Pequena população
Timor-Leste	1.3	0.607	4.6 anos	8	Recuperação pós-conflito

Fonte: UNESCO Institute for Statistics, 2021.

A tabela 14 a seguir, apresenta algumas das principais ações e projetos atualmente em andamento dentro do contexto da CPLP. Esses projetos elucidam as principais iniciativas, contextualizam uma breve descrição dos objetivos, os participantes

envolvidos e a fonte consultada para o levantamento dos dados.

Tabela 14 - principais ações e projetos atualmente em andamento:

Iniciativa	Descrição	Participantes
Plano Estratégico de Co- operação Multilateral 2022-2026	Plano aprovado para promover coo- peração em ciência, tecnologia e edu- cação superior, com foco na formação de recursos humanos e mobilidade acadêmica.	Todos os membros
Acordo de Mobilidade CPLP	Acordo que facilita a mobilidade de ci- dadãos dos países da CPLP para es- tádios de curta duração e vistos de re- sidência, com foco em professores, estudantes e profissionais.	Todos os membros
Redes CPLP de Pesquisa	Criação e articulação de redes para pesquisa, ciência, tecnologia, inova- ção e mobilidade de pesquisadores acadêmicos, estudantes e técnicos.	Todos os membros
Programa de Bolsa de Estudo CPLP	Programas de bolsas de estudo para estudantes de países membros estu- darem em outras nações da CPLP, promovendo intercâmbio cultural e acadêmico.	Vários membros
Fóruns de Educação CPLP	Organização de fóruns regulares so- bre educação para discutir desafios comuns, compartilhar melhores práti- cas e desenvolver projetos colaborati- vos.	Todos os membros
Cooperação em Saúde e Educação	Projetos conjuntos de formação e ca- pacitação em áreas críticas como saúde, voltados para melhorar a edu- cação médica e sanitária nos países lusófonos.	Angola, Moçambique, Brasil
Plataforma de Educação Digital CPLP	Desenvolvimento de uma plataforma digital para oferecer cursos online, se- minários e outras ferramentas educa- cionais acessíveis aos estudantes dos países membros.	Todos os membros
Iniciativas Bilaterais	Acordos bilaterais entre países da CPLP para promover programas es- pecíficos de intercâmbio e coopera- ção educacional e tecnológica.	Vários membros

Fonte: UNESCO Institute for Statistics, (2021).

Estas iniciativas refletem um esforço contínuo dos países da CPLP para fortale-
cer os laços educacionais, culturais e científicos, promovendo a internacionalização
e a cooperação mútua dentro da comunidade lusófona. Para mais detalhes, é possí-
vel acessar as fontes oficiais e documentos das reuniões ministeriais e acordos bila-
terais as quais foram analisadas no decorrer da pesquisa.

Na sessão a seguir, apresentamos brevemente as principais características dos sistemas de educação superior de cada um dos países membros da comunidade dos países de língua portuguesa. A análise destes dados permite a percepção das similaridades e divergências dos sistemas educacionais destas nações.

3.1.4 Sistema de Educação Superior nos Países Lusófonos

O sistema de educação superior nos países de língua portuguesa apresenta características específicas em cada contexto nacional, sendo regulado por órgãos competentes e guiado por legislações próprias. Em geral, as instituições de ensino superior são compostas por universidades, institutos superiores, centros universitários e faculdades, abrangendo tanto o setor público quanto o privado. As universidades desempenham um papel central, com responsabilidades que incluem a oferta de cursos de graduação e pós-graduação, bem como a promoção de atividades de pesquisa e extensão. Algumas legislações, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estipulam que as universidades devem dedicar pelo menos um terço de suas vagas para essas atividades, integrando ensino e produção de conhecimento.

O acesso ao ensino superior geralmente é baseado em exames nacionais ou critérios específicos definidos por cada instituição. Esses exames variam entre os países, mas têm como objetivo avaliar a aptidão dos estudantes e assegurar a equidade no ingresso às instituições de ensino. O papel dos ministérios responsáveis pela educação é central, supervisionando o funcionamento das instituições e regulamentando os graus e diplomas conferidos.

Embora a estrutura geral seja semelhante, existem diferenças significativas nas prioridades e desafios enfrentados pelos sistemas de ensino superior. Alguns países priorizam a formação técnica e profissional, enquanto outros investem em pesquisa e inovação tecnológica. No entanto, fatores como a diversidade econômica, a instabilidade política e a carência de infraestrutura impactam diretamente a capacidade de expansão e desenvolvimento das instituições.

A cooperação internacional é outra característica importante dos sistemas de ensino superior nos países de língua portuguesa. Muitos promovem parcerias com universidades estrangeiras, permitindo a mobilidade acadêmica e o intercâmbio de conhecimento. Além disso, a promoção da língua portuguesa é uma prioridade trans-

versal, reforçando a identidade cultural e o papel dessas instituições no cenário global. A tabela 15 apresentada a seguir, objetiva evidenciar as principais características dos sistemas de educação superior nos países lusófonos.

Tabela 15 - Comparativo dos Sistemas de Educação Superior dos Países Lusófonos

País	Regulação	Tipos de Instituições	Acesso ao Ensino Superior	Programas Oferecidos	Instituições Principais	Similaridades	Diferenças	Informação Adicional Relevante
Brasil	Ministério da Educação	Universidades, Centros Universitários, Faculdades, Institutos Federais	ENEM, vestibulares	Graduação, Pós-graduação, Pesquisa	Universidades Federais e Estaduais, Institutos Federais	Presença de universidades públicas e privadas	Exame ENEM como principal meio de acesso	Grande diversidade de programas e instituições
Portugal	Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior	Universidades, Politécnicos	Exame Nacional de Acesso	Graduação, Pós-graduação, Técnica	Universidade de Lisboa, Universidade do Porto	Regulação centralizada	Divisão clara entre universidades e politécnicos	Alta taxa de mobilidade académica internacional
Angola	Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação	Universidades, Institutos Superiores	Exames de ingresso	Graduação, Pós-graduação	Universidade Agostinho Neto	Similar estrutura de instituições	Processos de ingresso específicos para cada instituição	Expansão recente do ensino superior privado
Moçambique	Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano	Universidades, Institutos Superiores, Academias.	Exame Nacional de Admissão	Graduação, Pós-graduação	Universidade Eduardo Mondlane	Regulação estatal do ensino superior	Processo de acesso centralizado	Crescimento da educação privada e internacionalização.
Cabo Verde	Ministério da Educação	Universidades, Institutos Superiores	Desempenho no ensino secundário, exames específicos	Graduação, Pós-graduação	Universidade de Cabo Verde	Presença de instituições públicas e privadas	Exigência de desempenho escolar e exames	Fortalecimento de cooperações internacionais
Guiné-Bissau	Ministério da Educação Nacional	Universidades, Escolas Superiores	Exames de admissão	Graduação, Pós-graduação	Universidade Amílcar Cabral	Estrutura simples de ensino superior	Infraestrutura educacional em desenvolvimento	Dependência de parcerias internacionais

País	Regulação	Tipos de Instituições	Acesso ao Ensino Superior	Programas Oferecidos	Instituições Principais	Similaridades	Diferenças	Informação Adicional Relevante
São Tomé e Príncipe	Ministério da Educação, Cultura, Ciência e Comunicação	Universidades, Instituições Privadas	Desempenho no ensino secundário, exames específicos	Graduação, Pós-graduação	Universidade de São Tomé e Príncipe	Estrutura de ensino superior e pequena	Predominância de instituições públicas	Desafios em infraestrutura e recursos educacionais
Timor-Leste	Ministério da Educação, Juventude e Desporto	Universidades, Instituições Privadas	Exames de ingresso	Graduação, Pós-graduação	Universidade Nacional Timor Lorosa'e	Presença de instituições públicas e privadas	Contexto histórico recente influenciando o ensino	Grande foco na reconstrução e desenvolvimento educacional

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da CPLP (2021)

Os países lusófonos apresentam uma divisão clara entre instituições públicas e privadas, oferecendo uma ampla variedade de programas de graduação e pós-graduação. Os processos de acesso ao ensino superior variam significativamente entre eles, com alguns adotando exames nacionais padronizados, enquanto outros utilizam critérios específicos para cada instituição (CPLP, 2021).

A internacionalização e a cooperação entre os países de língua portuguesa têm se fortalecido nos últimos anos, graças a diversas iniciativas que promovem a mobilidade acadêmica, a pesquisa colaborativa e o desenvolvimento educacional. Essas iniciativas têm sido fundamentais para consolidar os laços acadêmicos e culturais, além de impulsionar projetos conjuntos em diferentes áreas do conhecimento (CPLP, 2021).

Entre as principais ações nesse contexto, destaca-se o Programa de Mobilidade da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que visa fomentar a cooperação entre as instituições de ensino superior dos países membros. Por meio deste programa, é promovida a troca de estudantes, docentes e pesquisadores, resultando no aumento da diversidade cultural nas universidades, no fortalecimento dos laços acadêmicos e culturais e no desenvolvimento de projetos de pesquisa colaborativa. Desde sua criação, o programa já beneficiou mais de 2.000 estudantes e docentes, apresentando um crescimento anual de 15% no número de participantes (CPLP, 2021).

Outro destaque é o Erasmus+, programa da União Europeia que também contempla países lusófonos como parceiros fora da Europa. Essa iniciativa oferece oportunidades para estudantes, professores e instituições se engajarem em projetos de mobilidade e cooperação, ampliando as possibilidades de estudo e pesquisa no exterior, promovendo o intercâmbio de boas práticas e inovação, além de fortalecer as capacidades institucionais e a qualidade do ensino superior. Em 2020, mais de 500 estudantes e docentes de países lusófonos participaram do programa, que destinou cerca de 10 milhões de euros ao financiamento de projetos colaborativos (Comissão Europeia, 2020).

A Rede de Instituições de Ensino Superior e Pesquisa dos Países da CPLP (RICESP) congrega universidades e instituições de ensino superior, promovendo a colaboração acadêmica e científica. Entre suas principais ações estão o estabelecimento de projetos de pesquisa conjuntos, a realização de conferências e seminários internacionais e o desenvolvimento de programas de dupla titulação e cotutela de teses. Atualmente, a rede conta com mais de 50 projetos de pesquisa colaborativa em andamento e já organizou 10 conferências internacionais desde 2015 (RICESP, 2019).

Outro ator relevante é a Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), que promove a cooperação e o intercâmbio entre universidades dos países lusófonos por meio de eventos acadêmicos, publicações conjuntas e programas de mobilidade. A AULP já facilitou a publicação de revistas científicas e livros em parceria, organizou fóruns e congressos acadêmicos anuais e promoveu a mobilidade acadêmica de estudantes e professores. Desde sua fundação, a associação reuniu mais de 100 universidades e realizou 25 congressos internacionais (AULP, 2020).

Por fim, o Programa Institucional de Internacionalização (CAPES-PrInt) desempenha um papel importante na internacionalização das instituições de ensino superior brasileiras, apoiando a mobilidade de estudantes e pesquisadores e financiando projetos de cooperação internacional. Desde seu início, o programa já promoveu a mobilidade acadêmica de mais de 1.000 estudantes e pesquisadores, com um investimento total de R\$ 300 milhões em programas de internacionalização, consolidando-se como um marco no avanço da educação superior brasileira no cenário global (CAPES, 2019).

A tabela 16, apresenta especificamente uma análise detalhada das iniciativas de internacionalização da educação superior nos países lusófonos. Podemos observar que existem iniciativas nesse sentido, mas que, de certa forma, são insipientes e focam na mobilidade acarretando na manutenção de um sistema de internacionalização elitista que beneficia apenas uma parcela da comunidade acadêmica.

Tabela 16: Iniciativas de Internacionalização e Cooperação entre Países Lusófonos

Iniciativa	Descrição	Impactos	Dados Concretos
Programa de Mobilidade da CPLP	Promove a troca de estudantes, docentes e pesquisadores entre instituições dos países lusófonos.	Aumento da diversidade cultural, fortalecimento dos laços acadêmicos e desenvolvimento de projetos conjuntos.	Beneficiou mais de 2.000 estudantes e docentes, com crescimento anual de 15% no número de participantes.
Erasmus+ para Países Lusófonos	Oferece oportunidades para estudantes, professores e instituições se envolverem em projetos de mobilidade.	Ampliação das oportunidades de estudo e pesquisa, intercâmbio de boas práticas e fortalecimento das capacidades institucionais.	Mais de 500 participantes dos países lusófonos em 2020, com financiamento de cerca de 10 milhões de euros para projetos.
Rede de Instituições de Ensino Superior da CPLP (RICESP)	Agrupa universidades dos países da CPLP para promover colaboração acadêmica e científica.	Projetos de pesquisa conjuntos, conferências internacionais e programas de dupla titulação e cotutela de teses.	Mais de 50 projetos de pesquisa colaborativa e 10 conferências internacionais realizadas desde 2015.
Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP)	Promove cooperação e intercâmbio entre universidades dos países lusófonos.	Publicação de revistas científicas, organização de fóruns e congressos acadêmicos e mobilidade acadêmica.	Participação de mais de 100 universidades e realização de 25 congressos internacionais desde sua criação.
Programa Institucional de Internacionalização (CAPES-PrInt)	Promove a internacionalização das instituições de ensino superior brasileiras.	Financiamento para projetos de cooperação internacional e mobilidade acadêmica.	Investimento de R\$ 300 milhões, mobilidade de mais de 1.000 estudantes e pesquisadores.

Fonte: UNESCO Institute for Statistics, (2021).

Diante da barreira linguística apontada no relatório do British Council (2018) é necessário encontrar alternativas para a internacionalização. Nesse sentido, de acordo com Cunha e Silva (2016), a língua portuguesa possui um enorme potencial para a cooperação e o desenvolvimento, sendo também uma língua global com uma grande quantidade de falantes em todo o mundo. Isso a torna uma ferramenta fundamental para a internacionalização das universidades dos países lusófonos.

Morosini (2015) destaca que a língua portuguesa é um patrimônio cultural valioso que une os países lusófonos e promove a cooperação e solidariedade entre eles, pois é diversa em muitos falares e expressões regionais.

Para Borges (2019), é possível criar redes de cooperação e intercâmbio entre os países lusófonos através da língua portuguesa, promovendo a produção e a disseminação de conhecimento. Garcia (2014) afirma que a língua portuguesa é um ativo estratégico para os países lusófonos, que podem utilizá-la como uma vantagem competitiva em contextos de internacionalização e globalização, além de ser um fator de aproximação entre países e regiões do mundo.

Embora a internacionalização da educação superior entre os países lusófonos apresente desafios, como a falta de recursos financeiros, a desigualdade de desenvolvimento entre os países e a diversidade de sistemas educacionais, há potencial para fortalecer a cooperação e o intercâmbio por meio da língua comum e da identidade cultural compartilhada (SOUZA, 2017). Nesse sentido, a cooperação entre esses países pode ser uma estratégia promissora para a mobilidade de estudantes, professores e pesquisadores, bem como para a produção de conhecimento em rede. (BORGES, 2019).

Entretanto, é fundamental que essa cooperação seja pautada pelo diálogo e pela valorização da diversidade cultural, buscando o desenvolvimento conjunto e a promoção do bem-estar das populações. (CPLP, 2018). Ademais, a língua portuguesa é um patrimônio cultural que une os países lusófonos e permite a construção de uma identidade comum, fortalecendo os laços de cooperação e solidariedade entre eles. (MOROSINI, 2015).

A projeção demográfica da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), apresentada pela ONU no relatório intitulado "Relatório Situação da População Mundial 2009" (2009) divulgado em Lisboa, revela estimativas para o crescimento populacional na região até 2050.

De acordo com o relatório, a população da CPLP poderá aumentar em aproximadamente 110 milhões de habitantes, atingindo cerca de 357 milhões de pessoas. Isso representa um crescimento populacional de aproximadamente 44% nos Estados membros da CPLP, que corresponderão a cerca de 4% da população mundial estimada em 9,1 bilhões de pessoas até 2050. Esses dados podem ser verificados na tabela 16 a seguir:

Tabela 16 - Crescimento populacional estimado nos países de Língua Portuguesa - 2009

País	População Atual (em milhões) (2009)	População Estimada para 2050 (em milhões)	Crescimento Populacional Estimado (em milhões)	Crescimento Populacional Estimado (em %)
Angola	18,5	42,3	23,8	128,65%
Brasil	194,2	218,5	24,3	12,52%
Cabo Verde	0,5	0,7	0,2	40,00%
Guiné-Bissau	1,6	3,6	2	125,00%
Moçambique	22,9	44,1	21,2	92,60%
Portugal	10,7	10	-0,7	-6,54%
São Tomé e Príncipe	Dados não disponíveis	0,2	Dados não disponíveis	Dados não disponíveis
Timor-Leste	1,1	3,2	2,1	190,91%
Total	250,6	322,6	72	28,77%

Relatório Situação da População Mundial 2009 (2009)

O relatório destaca que seis países da CPLP, Brasil, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Timor-Leste e Cabo Verde experimentarão um crescimento populacional, com exceção de Portugal, que apresentará uma diminuição no número de habitantes, estimando-se uma redução de 10,7 milhões para 10 milhões de pessoas.

Angola, Guiné-Bissau e Timor-Leste terão um crescimento populacional mais do que dobrado, conforme as estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU). Angola passará de 18,5 milhões para 42,3 milhões de habitantes, Guiné-Bissau de 1,6 milhão para 3,6 milhões e Timor-Leste de 1,1 milhão para 3,2 milhões.

Para 2050, o relatório prevê que Moçambique terá uma população de 44,1 milhões de habitantes, em comparação aos atuais 22,9 milhões, e Cabo Verde alcançará 700 mil habitantes, ante os atuais 500 mil.

O Brasil, como o país mais populoso da CPLP, deverá ter um aumento populacional de 194,2 milhões para 218,5 milhões de habitantes até 2050, conforme as projeções.

São Tomé e Príncipe não consta no relatório, o que impossibilitou avaliar a situação populacional do país.

Além disso, em um novo relatório intitulado "Relatório Situação da População Mundial 2022", publicado em 2022, o mesmo organismo mantém as projeções de crescimento da população da CPLP apresentadas no relatório de 2009, reforçando a relevância dos países de Língua Portuguesa no cenário global. Vide dados na tabela 17 a seguir:

Tabela 17 - Crescimento populacional estimado nos países de Língua Portuguesa - 2022

País	População Atual (em milhões) (2022)	População Estimada para 2050 (em milhões)	Crescimento Populacional Estimado (em milhões)	Crescimento Populacional Estimado (em %)
Angola	32,4	42,3	9,9	30,56%
Brasil	213,9	218,5	4,6	2,15%
Cabo Verde	0,5	0,7	0,2	40,00%
Guiné-Bissau	2	3,6	1,6	80,00%
Moçambique	31,3	44,1	12,8	40,89%
Portugal	10,3	10	-0,3	-2,91%
São Tomé e Príncipe	Dados não disponíveis	0,2	Dados não disponíveis	Dados não disponíveis
Timor-Leste	1,4 (2021)	3,2	1,8	128,57%
Total	292,8	322,6	29,8	10,17%

Relatório Situação da População Mundial 2022 (2022)

Diante dos dados apresentados, é possível perceber que a cooperação entre os países de Língua Portuguesa e a mobilidade virtual assumem papel fundamental na internacionalização da educação superior diante da barreira linguística e de mobilidade.

Por fim, nesta dimensão a qual denominamos “**Nações em Contextos Desfavoráveis**”, buscamos apresentar os principais dados socioeconômicos da região, apresentando seus principais desafios e também potencialidades.

O próximo capítulo, chamado “**Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs**” finaliza a fundamentação teórica da pesquisa. Neste capítulo, buscamos apresentar o avanço das tecnologias ao longo dos anos, a aceleração das TICs durante e após a pandemia de COVID-19 que assolou o mundo, buscamos apresentar o novo perfil dos alunos que chegam ao ensino superior e quais são suas principais demandas e interessantes no processo de ensino-aprendizagem. O potencial das TICs no processo da internacionalização da educação superior, em especial, entre os países de língua portuguesa, objeto principal da pesquisa também ocorreu neste eixo estruturante do arcabouço teórico.

4. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TICs

As TICs referem-se ao conjunto de recursos tecnológicos que proporcionam a manipulação e a comunicação de informações. Estes recursos incluem computadores, softwares, redes de comunicação e outros dispositivos que permitem a criação, armazenamento, transmissão e gestão de informações (UNESCO, 2011). A integração dessas tecnologias na educação superior tem o potencial de enriquecer a experiência de aprendizagem, facilitando o acesso a informações e promovendo a colaboração e a inovação.

Segundo Castells (2010), vivemos em uma era de sociedade em rede, onde as TICs desempenham um papel fundamental na forma como nos comunicamos, aprendemos e trabalhamos. As universidades, como instituições de geração e disseminação de conhecimento, não podem se isentar dessa transformação. A incorporação das TICs nas universidades pode melhorar significativamente a eficiência administrativa, a qualidade do ensino e a capacidade de pesquisa.

As TICs têm possibilitado a implementação de novas metodologias pedagógicas, como a aprendizagem baseada em problemas (Problem-Based Learning - PBL), a aprendizagem colaborativa e a sala de aula invertida (flipped classroom). Além disso, as plataformas de e-learning, como Moodle e Blackboard, oferecem ambientes virtuais onde estudantes e professores podem interagir, compartilhar materiais e realizar avaliações.

De acordo com Moran (2015), o uso das TICs no ensino permite maior flexibilidade e personalização da aprendizagem, promovendo a autonomia dos estudantes e o desenvolvimento de competências digitais. A utilização de recursos multimídia, simulações e ferramentas de realidade aumentada e virtual também enriquece o processo educativo, tornando-o mais dinâmico e envolvente.

Na área de pesquisa, as TICs facilitam a coleta, análise e disseminação de dados. Ferramentas como bases de dados online, software de análise estatística e plataformas de publicação digital ampliam o alcance e o impacto das pesquisas acadêmicas. Além disso, as TICs promovem a colaboração entre pesquisadores de diferentes instituições e países, fortalecendo a internacionalização da pesquisa.

Segundo Vessuri, Guédon e Cetto (2014), as TICs têm o potencial de democratizar o acesso ao conhecimento científico, quebrando barreiras geográficas e econômicas. A ciência aberta e os repositórios digitais são exemplos de como as TICs

podem tornar o conhecimento mais acessível e inclusivo.

As TICs também desempenham um papel vital na gestão e administração das instituições de educação superior. Sistemas de gestão acadêmica, como ERPs (Enterprise Resource Planning), permitem uma administração mais eficiente dos processos acadêmicos e administrativos. Estes sistemas integram diversas áreas da instituição, como finanças, recursos humanos, matrículas e avaliação acadêmica, facilitando a tomada de decisões informadas.

De acordo com Davis (2013), a adoção de sistemas de gestão baseados em TICs pode aumentar a transparência, reduzir custos operacionais e melhorar a qualidade dos serviços oferecidos pelas universidades.

Apesar dos inúmeros benefícios, a integração das TICs na educação superior enfrenta diversos desafios. A falta de infraestrutura adequada, a resistência à mudança por parte de docentes e a necessidade de formação continuada são alguns dos obstáculos que precisam ser superados. Além disso, a questão da privacidade e da segurança dos dados é uma preocupação crescente.

Por outro lado, as TICs oferecem oportunidades significativas para a inovação e a melhoria da qualidade da educação. A aprendizagem móvel (m-learning) e a utilização de big data para personalizar a experiência educacional são tendências emergentes que prometem transformar ainda mais o cenário educacional.

Segundo Selwyn (2014), as TICs não são uma panaceia, mas ferramentas poderosas que, quando bem utilizadas, podem promover uma educação mais equitativa e de alta qualidade.

As TICs têm transformado o cenário da educação superior globalmente. Desde a introdução de computadores nas universidades até o uso massivo de internet e plataformas de aprendizagem online, as TICs têm possibilitado novas formas de ensino e aprendizagem, expandindo o alcance das instituições de ensino superior (MARINHO; ALMEIDA, 2015).

Entre as principais tecnologias utilizadas nas universidades, destacam-se os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), como os já citados Moodle e o Blackboard, que têm facilitado a gestão e a distribuição de conteúdo educacional (SANTOS; SOUZA, 2018). As ferramentas de conferência online, como o Zoom e o Microsoft Teams, têm permitido a realização de aulas síncronas, webinários e reuniões acadêmicas, promovendo a interação em tempo real (FERREIRA; LOPES, 2020). Além disso, os Recursos Educacionais Abertos (REA), materiais didáticos disponibili-

zados gratuitamente na internet, têm democratizado o acesso ao conhecimento (CUNHA; SILVA, 2019).

Em relação aos estudos de caso de sucesso nos países lusófonos, destaca-se o Brasil, onde o Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB) tem utilizado AVAs para oferecer cursos de graduação e pós-graduação a distância, ampliando o acesso ao ensino superior (BRASIL, 2017). Em Portugal, a Universidade Aberta de Portugal é um exemplo de sucesso no uso de TICs, com cursos totalmente online que atendem estudantes de diferentes países lusófonos (SANTOS, 2019).

Apesar dos avanços, os países lusófonos enfrentam desafios significativos na adoção de TICs, como a infraestrutura tecnológica insuficiente e a necessidade de capacitação docente. No entanto, as TICs oferecem oportunidades promissoras, como a personalização do ensino e a expansão do acesso à educação superior em regiões remotas (ALMEIDA; SANTOS, 2020).

A inovação, embora não seja um conceito exclusivamente tecnológico, tem sido profundamente influenciada pelo avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação. A inovação é o motor do desenvolvimento econômico, ao promover a destruição criativa e abrindo novos mercados, propondo a transformação de práticas tradicionais e no desenvolvimento de novas abordagens em diversos setores da sociedade, incluindo a educação, a saúde, a economia e a governança. Ao longo deste capítulo buscamos analisar a interseção entre inovação e TICs, destacando como essas tecnologias têm impulsionado a inovação e os benefícios decorrentes dessa relação. Inovação também pode ser definida como a implementação de um novo ou significativamente melhorado produto, processo, método ou prática organizacional, com o objetivo de aumentar a eficiência, eficácia ou qualidade (OCDE, 2005).

As TICs têm se destacado como catalisadoras da inovação ao fornecer ferramentas e plataformas que facilitam a criação, o compartilhamento e a aplicação do conhecimento. A digitalização, a internet das coisas (IoT), a inteligência artificial (IA) e o big data são exemplos de TICs que têm revolucionado diversas indústrias (Brynjolfsson & McAfee, 2014). Na educação, as TICs têm promovido o desenvolvimento de ambientes de aprendizagem mais interativos e personalizados. Plataformas de ensino online, como Coursera e edX, têm democratizado o acesso à educação de alta qualidade, permitindo que estudantes de todo o mundo acessem cursos de instituições renomadas (Koller et al., 2013). Além disso, a integração de ferramentas digitais nas salas de aula tem potencializado o aprendizado ativo e colaborativo (Re-

decker et al., 2011).

No setor de saúde, as TICs têm possibilitado avanços significativos em telemedicina, registros eletrônicos de saúde e análises preditivas. A telemedicina, por exemplo, permite que pacientes em regiões remotas acessem cuidados médicos especializados, reduzindo a necessidade de deslocamento e melhorando a eficiência do sistema de saúde (Dorsey & Topol, 2016). As tecnologias também têm um impacto profundo na economia, facilitando a automação de processos, a criação de novos modelos de negócios e o aumento da produtividade. Empresas de tecnologia como Amazon e Google têm demonstrado como a inovação tecnológica pode transformar setores inteiros, desde o varejo até a publicidade (Chesbrough, 2010).

Na governança, as ferramentas tecnológicas promovem a transparência, a eficiência e a participação cidadã. Governos ao redor do mundo estão adotando soluções de e-governança para melhorar a prestação de serviços públicos e aumentar a participação democrática (Janssen et al., 2012). Apesar dos inúmeros benefícios, a integração dos recursos tecnológicos na inovação também apresenta desafios.

Questões relacionadas à privacidade, segurança cibernética e exclusão digital são preocupações importantes que precisam ser abordadas para garantir que os benefícios das tecnologias sejam amplamente compartilhados (van Deursen & van Dijk, 2014).

A inovação, embora não seja um conceito exclusivamente tecnológico, tem sido profundamente influenciada pelo avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação. A tabela 17 a seguir, evidencia os avanços ocorridos ao longo das décadas.

Tabela 18: Avanços Significativos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)

Período/Evento	Inovação Tecnológica	Impacto e Adaptação Global
Anos 1950-1960	Computadores Mainframe	Início da automação em grandes corporações
Anos 1970	Microprocessador	Popularização de computadores pessoais (PCs)
Anos 1980	Redes Locais (LANs)	Melhoria na comunicação interna de empresas
Anos 1990	Internet e World Wide Web	Revolução da comunicação e informação
Anos 2000	Banda Larga e Mobilidade	Expansão do acesso à internet e dispositivos móveis
Anos 2010	Computação em Nuvem	Democratização de recursos computacionais
2015	Internet das Coisas (IoT)	Conectividade de dispositivos em ambientes variados
2020	5G e Inteligência Artificial (IA)	Aumento de velocidade e inteligência em sistemas
2020-2021	Pandemia de COVID-19	Aceleração da adoção de tecnologias digitais
Pós-2021	Telemedicina e Trabalho Remoto	Transformação dos setores de saúde e trabalho

Fonte: Russell & Norvig (2020); McCarthy (2020); Ericsson (2021); Huawei (2020); IBM (2020), Google AI; Quantum (2021); Azuma (1997), Milgram & Kishino (1994); Nakamoto (2008), Tapscott & Tapscott (2016); Doudna & Charpentier (2020), Collins (2021); Brooks (1986), Asimov (1950); IRENA (2020); REN21 (2020).

4.1 Inovação e Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) Pós-Pandemia de COVID-19

A pandemia de COVID-19 forçou organizações e indivíduos a adaptarem-se rapidamente a novas realidades. A necessidade de distanciamento social e as medidas de confinamento levaram a uma rápida adoção de tecnologias digitais, transformando profundamente as formas de trabalho, aprendizado e interação social. A educação foi um dos setores mais afetados, com escolas e universidades ao redor do mundo migrando para o ensino remoto quase da noite para o dia. Ferramentas de videoconferência, como Zoom e Microsoft Teams, e plataformas de aprendizado online, como Google Classroom, tornaram-se essenciais para a continuidade da educação. Além disso, a pandemia destacou a importância de recursos educacionais abertos e a necessidade de reduzir a exclusão digital.

O trabalho remoto tornou-se a norma para muitos setores, impulsionado por plataformas de colaboração digital e gestão de projetos. A pandemia mostrou que a produtividade pode ser mantida, e até aumentada, em um ambiente de trabalho remoto, desde que as ferramentas certas estejam disponíveis refletindo uma mudança

duradoura no mundo corporativo.

No setor de saúde, a telemedicina e os sistemas de monitoramento remoto de pacientes ganharam destaque conforme destacado no capítulo anterior. A capacidade de oferecer consultas médicas à distância e monitorar sintomas de COVID-19 em tempo real foi salutar para gerenciar a crise (Reay et al., 2020). Aplicativos de rastreamento de contatos e plataformas de dados de saúde foram desenvolvidos para conter a disseminação do vírus e otimizar os recursos de saúde pública (Whitelaw et al., 2020).

O comércio eletrônico experimentou um crescimento explosivo, com consumidores migrando para as compras online em um contexto de lockdowns e restrições físicas. As empresas tiveram que inovar rapidamente para atender à demanda crescente, utilizando tecnologias de inteligência artificial para personalização e logística para gestão eficiente de estoques e entregas.

Apesar dos avanços, a pandemia também expôs desigualdades digitais e desafios relacionados à cibersegurança. A exclusão digital tornou-se mais evidente, com muitas comunidades carentes sem acesso adequado a dispositivos e internet de alta velocidade (Van Deursen & Van Dijk, 2020). Além disso, o aumento da dependência de tecnologias digitais trouxe novos riscos de segurança cibernética, exigindo soluções robustas para proteger dados sensíveis (Kraemer-Mbula et al., 2020).

Os avanços tecnológicos têm remodelado rapidamente a sociedade, e as perspectivas futuras indicam um cenário de transformação contínua e significativa. Tecnologias emergentes como a inteligência artificial (IA), 5G, computação quântica, realidade aumentada e virtual (AR/VR), blockchain, biotecnologia, robótica e energia renovável estão no centro desta evolução.

A IA tem o potencial de automatizar tarefas complexas, melhorar a tomada de decisões com base em grandes volumes de dados e transformar diversos setores, desde a saúde até a manufatura. Russell e Norvig (2020) apontam que a IA pode não apenas aumentar a eficiência, mas também trazer desafios éticos significativos, como a necessidade de regulamentação adequada e a mitigação de vieses algorítmicos. A tecnologia 5G promete uma revolução na conectividade, permitindo a expansão da Internet das Coisas (IoT) e a comunicação ultrarrápida. Estudos da Ericsson (2021) indicam que o 5G facilitará o desenvolvimento de cidades inteligentes, onde tudo, desde os semáforos até os sistemas de energia, estará interconectado. No entanto, a segurança cibernética permanece uma preocupação latente.

A computação quântica, que utiliza princípios da física quântica para realizar cálculos complexos em velocidades incomparáveis, pode transformar áreas como criptografia, modelagem molecular e previsão do tempo. Segundo a IBM (2020), esses avanços poderiam resolver problemas hoje considerados intransponíveis pela computação clássica. Tecnologias de AR e VR estão criando novas formas de interação com o mundo digital. Estas tecnologias oferecem imersão total em ambientes digitais, o que pode revolucionar a educação, treinamento e entretenimento. Azuma (1997) e Milgram & Kishino (1994) destacam o potencial de AR/VR para proporcionar experiências de aprendizado altamente interativas e realistas.

O blockchain oferece uma maneira segura e transparente de registrar transações, enquanto as criptomoedas estão redefinindo o conceito de dinheiro. Nakamoto (2008) introduziu o blockchain com o Bitcoin, e desde então, a tecnologia tem sido vista como uma forma de descentralizar as finanças e criar novas economias digitais. Tapscott & Tapscott (2016) exploram como os contratos inteligentes baseados em blockchain podem transformar setores como finanças e governança. Os avanços em biotecnologia, incluindo a edição genética e a medicina personalizada, prometem tratamentos inovadores e a cura de doenças genéticas.

A robótica continua a se integrar em diversos setores, automatizando tarefas repetitivas e potencialmente transformando o mercado de trabalho. A adoção crescente de energias renováveis, como solar e eólica, está sendo impulsionada pela necessidade de reduzir as emissões de carbono e alcançar a independência energética. IRENA (2020) destaca que o crescimento das energias limpas não só é fundamental para a sustentabilidade ambiental, mas também para o desenvolvimento econômico global.

As perspectivas futuras com os avanços tecnológicos são amplas e promissoras. No entanto, a sociedade deve navegar cuidadosamente pelos desafios éticos, econômicos e sociais que acompanham essas inovações, garantindo que os benefícios sejam amplamente distribuídos e os riscos mitigados. A tabela 19 com base nos dados dos autores citados no texto compila as perspectivas futuras e seus respectivos impactos.

Tabela 19: Perspectivas Futuras com os Avanços Tecnológicos

Tecnologia	Perspectivas Futuras	Impactos Potenciais	Referências
Inteligência Artificial (IA)	Aumento da automação, tomada de decisões baseada em dados	Melhoria na eficiência, transformação de empregos, desafios éticos	Russell & Norvig (2020), McCarthy (2020)
5G e Conectividade	Expansão da Internet das Coisas (IoT), comunicação ultra-rápida	Maior conectividade, cidades inteligentes, segurança cibernética	Ericsson (2021), Huawei (2020)
Computação Quântica	Resolução de problemas complexos em segundos	Revolução em criptografia, modelagem molecular, previsão do tempo	IBM (2020), Google AI Quantum (2021)
Realidade Aumentada (AR) e Virtual (VR)	Imersão em ambientes digitais para educação, treinamento e lazer	Nova forma de interação com o mundo digital, avanços em educação	Azuma (1997), Milgram & Kishino (1994)
Blockchain e Criptomoedas	Descentralização das finanças, contratos inteligentes	Aumento da segurança e transparência, novas economias digitais	Nakamoto (2008), Tapscott & Tapscott (2016)
Biotecnologia	Avanços em edição genética, medicina personalizada	Cura de doenças genéticas, novos tratamentos, bioética	Doudna & Charpentier (2020), Collins (2021)
Robótica e Automação	Integração de robôs em setores industriais e domésticos	Automação de tarefas repetitivas, impacto no emprego	Brooks (1986), Asimov (1950)
Energia Renovável	Aumento na adoção de energia solar, eólica e outras fontes limpas	Redução de emissões de carbono, independência energética	IRENA (2020), REN21 (2020)

Fonte: Russell & Norvig (2020); McCarthy (2020); Ericsson (2021); Huawei (2020); IBM (2020), Google AI; Quantum (2021); Azuma (1997), Milgram & Kishino (1994); Nakamoto (2008), Tapscott & Tapscott (2016); Doudna & Charpentier (2020), Collins (2021); Brooks (1986), Asimov (1950); IRENA (2020); REN21 (2020).

Conforme mencionado ao longo do capítulo, os avanços tecnológicos têm transformado diversos setores, e a educação superior não é exceção. A implementação de novas tecnologias está permitindo inovações que aprimoram a qualidade do ensino, facilitam a gestão acadêmica e proporcionam uma experiência de aprendizagem mais rica e personalizada.

A inteligência artificial (IA) está revolucionando a educação superior ao oferecer sistemas de tutoria inteligente e análise de desempenho estudantil. Esses sistemas utilizam algoritmos para personalizar o aprendizado de acordo com as necessidades de cada aluno, ajudando a identificar dificuldades e propor soluções específicas. Estudos como os de Chen et al. (2020) demonstram que a IA pode melhorar significativamente a retenção de alunos e a eficácia do ensino.

As tecnologias de realidade aumentada (AR) e virtual (VR) estão criando no-

vas possibilidades para o aprendizado experiencial através de laboratórios virtuais e simulações imersivas. Essas ferramentas permitem que os alunos pratiquem habilidades em um ambiente controlado e seguro, aumentando o engajamento e a compreensão dos conceitos. Freina e Ott (2015) e Merchant et al. (2014) destacam que a AR e VR podem transformar a maneira como os alunos interagem com o conteúdo educacional.

A análise de grandes volumes de dados está permitindo a utilização de análise preditiva de desempenho e a adaptação dos currículos às necessidades dos alunos. Daniel (2015) e Picciano (2012) mostram como a análise de dados pode identificar padrões de dificuldade entre os alunos, permitindo intervenções mais eficazes e melhorando a qualidade do ensino.

A tecnologia blockchain está sendo utilizada para a certificação de diplomas e a manutenção de registros acadêmicos imutáveis. Sharples e Domingue (2016) e Grech & Camilleri (2017) argumentam que o blockchain oferece maior transparência e segurança na gestão acadêmica, além de facilitar a verificação de credenciais em nível global.

A Internet das Coisas (IoT) está permitindo a criação de campi inteligentes com dispositivos de aprendizagem conectados que melhoram a gestão de recursos e otimizam os ambientes de aprendizagem. Gubbi et al. (2013) e Dhananjay & Chauhan (2014) discutem como a IoT pode criar ambientes de aprendizagem mais responsivos e eficientes.

A computação em nuvem oferece acesso remoto a recursos educacionais e facilita a colaboração online. Sultan (2010) e Armbrust et al. (2010) mostram que a nuvem democratiza o acesso à educação, proporcionando flexibilidade no aprendizado e permitindo que mais alunos acessem materiais de qualidade.

Robôs estão sendo utilizados em laboratórios e para suporte administrativo, automatizando tarefas repetitivas e liberando tempo para atividades mais estratégicas. Goodrich & Schultz (2008) e Mubin et al. (2013) destacam os benefícios da robótica para melhorar a eficiência e a eficácia das operações.

A tecnologia 5G permite aulas online de alta qualidade e a utilização de realidade aumentada móvel, proporcionando acesso rápido e confiável à internet e maior interação em tempo real. Andrews et al. (2020) e Letaief et al. (2019) discutem como o 5G pode transformar a experiência educacional, especialmente em contextos de ensino remoto.

A impressão 3D está sendo utilizada para criar protótipos de engenharia e modelos anatômicos para estudos médicos, proporcionando uma experiência prática e inovadora para os alunos podendo ser uma ferramenta poderosa para o aprendizado prático e a inovação em projetos de pesquisa.

Essas inovações tecnológicas estão redefinindo o campo da educação superior, oferecendo novas oportunidades para a aprendizagem e a gestão acadêmica. À medida que essas tecnologias continuam a evoluir, espera-se que o impacto positivo na educação superior se amplie ainda mais. Na sequência, apresentamos a tabela 20 que detalha os potenciais impactos do uso dessas inovações no ensino superior.

Tabela 20: Inovações no Campo da Educação Superior com os Avanços Tecnológicos

Tecnologia	Inovações na Educação Superior	Impactos Potenciais
Inteligência Artificial (IA)	Sistemas de tutoria inteligente, análise de desempenho estudantil	Personalização do aprendizado, melhoria na retenção de alunos
Realidade Aumentada (AR) e Virtual (VR)	Laboratórios virtuais, simulações imersivas	Aprendizado experiencial, maior engajamento dos alunos
Big Data e Análise de Dados	Análise preditiva de desempenho, adaptação de currículos	Identificação de dificuldades, melhoria na qualidade do ensino
Blockchain	Certificação de diplomas, registros acadêmicos imutáveis	Transparência, segurança e eficiência na gestão acadêmica
Internet das Coisas (IoT)	Campus inteligente, dispositivos de aprendizagem conectados	Melhor gestão de recursos, ambientes de aprendizagem otimizados
Computação em Nuvem	Acesso remoto a recursos educacionais, colaboração online	Democratização do acesso à educação, flexibilidade no aprendizado
Robótica e Automação	Assistência robótica em laboratórios, suporte administrativo	Automação de tarefas repetitivas, foco em atividades estratégicas
Tecnologia 5G	Aulas online de alta qualidade, realidade aumentada móvel	Acesso rápido e confiável, maior interação em tempo real
Impressão 3D	Protótipos de engenharia, modelos anatômicos para estudo médico	Aprendizado prático, inovação em projetos de pesquisa

Fonte: Chen et al. (2020), Luckin et al. (2016); Freina & Ott (2015), Merchant et al. (2014); Daniel (2015), Picciano (2012); Sharples & Domingue (2016), Grech & Camilleri (2017); Gubbi et al. (2013), Dhananjay & Chauhan (2014); Sultan (2010), Armbrust et al. (2010); Goodrich & Schultz (2008), Mubin et al. (2013); Andrews et al. (2020), Letaief et al. (2019); Chua & Leong (2014), Ford & Minshall (2015).

Conforme abordado no primeiro grande eixo da fundamentação teórica dessa pesquisa, a internacionalização da educação superior é um processo complexo que envolve a integração de dimensões internacionais e interculturais na missão, nas funções e na oferta de educação superior. Nesse contexto, os avanços tecnológicos

têm desempenhado um papel importante, oferecendo novas ferramentas e abordagens que facilitam a internacionalização.

O processo de internacionalização da educação alinhado com o uso das tecnologias também contribui significativamente na formação de cidadãos globais e no alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU. Diferentes tecnologias contribuem de maneiras distintas para esses aspectos interconectados, promovendo educação de qualidade, inclusão e parcerias globais.

A inteligência artificial (IA) tem desempenhado um papel significativo na internacionalização do ensino superior, proporcionando ferramentas que facilitam a comunicação, a personalização do aprendizado e o desenvolvimento de cidadãos globais. A tradução automática e os assistentes virtuais permitem a interação entre alunos e professores de diferentes partes do mundo, reduzindo barreiras linguísticas e culturais. Além disso, a análise de dados por IA possibilita a identificação de tendências e necessidades específicas dos estudantes internacionais, promovendo um ensino mais acessível e inclusivo.

Além da facilitação da comunicação, a IA também contribui para a adaptação curricular ao analisar o desempenho estudantil e ajustar os conteúdos pedagógicos às necessidades de alunos de diversas origens culturais. Esse processo não apenas aprimora a qualidade da educação, alinhando-se ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4), mas também estimula a empatia e a consciência cultural nos estudantes. Dessa forma, a IA atua como um catalisador da formação de cidadãos globais ao promover um aprendizado mais dinâmico, inclusivo e intercultural (Ahmad et al., 2021).

As tecnologias de realidade aumentada (AR) e virtual (VR) estão transformando a educação internacional ao proporcionar experiências imersivas e globais. Por meio de aulas interativas transnacionais e intercâmbios virtuais, essas ferramentas permitem que alunos de diferentes partes do mundo participem de ambientes de aprendizado dinâmicos sem a necessidade de deslocamento físico. Esse processo não apenas amplia o engajamento intercultural, mas também promove uma compreensão mais profunda das diversas culturas, essenciais para a formação de cidadãos globais (Monteiro & Leite, 2020; Selwyn, 2020).

Essas tecnologias estão não apenas facilitando a internacionalização da educação superior, mas também criando novas oportunidades para a inovação e a colaboração global. À medida que essas tecnologias continuam a evoluir, espera-se que

seu impacto na internacionalização da educação superior e na formação de cidadãos globais se torne ainda mais profundo e abrangente. A partir das informações coletadas pelos autores pesquisados sobre a temática, na sequência apresentamos a tabela 21 que busca evidenciar as contribuições para a internacionalização da educação superior e a formação de cidadãos globais e os potenciais impactos obtidos com a adoção das tecnologias no processo.

Tabela 21: Contribuições das Tecnologias para a Internacionalização da Educação Superior

Tecnologia	Contribuições para a Internacionalização	Contribuições para a Formação de Cidadãos Globais	Alinhamento com os ODS da Agenda 2030 da ONU	Impactos Potenciais
Inteligência Artificial (IA)	Tradução automática, assistentes virtuais, análise de dados	Fomenta a aprendizagem personalizada e o entendimento intercultural	ODS 4: Educação de qualidade	Facilitação da comunicação, personalização do aprendizado
Realidade Aumentada (AR) e Virtual (VR)	Aulas interativas transnacionais, intercâmbios virtuais	Proporciona experiências globais e engajamento intercultural	ODS 4: Educação de qualidade, ODS 10: Redução das desigualdades	Acesso a experiências globais, engajamento intercultural
Big Data e Análise de Dados	Identificação de parcerias estratégicas, análise de tendências	Identificação de necessidades globais e promoção de parcerias	ODS 17: Parcerias e meios de implementação	Melhoria na tomada de decisões, adaptação de programas
Blockchain	Verificação de credenciais, registros acadêmicos internacionais	Facilita a validação global de credenciais acadêmicas	ODS 4: Educação de qualidade	Segurança e confiança nas transações acadêmicas
Internet das Coisas (IoT)	Conectividade em tempo real, monitoramento de estudantes	Conectividade global e monitoramento de programas internacionais	ODS 9: Indústria, inovação e infraestrutura	Melhor gerenciamento de programas de mobilidade, segurança
Computação em Nuvem	Plataformas de aprendizado online, colaboração global	Acesso global a cursos educacionais e colaboração internacional	ODS 4: Educação de qualidade, ODS 10: Redução das desigualdades	Acesso a recursos educacionais em qualquer lugar, flexibilidade
Tecnologia 5G	Aulas online de alta qualidade, interações ao vivo	Facilita a comunicação e interação global em tempo real	ODS 9: Indústria, inovação e infraestrutura	Redução das barreiras geográficas, maior interatividade

Fonte: Sleeman et al. (2016), Ahmad et al. (2021); Monteiro & Leite (2020), Selwyn (2020); Custers et al. (2016), Knight & De Wit (2018); Sharples & Domingue (2016), Chen et al. (2018); Cuzzocrea et al. (2015), Atzori et al. (2010); Sultan (2010), Armbrust et al. (2010); Letaief et al. (2019), Andrews et al. (2020); Chua & Leong (2014), Ford & Minshall (2015).

4.2 Mudanças no Perfil dos Estudantes Universitários e o Impacto da Tecnologia na Educação Superior

O perfil dos estudantes universitários tem evoluído significativamente com o avanço das tecnologias digitais. Hoje, os alunos são nativos digitais, crescendo em um ambiente onde a tecnologia está integrada em quase todos os aspectos da vida cotidiana. Este novo perfil de estudante traz mudanças substanciais na forma como o aprendizado é buscado e consumido. Os estudantes universitários contemporâneos são altamente conectados, utilizando a internet para pesquisa, comunicação e entretenimento. De acordo com Alkaabi et al. (2021), essa conectividade leva a uma demanda crescente por plataformas de aprendizado que sejam acessíveis via dispositivos móveis, permitindo que os alunos acessem materiais educativos de qualquer lugar e a qualquer momento. Relatórios da Jisc (2019) destacam que 94% dos estudantes acreditam que a tecnologia os ajuda a aprender de maneira mais eficaz. Esses estudantes já estão familiarizados com tecnologias avançadas, como smartphones, tablets e aplicativos diversos, desde tenra idade.

A OCDE (2020) observa que essa familiaridade leva a uma maior expectativa por ferramentas de aprendizado interativas e imersivas, como realidade aumentada (AR) e realidade virtual (VR), que tornam o aprendizado mais envolvente. Dumford e Miller (2018) reforçam que a integração de tais tecnologias nas salas de aula pode aumentar a motivação e o engajamento dos alunos. Com a disponibilidade de dados e inteligência artificial, os métodos de ensino podem ser adaptados para atender às necessidades individuais dos alunos. Ahmad et al. (2021) explicam que a IA pode analisar o desempenho dos alunos e ajustar os materiais didáticos para otimizar o aprendizado. Sleeman et al. (2016) destacam que essa personalização não só melhora os resultados educacionais, mas também aumenta a satisfação dos alunos. A colaboração e o trabalho em equipe são altamente valorizados pelos estudantes modernos, que frequentemente utilizam redes sociais e outras plataformas digitais para se comunicarem e trabalharem em projetos conjuntos. Hargittai et al. (2020) observam que as plataformas de colaboração online, como Google Workspace e Microsoft Teams, são essenciais para facilitar essa interação. Johnson et al. (2016) sugerem que a aprendizagem colaborativa promove habilidades de comunicação e resolução de problemas, essenciais no mundo profissional. A necessidade de flexibilidade na aprendizagem é um aspecto crítico para os estudantes universitários de hoje, que frequentemente equilibram estudos com trabalho e outras responsabilidades.

Os autores Allen e Seaman (2017) mostram que há uma crescente preferência por cursos online e aprendizagem remota, permitindo aos estudantes estudar em horários e locais que lhes sejam convenientes. Liu et al. (2020) apontam que a flexibilidade do aprendizado online pode aumentar a inclusão e acessibilidade para estudantes que, de outra forma, teriam dificuldades em participar de programas educacionais tradicionais. A Tabela 22 apresenta as principais mudanças e características no perfil dos estudantes universitários.

Tabela 22: Mudanças no Perfil dos Estudantes Universitários e Suas Demandas Tecnológicas

Aspecto	Descrição	Impacto na Educação
Conectividade Digital	Estudantes altamente conectados e integrados online	Necessidade de plataformas de aprendizado digital e móvel
Experiência Tecnológica	Familiaridade com tecnologias avançadas desde jovens	Maior demanda por ferramentas interativas e de realidade virtual
Aprendizado Personalizado	Preferência por métodos de ensino adaptativos	Adoção de IA para personalizar a experiência educacional
Aprendizagem Colaborativa	Valorização de colaboração e projetos em grupo	Uso de plataformas de colaboração online e redes sociais
Acessibilidade e Flexibilidade	Preferência por acesso a recursos a qualquer momento	Expansão de cursos online e aprendizagem remota

Fonte: Alkaabi et al. (2021); Jisc (2019); OCDE (2020); Dumford & Miller (2018); Ahmad et al. (2021), Sleeman et al. (2016); Hargittai et al. (2020), Johnson et al. (2016); Allen & Seaman (2017), Liu et al. (2020).

Após a apresentação destes dados, chegamos ao fim do terceiro grande eixo da fundamentação teórica denominado **“Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs”**. Essa sessão teve como objetivo apresentar os principais aspectos da inovação e como as tecnologias estão revolucionando a forma como convivemos em sociedade, os avanços obtidos com o uso das tecnologias e os processos inovadores.

Apresentamos a evolução dos sistemas de informação ao longo das décadas, os avanços e perspectivas futuras, a ascensão vertiginosa do uso das TICs no mundo pós-pandemia de COVID-19 e por fim a mudança no perfil dos alunos que chegam ao ensino superior, considerados nativos digitais e que exigem do mundo e dos espaços educativos cada vez mais um processo de aprendizagem personalizado, digitalmente conectado, flexibilizado e acessível e rico em experiências digitais. Com isso, chegamos ao fim da fundamentação teórica utilizada nessa pesquisa.

Finalizada esta revisão e fundamentação, destaca-se que a compreensão aprofundada dos conceitos, modelos e desafios discutidos é essencial para orientar o desenvolvimento e a implementação de propostas inovadoras como a plataforma InterKria. No próximo capítulo, passo à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados, detalhando as estratégias de pesquisa, as técnicas empregadas e as etapas percorridas para subsidiar o estudo e validar as contribuições deste trabalho.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresento os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, detalhando as estratégias e técnicas que fundamentam a construção da plataforma InterKria. A escolha metodológica está ancorada em uma abordagem híbrida, que conjuga pesquisa-ação e design thinking, possibilitando uma investigação participativa, iterativa e centrada nas reais necessidades dos futuros usuários. Ao longo deste tópico, descrevo o desenho da pesquisa, os métodos de coleta e análise de dados, bem como as etapas de desenvolvimento do protótipo.

A produção do conhecimento científico emerge não apenas da necessidade de solucionar questões práticas do cotidiano, mas também do desejo de fornecer explicações sistemáticas, sustentadas por testes e críticas, fundamentadas em provas empíricas e na discussão intersubjetiva. Segundo Köche (1997), a investigação científica inicia-se com a identificação de uma dúvida ou pergunta que o conhecimento existente não é capaz de responder.

O presente estudo adota o paradigma interpretativista, conforme descrito por Gil (2010), o qual privilegia a compreensão de fenômenos em sua relação com o contexto e os sujeitos envolvidos, incluindo o pesquisador. Do ponto de vista da natureza dos dados, a pesquisa é qualitativa, enfatizando as características e os significados dos fenômenos investigados, os quais não podem ser mensurados em termos de quantidade, intensidade ou frequência.

Os achados de Denzin e Lincoln (2005) destacam que a pesquisa qualitativa explora a construção social da realidade, evidenciando a proximidade entre pesquisador e objeto de estudo, bem como os condicionantes situacionais que moldam a investigação. Essa abordagem permite uma análise aprofundada dos processos e significados, situando-os dentro do contexto social e cultural em que estão inseridos.

Para a presente pesquisa, os sujeitos envolvidos são representativos de diver-

sas categorias, o que enriquece as análises e amplia a relevância dos resultados. Estudantes de graduação e pós-graduação desempenham um papel central, pois vivenciam diretamente os desafios e benefícios da internacionalização, como barreiras linguísticas, limitações financeiras e dificuldades de mobilidade. A inclusão de professores e pesquisadores permite investigar como esses profissionais integram práticas pedagógicas e currículos internacionalizados, além de atuar como mediadores de experiências interculturais. Já os gestores e administradores das instituições de ensino fornecem insumos valiosos sobre a operacionalização das políticas de internacionalização, enfrentando desafios administrativos, estruturais e financeiros. Além disso, profissionais de outras áreas, interessados no tema, oferecem perspectivas externas que complementam as análises acadêmicas, promovendo uma visão intersetorial.

Para garantir a organização e eficiência no desenvolvimento da pesquisa, foi essencial a utilização de ferramentas tecnológicas. Ferramentas de organização como Google Drive e Mendeley foram empregadas para planejar as etapas e gerenciar o fluxo de trabalho, permitindo o acompanhamento sistemático das atividades. Essas plataformas facilitaram a colaboração entre os envolvidos na pesquisa, proporcionando maior clareza nas metas e nos prazos. O Perplexity Labs⁷, desempenhou um papel relevante na criação do design da plataforma proposta, possibilitando uma visualização concreta das ideias e maior interação com os sujeitos durante as fases da pesquisa.

Ademais, a inteligência artificial foi utilizada como apoio no processo de revisão textual. Ferramentas como ChatGPT auxiliaram na geração de ideias e organização de conceitos complexos e também na organização dos dados em tabelas, enquanto o Grammarly foi fundamental para garantir a clareza e precisão linguística nos textos produzidos. O Google forms foi utilizado para a aplicação de questionário para a fase de ideação da pesquisa, tendo como objetivo a identificação dos possíveis usuários da plataforma, seus desejos e anseios e serviram para sessões de braistorm na etapa de empatia e ideação.

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de fontes confiáveis e diversificadas, com o objetivo de construir um arcabouço teórico sólido e atualizado. Bases de dados científicas, como SciELO, Web of Science, Scopus e Google Scholar, foram exploradas para acessar artigos acadêmicos, relatórios técnicos e outros ma-

⁷ O Perplexity Labs é uma ferramenta multifuncional de geração de textos, imagens, dashboards, aplicativos web dentre outros.

teriais relevantes. O uso dessas bases permitiu identificar os principais debates acadêmicos e tendências sobre a internacionalização da educação superior. Trabalhos acadêmicos disponíveis em repositórios institucionais, como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foram consultados para analisar abordagens metodológicas e resultados de pesquisas correlatas. Livros de autores consagrados nas áreas de educação, internacionalização e metodologias científicas ofereceram suporte teórico consistente, enquanto relatórios de organismos multilaterais, como UNESCO, OCDE e Banco Mundial, forneceram dados estatísticos e informações contextuais essenciais para a análise.

Além disso, fontes digitais complementares, como blogs especializados e publicações de organizações não governamentais, foram utilizadas para integrar perspectivas contemporâneas e práticas ao arcabouço teórico. Por exemplo, os relatórios da UNESCO serviram como referência para contextualizar os desafios da internacionalização em regiões menos favorecidas, enquanto os dados extraídos do Banco Mundial forneceram indicadores socioeconômicos que enriqueceram a análise crítica.

O caráter interdisciplinar da pesquisa foi enriquecido pelo uso de todas essas ferramentas e fontes, permitindo que as análises fossem realizadas a partir de diferentes ângulos. A combinação de técnicas qualitativas e o uso estratégico de tecnologias garantiram não apenas a profundidade e abrangência do estudo, mas também a sua contribuição efetiva para o campo da internacionalização da educação superior.

Dessa forma, a metodologia aqui descrita reflete o compromisso com a produção de conhecimento científico rigoroso, inclusivo e relevante para a área acadêmica e para a prática educacional. A seguir, apresentamos os aspectos e ferramentas metodológicas que foram utilizadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

5.1. Pesquisa-Ação

O método adotado nesta pesquisa segue os protocolos da pesquisa-ação, um modelo de investigação social de base empírica que combina análise e intervenção.

De acordo com Thiollent (2011), a pesquisa-ação é concebida e executada em estreita relação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, envolvendo cooperação entre pesquisadores e participantes diretamente ligados à situação investigada. Nesse tipo de pesquisa, a ação não é trivial, mas sim digna de um estudo sistemático e aprofundado.

Esse método frequentemente tem como ponto de partida uma demanda específica da organização ou grupo envolvido, tornando indispensável o engajamento dos membros na condução da experiência (THIOLLENT, 2009). Nesse processo, os pesquisadores desempenham um papel ativo na definição e na abordagem dos problemas, com o objetivo não apenas de resolver questões práticas, mas também de ampliar o conhecimento e a conscientização dos participantes.

Segundo Thiollent (2011), a pesquisa-ação pode ter dois objetivos principais: prático e instrumental. A pesquisa com objetivo prático visa solucionar um problema central para a pesquisa e propor ações concretas, permitindo o acesso a informações que dificilmente seriam obtidas em outros contextos. Já a pesquisa com objetivo instrumental busca resolver problemas técnicos delimitados a um contexto socio-cultural específico, reconhecendo que certas questões apresentam uma complexidade que demanda soluções de longo prazo. Conforme Vasconcellos (2013), compreender essa complexidade requer a análise do objeto em seu contexto integral.

No campo educacional, a pesquisa-ação se destaca como uma abordagem voltada para a transformação e a resolução de problemas por meio de ações coletivas. Thiollent (2009) destaca que a relação entre conhecimento e ação é central na metodologia, promovendo tanto o entendimento quanto a conscientização dos envolvidos. Essa linha de pesquisa enfatiza a interação dinâmica entre teoria e prática, orientada pela busca de mudanças concretas e sustentadas.

Tendo isso em vista, o objetivo da pesquisa-ação em educação é:

[...] prover ao professor pesquisador um método para resolver problemas cotidianos no ambiente educacional, a fim de melhorar o processo de aprendizagem do estudante e a efetividade do professor (GAY; MILLS; AIRASIAN, 2006, p. 499).

O principal objetivo da pesquisa-ação é capacitar tanto os pesquisadores quanto os participantes para que possam responder de forma mais eficiente aos desafios presentes em suas realidades, promovendo transformações concretas por meio de diretrizes de ação. Thiollent (2009) ressalta que a pesquisa-ação vai além da simples realização de ações ou da participação dos envolvidos, exigindo a produção de novos conhecimentos, a ampliação da experiência e a contribuição para reflexões críticas sobre os temas investigados.

No contexto educacional, a aplicação da pesquisa-ação se justifica pela sua capacidade de superar as limitações das metodologias convencionais, que frequentemente se restringem à descrição das situações. Essa abordagem é fundamental quando o objetivo é transformar ou promover a evolução de determinada realidade (THIOLLENT, 2009). Embora nem todas as hipóteses necessitem de comprovação estatística, a pesquisa-ação mantém o compromisso com a validação qualitativa dos resultados, exigindo a aprovação tanto por parte do pesquisador quanto da comunidade acadêmica (THIOLLENT, 2011).

O processo de pesquisa-ação inicia-se com uma fase exploratória e culmina na divulgação dos resultados, oferecendo um ponto de partida e um ponto de chegada claros. Entretanto, o percurso entre esses dois pontos é dinâmico, adaptando-se às circunstâncias e aos desafios imprevistos que possam surgir ao longo da investigação (THIOLLENT, 2009).

Neste estudo, o ponto de partida foi a identificação de lacunas no desenvolvimento de perspectivas internacionais e competências interculturais em nações que enfrentam contextos desfavoráveis, como barreiras linguísticas, limitações de mobilidade e desafios sociais. O ponto de chegada almejado é a entrega de uma proposta de plataforma tecnológica para impulsionar a internacionalização dos países lusófonos, concebido a partir de um processo colaborativo, que atenda às necessidades identificadas e contribua para a superação dessas limitações.

O processo pode ser descrito em ciclos iterativos de *planejamento*, *ação*, *observação* e *reflexão* (Kemmis & McTaggart, 2000). Cada ciclo permite ajustar a plataforma com base no feedback e nas necessidades reais dos futuros usuários, como estudantes e profissionais de diversas áreas.

5.2. Design Thinking

O *design thinking* é uma abordagem teórica e prática voltada para a solução de problemas complexos, caracterizada por um processo iterativo e centrado no ser humano. Sua essência está em integrar diferentes perspectivas, promovendo a criatividade, empatia e inovação. Embora tenha suas raízes no campo do design, ele transcendeu essa área para se estabelecer como uma metodologia aplicável a contextos diversos, como educação, negócios, saúde e tecnologia (BROWN, 2009; MARTIN, 2009).

De acordo com Brown (2009), o *design thinking* pode ser entendido como uma disciplina que utiliza a sensibilidade e os métodos dos designers para combinar as necessidades das pessoas, as possibilidades tecnológicas e os requisitos para o sucesso de um negócio. Essa definição sublinha o caráter interdisciplinar da abordagem, que busca conectar o pensamento criativo ao pensamento analítico, a fim de gerar soluções práticas, inovadoras e eficazes para problemas que desafiam as abordagens tradicionais.

O *design thinking* como teoria ganhou destaque com autores como Simon (1969), em sua obra *The Sciences of the Artificial*, que já sugeria uma abordagem projetual para a resolução de problemas, enfatizando a importância da criatividade e da interação com o ambiente. Posteriormente, Brown (2009) popularizou o conceito ao abordar seu uso em organizações e instituições como um motor para a inovação.

Na visão de Martin (2009), o *design thinking* é uma síntese entre dois modelos mentais: o pensamento exploratório, caracterizado pela geração de ideias e insights, e o pensamento lógico, que estrutura e valida essas ideias. Essa combinação é o que permite ao *design thinking* operar em problemas complexos e "mal definidos", conhecidos como *wicked problems* (RITTEL; WEBBER, 1973).

Além disso, Dosi, Rosati e Vignoli (2018) ressaltam que o *design thinking* é particularmente eficaz em ambientes de incerteza e mudanças rápidas, pois estimula a adaptação e a flexibilidade sem comprometer o rigor analítico.

5.3 Fundamentos do Design Thinking

O *design thinking* baseia-se em um conjunto de princípios que orientam sua

aplicação. Dentre eles, destacam-se:

1. Centrado no ser humano: O foco no usuário é o cerne do *design thinking*. A empatia, como ferramenta essencial, permite compreender profundamente as necessidades, aspirações e desafios dos indivíduos para os quais a solução está sendo projetada (BROWN, 2009). Essa perspectiva rompe com métodos tradicionais que priorizam a lógica ou a viabilidade técnica, colocando o ser humano como ponto de partida para a inovação.

2. Colaboração interdisciplinar: O *design thinking* incentiva a interação entre pessoas de diferentes áreas do conhecimento. Segundo Kelley e Kelley (2013), equipes multidisciplinares são mais propensas a gerar soluções criativas, pois combinam perspectivas e competências diversas.

3. Iteratividade: Diferentemente de processos lineares, o *design thinking* adota uma abordagem iterativa, permitindo revisões constantes a partir de feedback e experimentação. Plattner (2010) enfatiza que "o erro é visto como uma oportunidade de aprendizado", o que fomenta um ambiente de experimentação e refinamento contínuo.

4. Visualização e prototipagem: Ferramentas visuais e protótipos são frequentemente usados para traduzir ideias abstratas em representações concretas. Essa prática facilita o entendimento, a comunicação e a identificação de falhas em estágios iniciais (BROWN, 2009).

5. Soluções criativas e práticas: A metodologia busca não apenas inovar, mas também oferecer soluções que sejam implementáveis no contexto em questão. Martin (2009) destaca que o equilíbrio entre viabilidade, desejabilidade e praticidade é um diferencial do *design thinking*.

Relevância Interdisciplinar

O *design thinking* tem demonstrado sua aplicabilidade em diversos domínios. Na educação, por exemplo, é utilizado para criar experiências de aprendizado mais interativas e centradas no aluno (CARROLL et al., 2010). No campo da saúde, promove o desenvolvimento de soluções que priorizam a experiência do paciente, como dispositivos médicos ergonômicos e sistemas de atendimento mais eficientes (IDEO, 2018). Já no contexto de negócios, impulsiona a criação de novos produtos e serviços que atendam às demandas de consumidores cada vez mais exigentes e diversificados (MARTIN, 2009).

No cenário educacional dos países lusófonos, o *design thinking* pode ser uma

ferramenta importante para enfrentar desafios associados à diversidade cultural e linguística, promovendo a criação de plataformas e currículos que considerem as especificidades locais. A abordagem centrada no usuário garante que as soluções desenvolvidas sejam não apenas funcionais, mas também culturalmente sensíveis e inclusivas.

Portanto, mais do que uma metodologia; trata-se de uma forma de pensar e abordar problemas que prioriza as pessoas e suas experiências. Sua relevância teórica e prática está na capacidade de integrar criatividade, colaboração e análise em um processo contínuo de inovação. Como ressalta Brown (2009), a verdadeira inovação acontece quando conseguimos equilibrar as necessidades humanas, a tecnologia e a viabilidade econômica. Esse equilíbrio é particularmente relevante em contextos educacionais e interculturais, como o dos países de língua portuguesa, onde o *design thinking* pode contribuir significativamente para a construção de soluções transformadoras e inclusivas.

5.4. Combinação de Pesquisa-Ação e Design Thinking

A união entre pesquisa-ação e design thinking oferece uma metodologia híbrida, ideal para projetos de inovação social e tecnológica. Enquanto a pesquisa-ação garante que a plataforma responda às necessidades reais dos stakeholders e promova mudanças efetivas, o design thinking contribui para uma solução criativa, intuitiva e acessível.

A combinação de Pesquisa-Ação (PA) e Design Thinking (DT) pode ser particularmente útil para:

1. Identificar problemas práticos (DT) e desenvolver soluções (PA).
2. Testar e refinar soluções através da iteração (DT) e avaliação (PA).
3. Envolver *stakeholders* no processo de pesquisa (PA) e design (DT).

Benefícios da combinação

1. Ação reflexiva: A PA promove a reflexão crítica sobre a prática, enquanto o DT estimula a experimentação e prototipagem.

2. Cocriação: Ambas as metodologias envolvem os stakeholders no processo de pesquisa e design.

3. Iteração: O DT permite iterar soluções, enquanto a PA avalia e refina as intervenções.

4. Inovação: A combinação estimula a criatividade e inovação em contextos complexos.

5. Sustentabilidade: As soluções desenvolvidas são mais prováveis de serem sustentáveis, pois são baseadas em uma compreensão profunda do contexto.

Potencialidades da Combinação

1. Desenvolvimento de soluções inovadoras: A combinação pode levar a soluções mais eficazes e inovadoras para problemas complexos.

2. Melhoria da prática: A PA e o DT podem melhorar a prática profissional, promovendo a reflexão crítica e a experimentação.

3. Empoderamento dos stakeholders: A combinação pode empoderar os stakeholders, permitindo que eles participem ativamente do processo de pesquisa e design.

4. Avaliação e refinamento: A combinação permite avaliar e refinar as soluções desenvolvidas.

5. Generalização: Os resultados podem ser generalizados para outros contextos, contribuindo para o conhecimento teórico e prático.

5.5 Etapas da Pesquisa Utilizando Pesquisa-Ação e Design Thinking

Este item explica como as duas abordagens serão integradas ao longo do desenvolvimento. As etapas incluiram:

Ciclo 1 (Exploração e Planejamento): Essa etapa inicial visa compreender os usuários, suas dores, necessidades e contextos. Ferramentas como *mapas de empatia* e *personas* serão amplamente utilizadas para capturar as características específicas dos diferentes grupos de usuários da plataforma, como estudantes, professores e gestores educacionais. A empatia é particularmente relevante no contexto dos países lusófonos, dada a diversidade cultural, linguística e socioeconômica. Segundo Brown (2009), a empatia é a chave para projetar soluções que realmente resoem com as pessoas. Após a etapa de empatia, os dados coletados foram organizados para identificar claramente o problema central a ser resolvido.

Nesse caso, o desafio é criar uma plataforma tecnológica que impulse a internacionalização da educação superior dos países lusófonos, superando barreiras como diferenças linguísticas, acesso desigual à tecnologia e limitações de recursos

financeiros. Como apontado por Rowe (1987), a fase de definição é indispensável para assegurar que o problema seja bem delimitado, evitando esforços dispersos.

Foram geradas múltiplas ideias para resolver o problema definido. Técnicas como *brainstorm* e criação de protótipos de baixa fidelidade foram empregadas para identificar possibilidades. Segundo Kelley e Kelley (2013), a fase de ideação é onde a criatividade é maximizada, permitindo a proposição de soluções inovadoras.

No contexto da plataforma, foram realizadas sessões de *brainstorm*, criação de mapas de empatia e construção de persona, técnicas utilizadas no design thinking. Também serão implementadas ferramentas clássicas de gestão e planejamento como análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats) para identificar as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, além do Plano 5W2H (what, why, who, when, where, how e how much).

Para as sessões de *brainstorm* foi aplicado um questionário com o objetivo de identificar o perfil dos participantes bem como entender, com base na empatia, quais as reais necessidades e interesses dos participantes e contou com uma pergunta aberta em que os participantes podem descrever e apresentar sugestões relevantes para a plataforma. O questionário aplicado e a análise das respostas constam no capítulo de discussão dos resultados.

Ciclo 2 (Prototipagem e Ação): Essa etapa é dedicada à criação de representações tangíveis das ideias geradas. Conforme afirmam Curedale (2013) e Plattner (2010), a prototipagem é essencial para validar hipóteses e identificar falhas antes da implementação completa. No caso da plataforma, protótipos incluíram interfaces interativas, fluxos de navegação e funcionalidades básicas que permitam aos usuários experimentarem a solução proposta. Para esse ciclo, a ferramenta de gestão e planejamento adotada foi a utilização de um *Business Model Canvas* com o objetivo de ajudar a planejar e estruturar um plano de negócio inovador compreendendo quais serão os segmentos de clientes, qual a proposta de valor, os canais que serão utilizados, estabelecer os meios de relacionamento com os clientes, as fontes de receitas, os recursos principais, identificar as atividades-chave, quais serão as principais parcerias e a estrutura de custos.

Nessa etapa, após a identificação das necessidades e interesses dos usuários e tendo um plano de negócios mapeado, desenvolvemos um protótipo com as principais funcionalidades levantadas na etapa da ideação. Cabe salientar que os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa permitem que sejam realiza-

dos ajustes a qualquer momento de acordo com as necessidades observadas pelo pesquisador e dos demais participantes por ser considerada uma abordagem iterativa e não linear.

Considerando que este protótipo se trata de um MVP (Mínimo Produto Viável) o *feedback* obtido futuramente com a participação dos usuários será utilizado para compreensão da viabilidade da plataforma, necessidade de reformulação e refinamento bem como compreender os aspectos de melhorias que podem ser implementados.

5.6 Potenciais Resultados e Impacto da Abordagem Híbrida

Essa combinação de metodologias não só enriqueceu o desenvolvimento da plataforma como também gerou um modelo participativo e inclusivo. A abordagem híbrida permitiu alinhar rigor acadêmico presente na abordagem da pesquisa-ação e com inovação prática, condição *sine qua non* da metodologia do design thinking gerando *insights* tanto para a internacionalização da educação quanto para o uso de novas tecnologias em contextos educacionais. Ademais, ao utilizarmos uma metodologia que tem como objetivo a empatia, focada no usuário, e a inovação, que busca encontrar soluções inovadoras para problemas reais e complexos, a pesquisa tem o potencial de gerar impacto social, indo além de apenas uma observação teórica dos fatos.

Finalizada a exposição dos procedimentos metodológicos, apresento de forma concisa o cronograma seguido no desenvolvimento da pesquisa e sequencialmente passo à apresentação dos resultados e discussões advindos da implementação da plataforma, fundamentados nos dados coletados ao longo do processo investigativo.

6. CRONOGRAMA

Etapas	Período Estimado
Qualificação	Fevereiro/2025
Correções e aprimoramentos pós-qualificação	Março/2025
Redação dos capítulos teóricos e elaboração da proposta da plataforma	Março–Junho/2025

Etapa	Período Estimado
Discussão da fundamentação, revisão da literatura e aprofundamento teórico	Março–Julho/2025
Finalização dos capítulos de resultados e recomendações	Agosto–Setembro/2025
Revisão geral final (texto, normas, anexos)	Outubro–Novembro/2025
Ajustes finais, preparação da versão para banca	Novembro–início de dezembro
Defesa da Dissertação	Dezembro/2025
Entrega da versão final (pós-defesa, com as correções)	Dezembro/2025

O próximo capítulo será dedicado à análise crítica das evidências, bem como à apreciação das contribuições e desafios enfrentados, buscando responder aos objetivos estabelecidos e conferir densidade às proposições desta dissertação.

7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresento a análise e discussão dos principais resultados obtidos a partir da proposta da plataforma InterKria. O objetivo é fundamentar, com base em dados quantitativos e qualitativos, como as percepções, expectativas e necessidades identificadas junto aos distintos públicos participantes contribuem para a formação de funcionalidades, estratégias e soluções aderentes à realidade da internacionalização da educação superior entre os países lusófonos. A abordagem adotada privilegia tanto a análise dos indicadores objetivos quanto a integração de perspectivas subjetivas, com vistas a oferecer uma compreensão abrangente do potencial impacto da plataforma.

A partir do desenvolvimento da pesquisa, propõe-se a criação de uma plataforma tecnológica voltada à impulsionar a internacionalização da educação superior entre os países lusófonos. Serão apresentadas, de forma detalhada, as funcionalidades iniciais da plataforma, concebidas com base nas contribuições dos participantes da pesquisa, cujas sugestões funcionaram como um exercício preliminar de *brainstorming*, permitindo a identificação de interesses, expectativas e aspirações dos potenciais usuários.

Além das funcionalidades, serão descritas as principais ferramentas clássicas de gestão que embasaram o desenvolvimento da proposta, como o *brainstor-*

ming, *Business Model Canvas*, matriz 5W2H, análise SWOT, entre outras metodologias consagradas. Na sequência, após a estruturação conceitual da plataforma e definição de suas funcionalidades, será apresentada a identidade visual desenvolvida, alinhada aos princípios e objetivos do projeto.

O *brainstorming* é uma dinâmica colaborativa que tem por objetivo explorar a criatividade coletiva, estimulando todos os participantes a contribuir livremente com ideias voltadas à solução de um problema, cujas etapas vão desde o levantamento do problema à seleção de soluções inovadoras (LUNARDI, 2021; CORRÊA et al., 2021). Assim, a técnica permite captar múltiplas visões e hipóteses sobre um desafio, enriquecendo o processo de geração de soluções.

Já o *Business Model Canvas* é uma ferramenta de gestão estratégica que estrutura visualmente os principais pilares de um modelo de negócio, organizando elementos como proposta de valor, segmentos de clientes, canais e recursos-chave em nove blocos, promovendo uma compreensão clara e sistêmica do funcionamento e viabilidade da proposta (MACEDO et al., 2020; SANTOS et al., 2020).

Por sua vez, a matriz 5W2H consiste em uma metodologia de planejamento que busca detalhar planos de ação por meio de sete perguntas essenciais (What, Why, Where, When, Who, How, How much), facilitando a visualização dos objetivos, responsabilidades, recursos e prazos de execução. Esta ferramenta promove objetividade, clareza e controle na execução de projetos (LOBATO; SANTOS, 2023; LISBÔA; GODOY, 2012; NAKAGAWA, 2014).

A *análise SWOT* é uma estratégia amplamente utilizada para avaliar as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças de um projeto ou organização, permitindo compreender o cenário competitivo e estruturar melhores estratégias de ação. O uso da SWOT oferece dados objetivos para a formulação de táticas alinhadas à sustentabilidade e crescimento da iniciativa (ALVES, 2017; GUIMARÃES, 2023).

7.1 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO E CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA

Com o objetivo de identificar o grau de interesse, a percepção e as expectativas dos potenciais usuários da plataforma tecnológica proposta para a internacionalização da educação superior entre os países de língua portuguesa, foi realizada uma pesquisa exploratória por meio da aplicação de um questionário online. A escolha

por um instrumento digital justifica-se pela abrangência geográfica da pesquisa, envolvendo respondentes de diferentes países lusófonos, além da praticidade e agilidade proporcionadas por ferramentas como o Google Forms, utilizada nesta investigação.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de dezembro de 2024 e junho de 2025, período em que o questionário esteve disponível para participação. O convite para o preenchimento foi amplamente divulgado por múltiplos canais de comunicação, como e-mail, WhatsApp, Instagram, LinkedIn, entre outros meios digitais, com o intuito de alcançar públicos diversos e garantir uma maior representatividade.

Diferentemente de pesquisas com amostras probabilísticas e critérios de segmentação pré-definidos, optou-se neste caso por uma abordagem aberta e inclusiva, buscando captar percepções de indivíduos com diferentes perfis e experiências, como estudantes, professores, pesquisadores e profissionais de áreas acadêmicas e não acadêmicas. Ao todo, foram obtidas 110 respostas.

O questionário foi composto por dez questões, sendo nove de natureza fechada — com alternativas de múltipla escolha e escalas de avaliação — e uma questão aberta. Esta última foi estrategicamente posicionada como a última pergunta da pesquisa, com o intuito de acolher sugestões, comentários, críticas e outras contribuições espontâneas que pudessem enriquecer a análise qualitativa dos dados, subsidiando o desenvolvimento de funcionalidades mais adequadas às necessidades dos usuários.

As questões aplicadas foram as seguintes:

1. De qual nação de Língua Portuguesa você é?
2. Qual a sua idade?
3. Qual é o seu perfil?
4. Qual é o seu grau de interesse em uma plataforma de cooperação internacional entre países de língua portuguesa?
5. Qual(is) funcionalidades você gostaria que a plataforma oferecesse? (marque todas as opções que se aplicam)
6. Quais áreas temáticas você considera mais relevantes para serem abordadas na plataforma? (marque todas as opções que se aplicam)
7. Quais tipos de conteúdos você mais consumiria na plataforma?
8. Qual é o seu nível de interesse em eventos virtuais promovidos pela plataforma?

9. De que forma você acredita que esta plataforma poderia facilitar o desenvolvimento pessoal e profissional? (marque todas as opções que se aplicam)

10. Quais sugestões ou ideias adicionais você gostaria de compartilhar sobre a plataforma e suas funcionalidades?

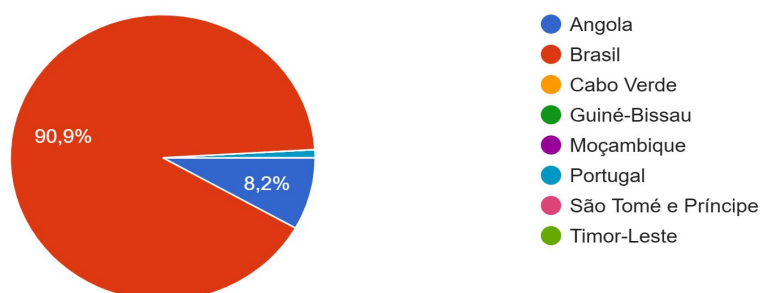
A partir da próxima seção, serão apresentadas as análises quantitativas e qualitativas das respostas obtidas, com o intuito de oferecer uma compreensão aprofundada dos dados coletados e subsidiar o delineamento das funcionalidades e estratégias de desenvolvimento da plataforma.

Questão 1 – Nacionalidade dos Respondentes

A primeira questão do questionário buscou identificar a nacionalidade dos participantes, considerando o foco da pesquisa nos países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O resultado evidenciou que 90,9% dos respondentes são brasileiros, seguidos por 8,2% de angolanos e 0,9% de portugueses.

1. De qual nação de Língua Portuguesa você é?

110 respostas



Embora a predominância brasileira fosse esperada, considerando que a divulgação da pesquisa teve como epicentro o Brasil — país de origem do projeto e do pesquisador —, a presença de respondentes de Angola e Portugal já demonstra um sinal inicial de alcance internacional, ainda que modesto. A ausência de participantes dos demais países lusófonos (Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste) aponta, por outro lado, para a necessidade estratégica de ampliar os canais de divulgação e estabelecer parcerias institucionais com universidades, centros de pesquisa e organizações da sociedade civil nesses países, com o intuito de engajar de forma mais representativa toda a comunidade lusófona.

Nesse sentido, Stallivieri (2017) destaca que a internacionalização responsável necessita garantir a inclusão de todos os atores, respeitando a pluralidade e assegurando que as iniciativas alcancem representatividade ampla, evitando a exclusão de comunidades acadêmicas menos acessíveis ou estruturadas.

Esse dado traz dois insights importantes:

1. A força de mobilização local como ponto de partida: o alto percentual de brasileiros pode ser interpretado como um indicativo de que há uma base sólida para o lançamento inicial da plataforma no Brasil, o que pode ser explorado como uma estratégia de entrada antes da expansão para os demais países.
2. O desafio da internacionalização efetiva: para que a plataforma cumpra de fato o seu papel de instrumento de cooperação internacional entre os países lusófonos, será fundamental garantir a representatividade das diferentes nacionalidades desde os estágios iniciais de desenvolvimento e validação.

Além disso, o dado evidencia a urgência de mecanismos que superem as assimetrias na participação internacional, o que dialoga diretamente com o propósito da plataforma: reduzir desigualdades de acesso e promover uma internacionalização mais inclusiva e equitativa, conforme os princípios dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em especial o ODS 17 – Parcerias e Meios de Implementação.

De Wit (2019) alerta para a necessidade de estratégias que enfrentem as assimetrias estruturais e logísticas que limitam a participação igualitária na internacionalização, reforçando a importância de mecanismos proativos para garantir equidade e acesso, alinhados com as metas globais de desenvolvimento sustentável.

Portanto, essa questão inicial já sinaliza a importância da construção de redes sólidas entre os países lusófonos para que a proposta da plataforma não apenas dialogue com o ideal da internacionalização, mas o concretize em sua dimensão mais plural e representativa.

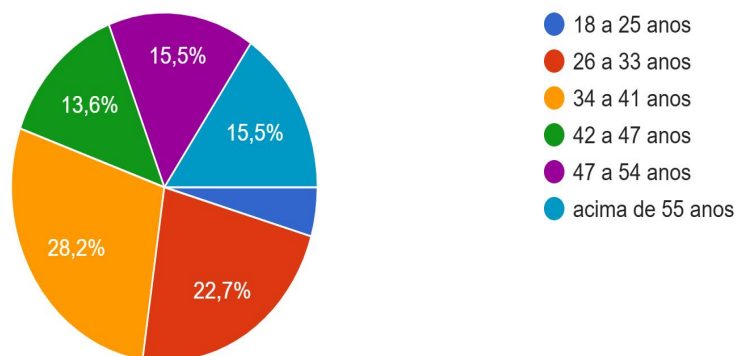
Questão 2 – Faixa Etária dos Respondentes

A segunda questão do questionário investigou a faixa etária dos participantes, com o objetivo de compreender o perfil etário do público interessado na proposta da plataforma de internacionalização voltada à comunidade lusófona. Os dados revelam uma distribuição etária bastante diversificada, com destaque para as faixas de 34 a 41 anos (28,2%) e 26 a 33 anos (22,7%), que, somadas, representam 50,9% dos

respondentes. As demais faixas etárias apresentaram a seguinte distribuição:

2. Qual a sua idade?

110 respostas



A predominância dos participantes entre 26 e 41 anos revela um público com potencial ativo de atuação tanto no meio acadêmico quanto profissional, faixa essa geralmente composta por estudantes de pós-graduação, docentes, pesquisadores em início ou meio de carreira, e profissionais em transição ou consolidação de trajetória.

A faixa etária entre 26 e 41 anos geralmente corresponde ao período em que acadêmicos e profissionais desenvolvem sua carreira com maior intensidade, apresentando elevado engajamento em processos de internacionalização, mobilidade estudantil e redes colaborativas (DE WIT, 2018). Esse público é, muitas vezes, o principal beneficiário de políticas de internacionalização acadêmica, dado seu potencial para ações científicas, pedagógicas e de inovação.

Esse dado reforça a pertinência da plataforma para um público em plena fase de desenvolvimento pessoal e profissional, sendo exatamente este o grupo mais impactado por políticas de internacionalização, mobilidade acadêmica e cooperação científica. Adicionalmente, o expressivo percentual de pessoas acima de 47 anos (31% somando as faixas 47–54 e 55+) evidencia o interesse também de profissionais mais experientes, que podem atuar como mentores, articuladores de redes e parceiros estratégicos, agregando valor à proposta da plataforma.

Esses profissionais desempenham um papel fundamental como mentores e articuladores de redes internacionais, fortalecendo a cooperação acadêmica e ampliando as oportunidades de colaboração em pesquisa e desenvolvimento (ALTBACH;

KNIGHT, 2020). A presença desse grupo indica uma base sólida para o fortalecimento e a sustentabilidade da plataforma como espaço de diálogo intergeracional.

Outro ponto relevante é o baixo percentual de jovens entre 18 e 25 anos (4,5%), faixa que costuma representar estudantes de graduação. Isso pode indicar a necessidade de uma estratégia de comunicação mais direcionada ao público universitário iniciante, que ainda não tem familiaridade com iniciativas de cooperação internacional, mas que deve ser incentivado a participar desde os primeiros ciclos de formação.

Essas constatações indicam que a plataforma possui potencial de alcance intergeracional, sendo capaz de dialogar com diferentes perfis de usuários. Do ponto de vista do desenvolvimento da proposta, isso implica a necessidade de modular as funcionalidades e serviços de acordo com os diferentes estágios da vida acadêmica e profissional dos usuários, promovendo uma experiência personalizada, inclusiva e aderente às suas necessidades.

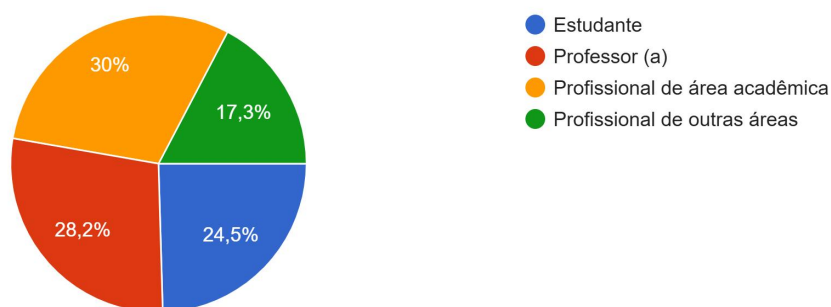
Por fim, ao envolver públicos com trajetórias, expectativas e repertórios diversos, a proposta reforça seu alinhamento com os princípios de formação de cidadãos globais e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, em especial o ODS 4 – Educação de Qualidade e o ODS 10 – Redução das Desigualdades, ao oferecer uma tecnologia acessível e útil a diferentes perfis etários, sociais e culturais.

Questão 3 – Perfil dos Respondentes

A terceira pergunta do questionário buscou identificar o perfil ocupacional dos participantes, com o intuito de compreender de que forma diferentes atores sociais se posicionam diante da proposta da plataforma de internacionalização da educação superior nos países lusófonos. A distribuição dos respondentes ficou da seguinte forma:

3. Qual é o seu perfil?

110 respostas



A leitura desses dados evidencia que 82,7% dos participantes possuem vínculo direto ou indireto com o ambiente educacional, sendo este um indicativo claro da relevância e da aderência da proposta da plataforma ao público ligado à educação superior. O grupo mais representativo foi o dos profissionais da área acadêmica (30%), o que inclui, por exemplo, pesquisadores, técnicos em educação, gestores universitários e coordenadores de programas educacionais. Esse perfil, por sua vivência institucional, tende a valorizar e compreender com maior profundidade os desafios e as possibilidades da internacionalização, podendo contribuir de forma efetiva tanto no uso quanto na melhoria contínua da plataforma. Segundo Knight (2015), os vínculos institucionais são fundamentais para o avanço das iniciativas de internacionalização, pois esses atores compreendem os desafios e oportunidades presentes no contexto acadêmico.

Os professores, que representam 28,2% dos respondentes, compõem outro grupo fundamental para o sucesso da iniciativa. Além de serem potenciais usuários e multiplicadores da proposta junto a seus estudantes, são também atores-chave na mediação de experiências interculturais e na articulação de redes de colaboração entre instituições. A expressiva participação desse segmento revela alto potencial de engajamento docente, o que é decisivo para legitimar a proposta em ambientes formais de ensino.

Já os estudantes (24,5%) representam o público-alvo direto da plataforma, especialmente no que diz respeito à mobilidade acadêmica virtual, ao desenvolvimento de competências globais e ao acesso a oportunidades internacionais. A presença significativa de estudantes entre os respondentes demonstra que a proposta está alinhada às demandas e expectativas da juventude universitária, que busca experiên-

cias formativas internacionais como diferencial acadêmico e profissional. O engajamento dos estudantes nas iniciativas de mobilidade acadêmica e cooperação internacional é reconhecido como um motor para o desenvolvimento de competências globais e para a formação de cidadãos internacionais, conforme aponta Morosini (2018), evidenciando a pertinência da plataforma em atender essas demandas.

Por fim, a presença de 17,3% de profissionais de outras áreas indica que a plataforma possui potencial de extrapolar o campo estritamente acadêmico, alcançando setores como o mercado de trabalho, organizações da sociedade civil e instituições públicas. Isso reforça a multidimensionalidade da internacionalização como um fenômeno que ultrapassa os limites do ensino formal, incorporando aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos.

A diversidade de perfis, portanto, enriquece a viabilidade e a aplicabilidade da plataforma, sugerindo a necessidade de que suas funcionalidades contemplem não apenas o universo universitário tradicional, mas também ações voltadas ao público profissional, como desenvolvimento de soft skills, capacitações interculturais, mentorias e oportunidades de networking conforme argumenta Stallivieri (2019), sugerindo que a internacionalização transcende os limites acadêmicos, incluindo aspectos sociais, culturais e econômicos, o que demanda ferramentas e estratégias multidimensionais para atender os diferentes públicos envolvidos e fortalecer a cooperação internacional de forma inclusiva e sustentável.

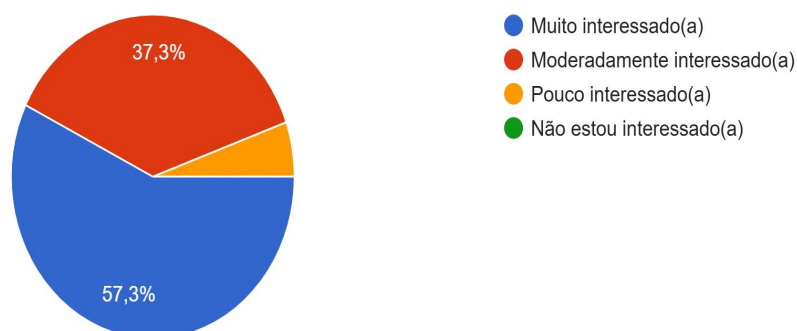
Essa abordagem multidimensional fortalece o alinhamento da proposta com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 4, ODS 8 e ODS 17) e com o propósito maior da plataforma: promover conexões significativas entre os povos de língua portuguesa por meio da educação e da cooperação internacional.

Questão 4 – Grau de Interesse na Plataforma

A quarta questão procurou aferir o nível de interesse dos potenciais usuários em relação à criação de uma plataforma de cooperação internacional entre países de língua portuguesa. O resultado foi expressivo:

4. Qual é o seu grau de interesse em uma plataforma de cooperação internacional entre países de língua portuguesa?

110 respostas



Os dados revelam que 94,6 % dos respondentes demonstram em maior ou menor intensidade interesse na iniciativa, sendo que mais da metade (57,3 %) declara-se “muito interessada”. Este resultado sugere forte aderência inicial ao conceito da plataforma, evidenciando um mercado potencial receptivo e motivado a participar das ações de internacionalização propostas.

A ausência total de respostas na opção “não estou interessado” reforça três pontos centrais:

1. Viabilidade mercadológica: há demanda real e imediata para uma ferramenta que conecte a comunidade lusófona, legitimando os esforços de desenvolvimento e justificando investimentos em infraestrutura tecnológica e em parcerias institucionais.
2. Urgência de implementação: o interesse manifesto indica que potenciais usuários aguardam soluções concretas para superar barreiras de mobilidade, idioma e acesso a oportunidades internacionais.
3. Potencial de engajamento contínuo: quando associado aos perfis dos respondentes (profissionais acadêmicos, docentes, estudantes e profissionais de outras áreas), o alto grau de interesse sinaliza propensão ao engajamento ativo, seja como usuários finais, parceiros de conteúdo ou embaixadores da plataforma.

Além disso, o dado respalda o alinhamento da proposta aos ODS 4 (Educação de Qualidade) e 17 (Parcerias para a Implementação), pois demonstra demanda social por mecanismos de cooperação acadêmica e intercultural que transcendam limitações geográficas e socioeconômicas.

Segundo Altbach e Knight (2020), a satisfação de uma demanda preexistente

é um dos principais indicadores de viabilidade para iniciativas de internacionalização, particularmente quando estas conseguem articular necessidades ligadas à superação de barreiras estruturais como idioma e mobilidade. Além disso, a mobilização contínua dos usuários é essencial para sustentar a plataforma como um recurso dinâmico e relevante, considerando que não há proposta semelhante em funcionamento na comunidade lusófona.

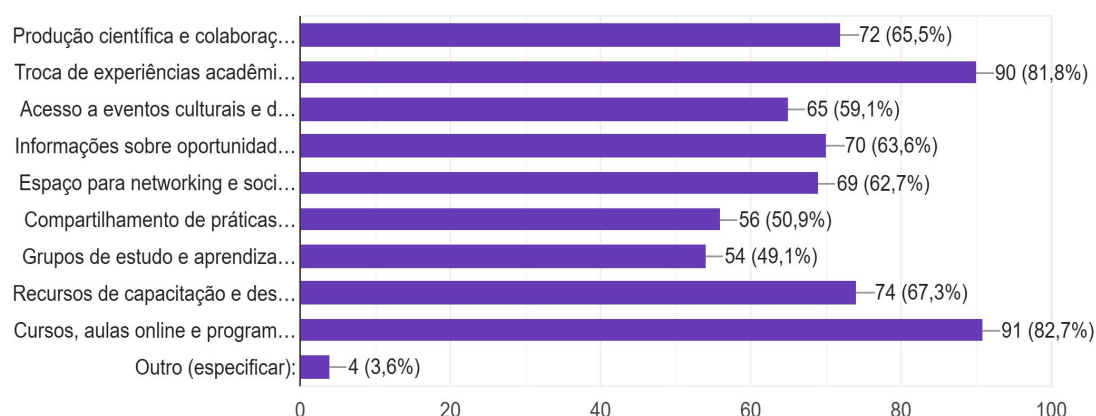
Em síntese, a expectativa positiva captada nesta questão corrobora a relevância estratégica da plataforma InterKria e de suas funcionalidades (KriaCiência, EmpregaKria, Kriacast, Kriasom e Rango de Kria) que serão descritas no próximo capítulo, indicando que o ecossistema a ser desenvolvido tem altas chances de adoção e de impacto significativo na internacionalização do ensino superior entre os países lusófonos.

Questão 5 – Funcionalidades Desejadas para a Plataforma

Esta questão buscou compreender quais funcionalidades os respondentes consideram mais relevantes para compor a proposta da plataforma de internacionalização entre os países lusófonos. Por se tratar de uma pergunta de múltipla escolha, os participantes puderam indicar diversas opções, permitindo identificar preferências diversificadas e demandas complementares.

5. Qual(is) funcionalidades você gostaria que a plataforma oferecesse? (marque todas as opções que se aplicam)

110 respostas



Os dados mostram um interesse fortemente direcionado à formação acadêmica e profissional com foco em práticas colaborativas e internacionalização digital. Altbach e Knight (2020) destacam que a produção científica colaborativa é um dos pilares fundamentais para o fortalecimento da pesquisa internacional, especialmente em espaços de cooperação ligados a línguas e culturas comuns, pois facilita o desenvolvimento de redes mais densas e produtivas.

A funcionalidade mais apontada pelos respondentes foi “Cursos, aulas online e programas de intercâmbio virtual” (82,75%), seguida por “Troca de experiências acadêmicas e profissionais” (81,85%), revelando o desejo por um espaço interativo de aprendizagem contínua e trocas qualificadas entre os membros da comunidade lusófona.

Outros dados relevantes se destacam:

1. A forte presença de itens como “Recursos de capacitação” (67,35%) e “Produção científica colaborativa” (65,5%) evidencia a intenção dos usuários de não apenas consumir conteúdos, mas produzir conhecimento coletivo, fortalecendo a ciência e a inovação entre os países lusófonos.

2. A alta adesão à “Informação sobre emprego e estágios” (63,65%) e “Espaço para networking” (62,75%) sinaliza que a plataforma é percebida como uma ponte entre o mundo acadêmico e o mercado de trabalho, especialmente importante para imigrantes, recém-formados e jovens pesquisadores.

3. A valorização de eventos culturais (59,15%) e grupos colaborativos de estudo (49,15%) reforça o papel da plataforma como um espaço também intercultural, essencial para o desenvolvimento de competências globais, como empatia, adaptabilidade e competência comunicativa — atributos centrais no conceito de cidadania global.

Esses dados são estratégicos para o delineamento do escopo inicial da plataforma. Eles indicam que a proposta deverá integrar múltiplas dimensões do desenvolvimento humano, intelectual, profissional, social e cultural, de forma sinérgica, sustentando uma comunidade digital plural, inclusiva e funcional.

Em termos de gestão do projeto, esses resultados validam as funcionalidades já previstas na arquitetura da InterKria e apontam caminhos claros para o aprimoramento da proposta de valor, orientando a priorização de entregas na fase de prototipação.

O alinhamento entre as demandas dos usuários e a estruturação das funcio-

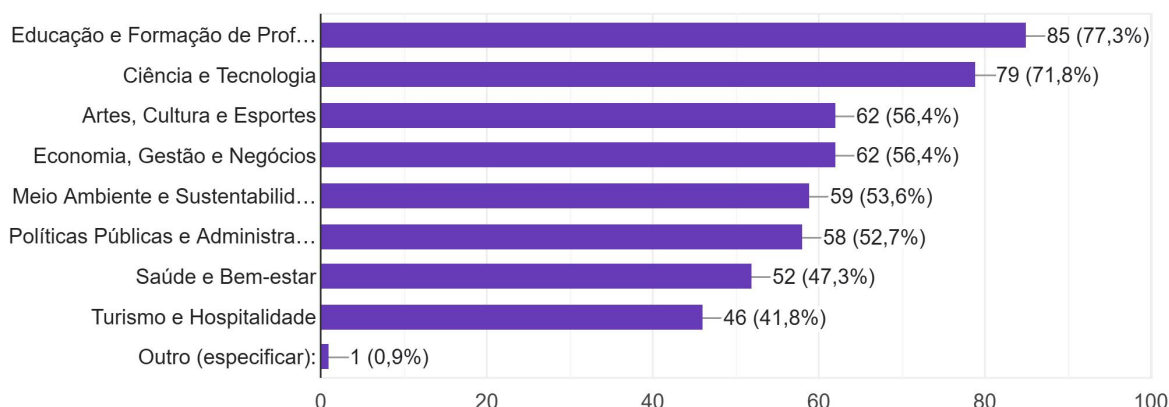
nalidades para (Macedo et al., 2020) é fundamental para o sucesso de plataformas digitais, conforme evidenciam estudos sobre gestão de inovação em ambientes acadêmicos, os quais ressaltam a importância de priorizar entregas que respondam a necessidades reais e fomentem o engajamento contínuo.

Questão 6 – Áreas Temáticas Prioritárias para a Plataforma

A sexta questão do questionário teve como objetivo identificar quais áreas temáticas os respondentes consideram mais relevantes para serem abordadas pela plataforma de internacionalização. Por ser uma pergunta de múltipla escolha, os participantes puderam selecionar mais de uma alternativa, o que permitiu capturar uma visão ampliada e transversal dos interesses do público-alvo.

6. Quais áreas temáticas você considera mais relevantes para serem abordadas na plataforma?
(marque todas as opções que se aplicam)

110 respostas



Os dados revelam uma forte ênfase em áreas associadas à educação, inovação científica e formação profissional, o que está totalmente alinhado com os objetivos da plataforma InterKria e com o propósito de impulsionar a internacionalização e a cooperação acadêmica entre os países lusófonos.

Ao analisar o gráfico, alguns aspectos tornam-se relevantes, com destaque para:

1. “Educação e Formação de Professores” (77,3%) lidera a lista, evidenciando o reconhecimento do papel central da educação na transformação social e na qualificação das futuras gerações de profissionais. Knight (2015) destaca que a qualificação de professores é um dos pilares da transformação educacional no contexto da internacionalização, sendo fundamental para a construção de políticas e práticas pe-

pedagógicas inclusivas e eficazes.

Esta escolha fortalece a missão pedagógica da plataforma e sua atuação como um ambiente formativo para docentes e educadores em contextos lusófonos diversos.

2. “Ciência e Tecnologia” (71,8%) aparece como a segunda temática mais relevante, refletindo o interesse em promover a pesquisa científica, a inovação e a colaboração tecnológica transnacional. Este dado é particularmente estratégico para o desenvolvimento de ações no âmbito da KriaCiência, serviço vinculado à produção e difusão de conhecimento.

3. As áreas de “Artes, Cultura e Esportes” (56,4%) e “Economia, Gestão e Negócios” (56,4%) dividem o terceiro lugar, sinalizando o desejo por uma abordagem holística e multidisciplinar, que valorize tanto a produção cultural e o intercâmbio artístico quanto o empreendedorismo, o desenvolvimento econômico e a gestão eficiente.

4. A presença de “Meio Ambiente e Sustentabilidade” (53,6%) e “Políticas Públicas” (52,7%) confirma a preocupação dos usuários com as questões sociais e ambientais, reforçando a necessidade de abordar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) por meio das ações promovidas na plataforma.

5. Embora com percentual menor, “Saúde e Bem-estar” (47,3%) e “Turismo e Hospitalidade” (41,8%) ainda são áreas relevantes, especialmente considerando o potencial de colaboração em saúde pública e a valorização do patrimônio e da hospitalidade nos países lusófonos, muitos dos quais têm no turismo uma atividade econômica estratégica.

A categoria “Outro (especificar)” foi marcada por apenas 0,9% dos respondentes, o que indica que as opções listadas já contemplam, de forma abrangente, os principais interesses do público.

A análise desses dados reforça que a plataforma deverá atuar de forma interdisciplinar, com ênfase na formação educacional, na inovação científica e tecnológica, e na valorização cultural e social das nações lusófonas. Ao mesmo tempo, aponta para a necessidade de modular os conteúdos e serviços da plataforma de modo a atender diferentes perfis de usuários como estudantes, docentes, pesquisadores, gestores e profissionais.

Essas temáticas serão fundamentais para a construção dos eixos estruturantes de conteúdo da InterKria, fortalecendo o compromisso da iniciativa com a cidadania.

nia global, a equidade no acesso ao conhecimento e a construção colaborativa de soluções para desafios compartilhados.

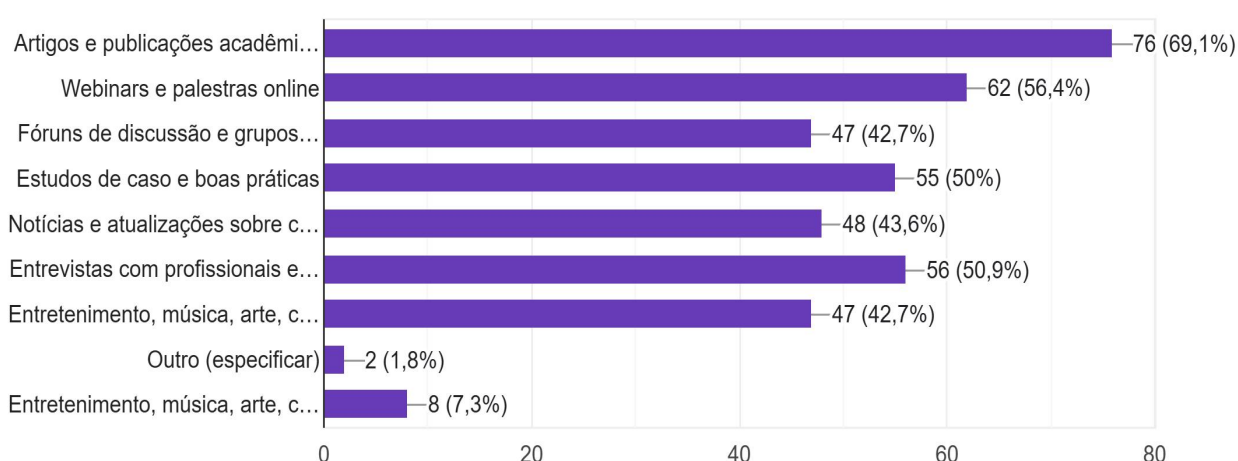
A construção de plataformas que favorecem a cidadania global depende da integração multidisciplinar dos saberes e práticas, ponto enfatizado por Altbach e Knight (2020), que ressaltam a importância de ampliar o acesso equitativo ao conhecimento e fomentar a colaboração internacional para enfrentar desafios compartilhados.

Questão 7 – Tipos de Conteúdos Preferidos pelos Usuários

A sétima questão do questionário buscou identificar quais tipos de conteúdos os potenciais usuários mais consumiriam na plataforma. Trata-se de um ponto estratégico para orientar a construção do plano editorial da InterKria, direcionando tanto a curadoria quanto a produção de conteúdos futuros. Por se tratar de uma pergunta de múltipla escolha, os respondentes puderam selecionar diversas opções simultaneamente conforme demonstra o gráfico abaixo:

8. Quais tipos de conteúdos você mais consumiria na plataforma?

110 respostas



As respostas dos participantes da pesquisa evidenciaram os seguintes conteúdos de interesse:

1. Artigos e publicações acadêmicas (69,1%) foram os mais citados, o que revela o forte interesse dos respondentes por conteúdos com rigor científico, análise crítica e valor intelectual, especialmente por parte de estudantes, pesquisadores e

docentes, grupo majoritário entre os participantes da pesquisa. Este dado valida diretamente a proposta do serviço KriaCiência, voltado à produção, intercâmbio e divulgação científica.

2. Em segundo lugar, webinars e palestras online (56,4%) aparecem como formatos de grande atratividade, demonstrando a preferência por conteúdos síncronos e interativos, que permitam diálogo com especialistas e aprendizagem em tempo real. Essa escolha reforça o valor de ferramentas de capacitação e eventos acadêmicos virtuais dentro da plataforma, além de destacar a importância do investimento em uma infraestrutura tecnológica estável e acessível.

3. O alto índice de interesse em entrevistas com profissionais e acadêmicos (50,9%) e estudos de caso e boas práticas (50%) reforça a relevância de conteúdos aplicados, com exemplos concretos, trajetórias inspiradoras e experiências compartilhadas, que contribuam para a formação prática e o fortalecimento das soft skills. Isso conecta diretamente com iniciativas como o Kriacast, que se propõe a ser um espaço para a troca de vivências e perspectivas entre diferentes atores do mundo lusófono.

4. A busca por conteúdos culturais e de entretenimento (50%) revela uma visão mais ampla dos usuários sobre internacionalização, que não se restringe ao aspecto acadêmico, mas também considera a vivência simbólica e a identidade cultural compartilhada entre os países de língua portuguesa. Isso legitima e valoriza iniciativas como Kriasom e Rango de Kria, voltadas à promoção da música, gastronomia e expressões culturais.

5. Fóruns de discussão e grupos de interesse (42,7%) também apresentam uma presença significativa, indicando a demanda por ambientes colaborativos e dialógicos, onde os usuários possam interagir, construir redes e debater temas de interesse comum. Rogers (2003) ressalta que ambientes colaborativos e dialógicos são determinantes para a construção e disseminação de inovações, favorecendo o engajamento coletivo e a troca de conhecimentos.

Essa funcionalidade será essencial para fomentar uma comunidade ativa e conectada dentro da plataforma.

6. Notícias e atualizações sobre cada país lusófono (43,6%) também aparecem como um desejo relevante dos usuários, sugerindo que a plataforma pode exercer um papel informativo e de integração regional, com seções específicas para manter o público atualizado sobre os acontecimentos acadêmicos, culturais, econô-

micos e sociais dos países membros.

Por fim, a opção "Outro" foi marcada por apenas 1,8% dos respondentes, o que demonstra que as alternativas oferecidas na pesquisa conseguiram contemplar amplamente os interesses do público.

A diversidade de respostas nesta questão indica que os usuários desejam uma plataforma multifuncional, que combine conteúdos técnicos, científicos, informativos e culturais. Esse resultado embasa a estruturação de um plano editorial dinâmico e transversal, que contemple desde a divulgação acadêmica até as expressões culturais e artísticas que permeiam a identidade dos países lusófonos.

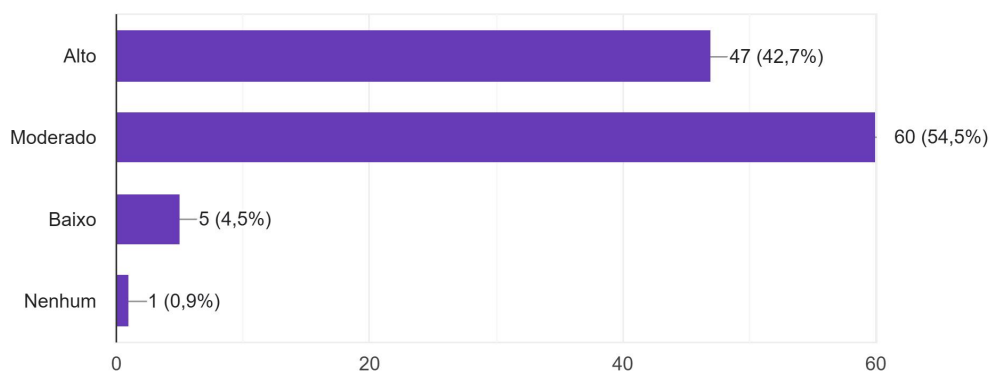
Essas preferências evidenciam a necessidade de uma curadoria de conteúdos qualificada, de modo a garantir qualidade, atualidade e representatividade nas produções. Além disso, aponta para a importância da multimodalidade e acessibilidade dos formatos entre textos, vídeos, podcasts, lives visando atender diferentes perfis e níveis de conectividade dos usuários espalhados por realidades diversas.

Questão 8 – Nível de Interesse em Eventos Virtuais Promovidos pela Plataforma

Esta pergunta buscou avaliar o nível de interesse dos usuários em participar de eventos virtuais organizados pela plataforma, tais como webinars, congressos online, painéis temáticos, workshops e demais atividades em ambiente digital. A distribuição das respostas foi a seguinte:

9. Qual é o seu nível de interesse em eventos virtuais promovidos pela plataforma?

110 respostas



Quanto ao nível de interesse em uma plataforma digital, os respondentes demonstraram um número consideravelmente elevado conforme os dados a seguir:

1. A grande maioria dos respondentes (97,2%) demonstrou interesse positivo (moderado ou alto) em participar de eventos virtuais promovidos pela plataforma. Esse dado é um forte indicativo da aceitabilidade e viabilidade de estratégias de engajamento online como parte central da proposta da InterKria. Altbach e Knight (2020) ressaltam que a adoção de eventos virtuais é uma tendência consolidada na internacionalização da educação superior, especialmente pela sua capacidade de ampliar o acesso, reduzir custos e promover interação entre públicos diversos, favorecendo a democratização do conhecimento.

2. O destaque para o nível moderado (54,5%) sugere que há um público amplamente favorável à participação em eventos virtuais, mas que a frequência, a qualidade dos temas e a facilidade de acesso serão determinantes para uma adesão mais efetiva. Ou seja, trata-se de um interesse que pode ser ampliado com uma curadoria atrativa de temas, convidados relevantes e formatos interativos.

3. Já os 42,7% que marcaram alto interesse demonstram um público altamente engajado e potencialmente ativo nas dinâmicas ao vivo da plataforma. Rogers (2003) aponta que os usuários mais ativos e engajados são essenciais para dinamizar a comunidade, atuar como multiplicadores e fomentar o crescimento orgânico da rede social e acadêmica, sobretudo em estágios iniciais de implantação de plataformas.

Este segmento será essencial para alavancar os primeiros ciclos de engajamento e poderá inclusive ser mobilizado como multiplicador em eventos (por meio de indicações, convites, divulgação, etc.).

4. O índice mínimo de desinteresse, com apenas 0,9% declarando “nenhum interesse” e 4,5% com “baixo interesse”, revela que eventos virtuais são percebidos como ferramentas relevantes, mesmo por aqueles que não fazem parte da academia formalmente. Isso reforça o papel inclusivo e transversal da proposta.

A forte inclinação ao engajamento em eventos virtuais sugere que a plataforma deve investir em programações periódicas com temáticas diversificadas, desde painéis acadêmicos até rodas de conversa culturais, oficinas de capacitação e fóruns profissionais.

Além disso, essa aceitação fortalece e justifica iniciativas como:

- O Kriacast, com transmissões ao vivo e gravações de entrevistas com especialistas, webinars científicos promovidos dentro do ambiente do KriaCiência.
- Eventos de intercâmbio cultural como os planejados dentro do Kriasom e Rango

de Kria.

- Rodadas de negócios e encontros com profissionais de RH no EmpregaKria.
- Sessões abertas de mentoria, formação e networking promovidas em parceria com as instituições da comunidade lusófona.

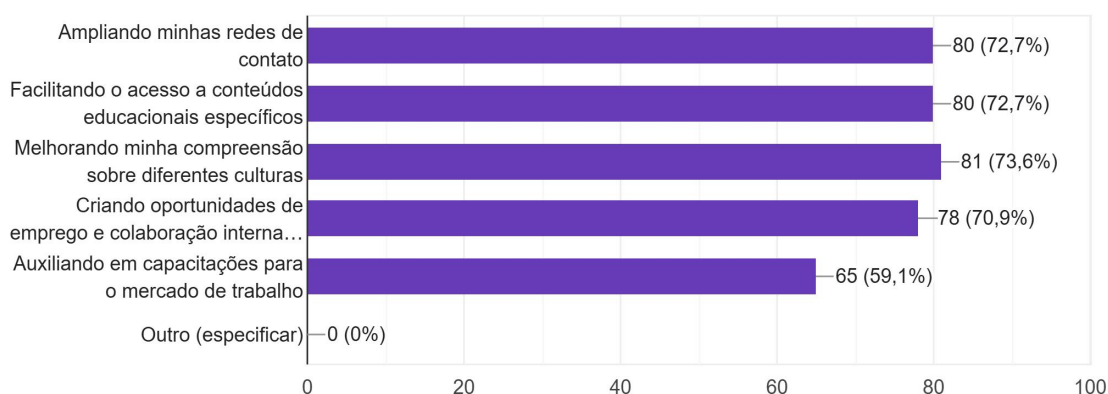
A partir desses dados, fica evidente que os eventos virtuais devem ocupar papel central na estratégia de aproximação, formação e engajamento da comunidade usuária da InterKria. Essa funcionalidade se configura não apenas como um diferencial, mas como uma demanda concreta dos potenciais usuários da plataforma.

Questão 9 – Percepções sobre o Potencial de Desenvolvimento Pessoal e Profissional da Plataforma

Essa questão procurou mapear as expectativas dos respondentes quanto ao impacto direto da plataforma em suas trajetórias pessoais e profissionais, especialmente no que diz respeito ao crescimento intelectual, à inserção no mercado de trabalho e à ampliação da visão de mundo. Os resultados foram os seguintes:

10. De que forma você acredita que esta plataforma poderia facilitar o desenvolvimento pessoal e profissional? (marque todas as opções que se aplicam)

110 respostas



O destaque da opção “Melhorando minha compreensão sobre diferentes culturas” (73,6%) reafirma o interesse em experiências interculturais como diferencial competitivo e enriquecedor da formação global. Knight (2015) argumenta que a formação intercultural constitui um dos principais fundamentos para a construção de cidadãos globais, capazes de atuar de maneira ética e eficaz em ambientes multiculturais, sendo imperativo que plataformas de internacionalização promovam essa di-

menção.

Isso reforça o alinhamento da proposta da plataforma com a formação de cidadãos globais, conforme discutido nos capítulos anteriores e nos objetivos da pesquisa.

As opções “Ampliando minhas redes de contato” e “Facilitando o acesso a conteúdos educacionais específicos”, ambas com 72,7%, confirmam a relevância da plataforma como ponte para conexões significativas e como fonte de conhecimento qualificado. Esses dados evidenciam que os usuários esperam que a InterKria atue não só como ambiente de informação, mas também como espaço estratégico para fortalecimento de vínculos acadêmicos e profissionais.

A criação de oportunidades de emprego e colaboração internacional (70,9%) surge como um aspecto central, indicando que os usuários enxergam o ambiente da plataforma como um possível ecossistema de empregabilidade, inovação e empreendedorismo transnacional. Isso valida a proposta de serviços como o EmpregaKria e os espaços dedicados à divulgação de vagas e cooperação profissional.

Por fim, 59,1% dos respondentes reconheceram o potencial da plataforma para auxiliar na capacitação para o mercado de trabalho. Embora tenha obtido o menor percentual, trata-se ainda de uma maioria expressiva, que justifica o investimento em recursos de capacitação, oficinas virtuais e ações voltadas ao desenvolvimento de soft skills e habilidades interculturais. Morosini (2018) enfatiza a importância do desenvolvimento de habilidades interculturais e competências sociais, as chamadas soft skills, como requisitos indispensáveis para a formação profissional em contextos internacionais.

Os resultados revelam que o público não apenas valoriza a internacionalização como um objetivo em si, mas a compreende como ferramenta para o crescimento individual, acesso ao conhecimento, empregabilidade e desenvolvimento de habilidades globais. A plataforma, portanto, deve manter como pilares centrais:

A formação intercultural (ex.: Kriacast, Kriasom, Rango de Kria); A ampliação de redes de cooperação acadêmica (ex.: InterKria e KriaCiência); A criação de oportunidades de trabalho e projetos colaborativos (ex.: EmpregaKria, divulgação de editais e bolsas, parcerias com empresas); A oferta de capacitações e cursos voltados ao desenvolvimento profissional (ex.: trilhas formativas, mentoria, oficinas online).

Para Stallivieri (2017), a internacionalização responsável deve buscar a ampliação do acesso e a inclusão social, garantindo que as oportunidades sejam distribuí-

das de forma equitativa, promovendo impactos reais e positivos.

Esses dados reafirmam a vocação da plataforma como um instrumento potente para democratizar o acesso à internacionalização, promover inclusão e gerar impactos concretos na vida dos usuários.

Questão 10 - Quais sugestões ou ideias adicionais você gostaria de compartilhar sobre a plataforma e suas funcionalidades?

Além das perguntas de múltipla escolha incluídas no questionário aplicado durante a fase exploratória da pesquisa, foi inserida uma questão aberta com o objetivo de captar percepções espontâneas, sugestões de funcionalidades e temas que os participantes considerassem relevantes para a construção da plataforma. As respostas evidenciaram uma forte expectativa quanto ao caráter integrador e formativo da proposta, reforçando a importância de conceber um ambiente digital dinâmico, colaborativo e sensível às demandas reais da comunidade lusófona.

Diversas contribuições destacaram a importância de promover atividades síncronas e assíncronas, como palestras on-line e presenciais com convidados renomados, especialistas e professores de diferentes países, bem como fóruns interativos temáticos que estimulem a troca de experiências entre estudantes e instituições. Essas sugestões reiteram a relevância do intercâmbio de saberes como um dos pilares da internacionalização.

Outras respostas salientaram a necessidade de criar espaços para divulgação de oportunidades acadêmicas e profissionais, tais como vagas de pesquisa nas instituições de ensino superior (IES), editais de bolsas de estudo para mestrado e doutorado, convites para congressos, workshops e programas de intercâmbio.

É ressaltado por Altbach e Knight (2020) que um ecossistema de internacionalização robusto deve integrar instrumentos que facilitem tanto o acesso a oportunidades quanto a produção e difusão científica, fortalecendo redes de cooperação.

Também foi sugerida a disponibilização de funcionalidades voltadas à produção e circulação de conhecimento, como ferramentas para desenvolvimento de projetos científicos colaborativos, publicação de artigos, parcerias entre universidades e espaço aberto para produtores de conteúdo acadêmico-cultural divulgarem seus trabalhos.

Um ponto sensível identificado nas respostas foi a carência de informações

confiáveis e acessíveis sobre aspectos jurídicos e burocráticos da mobilidade internacional, especialmente no que diz respeito a vistos, validação de documentos e processos migratórios entre os países lusófonos. Diante disso, foi proposta a criação de uma área de orientação jurídica, com conteúdos explicativos e apoio especializado.

Outro aspecto recorrente foi a importância de se pensar na estruturação de programas de mentoria e capacitação, conectando profissionais experientes a estudantes em início de carreira, além da organização de eventos virtuais, como rodadas de negócios, feiras acadêmicas e painéis com dados econômicos e sociais atualizados que favoreçam a compreensão das realidades locais.

Algumas contribuições merecem destaque pela profundidade e alinhamento com os objetivos do projeto. Uma delas sugere:

“INTERKRIA, na minha opinião, pode se tornar uma plataforma poderosa para a internacionalização de indivíduos e instituições dentro dos países lusófonos, fortalecendo redes de colaboração acadêmica, profissional e cultural. Ao focar em conexões reais, conteúdo relevante e facilitação de oportunidades, vocês podem criar uma comunidade global conectada e capaz de transformar os desafios da internacionalização em grandes oportunidades.”

Em resumo, a análise qualitativa das respostas reforça o potencial transformador da proposta. As sugestões apontam para a construção de uma plataforma multifuncional, que vá além da promoção da mobilidade, atuando como um verdadeiro ecossistema de oportunidades voltado à formação integral, à cooperação científica e à valorização das culturas e identidades que compõem o universo lusófono.

7.2 ANÁLISE HOLÍSTICA DO QUESTIONÁRIO

Com base na análise integrada dos dados obtidos por meio do questionário aplicado entre dezembro de 2024 e junho de 2025, é possível traçar uma síntese robusta e estratégica do perfil dos respondentes, de suas percepções, interesses e expectativas em relação à proposta da plataforma de internacionalização entre os países lusófonos. Essa visão panorâmica dos resultados reforça tanto a viabilidade quanto a pertinência social, educacional e cultural da iniciativa, demonstrando coe-

rência com os pressupostos teóricos e os objetivos traçados nesta pesquisa.

Em primeiro lugar, a expressiva predominância de respondentes brasileiros (90,9%), seguida por angolanos (8,2%) e portugueses (0,9%), revela o potencial de engajamento inicial a partir do Brasil, mas também evidencia a necessidade estratégica de ampliação da divulgação e do diálogo com outros países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

É destacado por Knight (2004) que o engajamento inicial em processos de internacionalização tende a refletir vínculos regionais e culturais mais próximos, mas que a expansão gradual demanda estratégias deliberadas para incluir comunidades mais distantes e diversas.

A concentração geográfica atual não compromete o potencial da proposta, mas aponta para a importância de futuras ações direcionadas à inclusão e participação ativa de outras nações lusófonas, o que poderá ser facilitado por meio de parcerias institucionais, ações culturais e cooperação bilateral.

No que se refere ao perfil etário dos participantes, destaca-se a presença significativa de indivíduos entre 26 e 55 anos, correspondendo a mais de 70% da amostra. Tal dado indica que a proposta não se limita a um público jovem-estudantil, mas desperta interesse em faixas etárias diversas, que englobam estudantes, docentes, pesquisadores e profissionais em plena atividade. Essa pluralidade etária é um indicativo valioso do caráter intergeracional e transversal da proposta, fortalecendo o objetivo de criar uma comunidade que promova trocas enriquecedoras entre diferentes gerações e níveis de experiência.

A análise do perfil profissional dos respondentes revela uma composição equilibrada, com destaque para profissionais da área acadêmica (30%), professores (28,2%) e estudantes (24,5%), além de profissionais de outras áreas (17,3%). Isso confirma que a proposta da plataforma desperta interesse não apenas no âmbito universitário, mas também no campo profissional e no universo da educação básica e técnica. Tal diversidade sustenta a ideia de que a internacionalização pode ser vivida e experienciada em diferentes momentos da trajetória formativa e laboral, exigindo, portanto, funcionalidades variadas e flexíveis.

O alto grau de interesse na proposta da plataforma é, sem dúvida, um dos dados mais encorajadores da pesquisa: 57,3% dos participantes declararam-se “muito interessados” e 37,3% “moderadamente interessados”, enquanto nenhum participante afirmou não estar interessado. Este dado sinaliza não apenas a aceitação da

ideia, mas também a demanda latente por um espaço de cooperação internacional entre países de língua portuguesa, o que legitima a continuidade do projeto.

No tocante às funcionalidades esperadas da plataforma, as respostas destacam uma clara valorização de espaços voltados à formação, colaboração, intercâmbio e empregabilidade. As funcionalidades mais mencionadas incluem cursos e intercâmbios virtuais (82,75%), troca de experiências acadêmicas e profissionais (81,85%) e recursos de capacitação (67,35%), seguidas por produção científica (65,5%), informações sobre empregos (63,65%) e espaço para networking (62,75%). Esse conjunto de respostas delineia com clareza uma expectativa por uma plataforma multifuncional, dinâmica e com forte foco em aprendizagem, desenvolvimento e conexão entre pares.

As áreas temáticas de maior interesse também confirmam a natureza abrangente da proposta: educação e formação de professores (77,3%), ciência e tecnologia (71,8%), artes, cultura e esportes (56,4%) e economia e gestão (56,4%) aparecem como as mais citadas. Esses dados apontam para uma plataforma interdisciplinar, que precisa responder tanto às demandas da formação acadêmico-científica quanto aos aspectos culturais, sociais e econômicos que atravessam a realidade dos países lusófonos. Stallivieri (2017) reforça que abordagens multidisciplinares são imperativas para soluções efetivas, especialmente quando envolvem contextos culturais diversos e complexos como é o caso dos países lusófonos.

No que diz respeito aos tipos de conteúdos preferidos, a predominância de artigos e publicações acadêmicas (69,1%) demonstra o compromisso dos respondentes com a formação teórica e científica. Contudo, é significativo que conteúdos como entrevistas, cultura e entretenimento, estudos de caso e fóruns de discussão também tenham sido altamente valorizados, o que reforça a necessidade de abordagens híbridas e formatos variados, respeitando diferentes estilos de aprendizagem e interesses do público.

A participação em eventos virtuais surge como uma oportunidade real: 97,2% dos respondentes apresentaram alto ou moderado interesse, reforçando que webinars, conferências, painéis e oficinas online podem ser canais eficazes de engajamento e fortalecimento da comunidade.

Por fim, as percepções sobre como a plataforma pode contribuir com o desenvolvimento pessoal e profissional são extremamente alinhadas com os pilares da proposta: os maiores percentuais se referem à melhoria na compreensão intercultu-

ral (73,6%), ampliação de redes de contato (72,7%) e acesso a conteúdos educacionais (72,7%). Tais dados indicam que a plataforma é percebida como espaço de formação integral, apta a promover competências globais, inclusão, empregabilidade e inovação conforme apontado por Knight (2015) ao sugerir que a internacionalização deve ser vinculada ao crescimento integral dos indivíduos, contemplando competências interculturais, empregabilidade e ampliação da visão global.

Em síntese, a análise global dos resultados do questionário revela consistência e coerência entre a proposta da plataforma e os anseios do público-alvo. Os dados ratificam a relevância da iniciativa e oferecem uma base sólida para a definição das funcionalidades, das estratégias de engajamento e das parcerias institucionais necessárias. Trata-se, portanto, de um projeto com potencial real de impacto, sustentado por evidências empíricas e orientado pelas demandas atuais da internacionalização solidária, inclusiva e tecnicamente viável no espaço lusófono.

Com base nas contribuições dos participantes e nas lacunas identificadas ao longo da pesquisa, foi possível delinear um conjunto de funcionalidades estratégicas que respondem diretamente às demandas levantadas. Essas funcionalidades foram pensadas para materializar os princípios orientadores da plataforma — colaboração, inclusão, democratização do conhecimento e valorização da interculturalidade — e foram organizadas em serviços específicos, cada um com propósitos definidos e alinhados aos objetivos da internacionalização da educação superior nos países de língua portuguesa.

Concluída esta etapa de discussão dos resultados, evidenciam-se as múltiplas possibilidades e desafios associados à internacionalização colaborativa e digital no contexto lusófono. Os dados analisados não apenas reafirmam a pertinência da proposta, mas também sinalizam caminhos futuros para sua consolidação e expansão. No capítulo seguinte, sintetizo as principais funcionalidades propostas a partir da análise do questionário com destaque para suas finalidades, públicos-alvo e potenciais impactos.

7.3 APRESENTAÇÃO DAS FUNCIONALIDADES DA PLATAFORMA NO ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO

A construção das funcionalidades da plataforma digital proposta neste projeto foi guiada por um processo metodológico fundamentado tanto em dados empíricos

quanto na reflexão crítica e criativa do autor. O levantamento realizado por meio de questionário aplicado junto a estudantes, professores, pesquisadores e profissionais de diferentes áreas permitiu identificar interesses, necessidades e expectativas concretas dos potenciais usuários da plataforma, oriundos de países que compartilham a língua portuguesa. Esses dados forneceram subsídios valiosos para o desenho de funcionalidades que atendam a demandas reais, como a busca por colaboração acadêmica, capacitação profissional, intercâmbio cultural e integração regional.

Paralelamente, foram incorporadas ideias originais que, embora não necessariamente indicadas de maneira explícita nas respostas coletadas, emergiram como desdobramentos possíveis e coerentes com os objetivos de internacionalização solidária, desenvolvimento sustentável e inovação educacional que norteiam esta proposta. Assim, as funcionalidades apresentadas a seguir foram organizadas a partir de quatro eixos estruturantes — **Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão** — os quais dialogam diretamente com os pilares das instituições de ensino superior e com os princípios da cooperação multilateral entre os países lusófonos.

Além disso, as funcionalidades foram alocadas dentro de programas temáticos integradores, como *KriaCiência*, *InterKria*, *Rango de Kria*, entre outros, cada qual com uma identidade própria e papel estratégico no ecossistema da plataforma.

Essa estrutura modular e programática garante não apenas a coerência funcional do ambiente digital, mas também flexibilidade para expansões futuras, adaptabilidade a diferentes contextos e oportunidades de articulação com parceiros institucionais e comunitários.

A seguir, apresenta-se uma tabela sistematizadora das funcionalidades da plataforma, indicando suas respectivas descrições e os programas nos quais estão inseridas. Essa organização permitirá uma visão abrangente, clara e operativa do conjunto de ações propostas, evidenciando seu alinhamento com as diretrizes educacionais contemporâneas e com os anseios manifestados pela comunidade lusófona participante da pesquisa.

Além das funcionalidades, serão descritas as principais ferramentas clássicas de gestão que embasaram o desenvolvimento da proposta, como o *brainstorming*, *Business Model Canvas*, matriz 5W2H e análise SWOT.

Tabela 23: Funcionalidades da Plataforma e suas respectivas áreas

Funcionalidade da Plataforma	Programa Temático Vinculado	Eixo Temático
Criação e compartilhamento de artigos acadêmicos e científicos	KriaCiência	Produção de conhecimento
Organização de fóruns temáticos e grupos de pesquisa	KriaCiência	Integração científica e redes colaborativas
Publicação de estudos de caso e boas práticas	KriaCiência	Divulgação de soluções inovadoras
Oferta de cursos livres e trilhas de aprendizagem	KriaCiência	Formação continuada e capacitação
Realização de COILs (Collaborative Online International Learning)	KriaCiência	Internacionalização da educação
Divulgação de oportunidades de bolsas, editais e chamadas científicas	KriaCiência	Acesso à ciência e à pesquisa
Plataforma para intercâmbio virtual entre estudantes e professores	InterKria	Mobilidade acadêmica e cultural
Realização de eventos multiculturais online	InterKria	Integração sociocultural
Calendário colaborativo de datas culturais e científicas dos países lusófonos	InterKria	Intercâmbio de saberes e práticas
Desenvolvimento de espaços de conversação e prática de idiomas	InterKria	Formação linguística e trocas culturais
Realização de palestras, webinars e lives com convidados lusófonos	InterKria	Diálogo intercultural e conhecimento aplicado
Criação de vitrine para divulgação de empreendimentos gastronômicos	Rango de Kria	Empreendedorismo e cultura alimentar
Compartilhamento de receitas, histórias e técnicas culinárias tradicionais	Rango de Kria	Valorização da memória e cultura alimentar
Promoção de desafios e festivais gastronômicos virtuais	Rango de Kria	Engajamento cultural e culinário
Publicação de playlists colaborativas com músicas dos países lusófonos	Kriasom	Intercâmbio artístico-cultural
Divulgação de artistas independentes e suas obras musicais	Kriasom	Fomento à produção musical
Realização de podcasts com entrevistas e debates sobre temas diversos	KriaCast	Comunicação, reflexão crítica e voz plural
Curadoria de conteúdos culturais: filmes, livros, esportes e arte	KriaCast	Circulação de referências culturais

Funcionalidade da Plataforma	Programa Temático Vinculado	Eixo Temático
Espaço para divulgação de vagas de emprego e estágio nos países lusófonos	EmpregaKria	Inserção no mercado de trabalho
Promoção de oficinas de preparação para o mercado (currículo, entrevista, soft skills)	EmpregaKria	Desenvolvimento profissional
Criação de rede de mentores e mentoras por área de atuação	EmpregaKria	Acompanhamento e orientação de carreira
Organização de feiras de recrutamento e empregabilidade online	EmpregaKria	Conexão com oportunidades concretas
Sistema de perfil acadêmico e profissional personalizado	Todas	Personalização da experiência do usuário
Agenda interativa com notificações sobre eventos, cursos e prazos	Todas	Gestão do tempo e engajamento contínuo
Sistema de recomendação de conteúdos com base nos interesses do usuário	Todas	Inteligência de navegação e usabilidade
Espaço de comentários, curtidas e interações em publicações	Todas	Dinamização da participação social
Painel analítico de dados sobre participação e interesses	Todas	Monitoramento e avaliação da plataforma

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa (2025)

A tabela de funcionalidades apresentada evidencia uma proposta de plataforma multieixo, orientada por uma perspectiva integradora que articula ações de caráter educativo, cultural, científico, tecnológico e social. Essa arquitetura funcional não é aleatória, mas sim construída com base na escuta ativa das demandas do público-alvo da iniciativa, conforme revelado pelos dados do questionário aplicado, e também pela curadoria estratégica do projeto.

Observa-se uma forte convergência entre as funcionalidades educacionais e de formação (como COILs, capacitações online, intercâmbios virtuais, cursos de curta duração, vídeos e aulas gravadas, entre outros) com os programas *KriaCiência* e a própria plataforma de internacionalização a *InterKria*. Essa ênfase é coerente com os dados coletados, que indicam um alto interesse por conteúdos acadêmicos (69,1%) e eventos virtuais (97,2% entre “alto” e “moderado”), além de uma percepção muito positiva da plataforma como instrumento de desenvolvimento pessoal e profissional (com destaque para a ampliação de redes, acesso a conteúdos específicos e capacitações para o mercado de trabalho, todos acima de 70%).

No eixo da interculturalidade e internacionalização, a própria plataforma In-

terKria e o programa Rango de Kria ganham relevância ao incorporar funcionalidades que promovem a compreensão e o diálogo entre culturas lusófonas, como as rodas de conversa, fóruns de interesse, intercâmbios virtuais e a própria curadoria de conteúdos culturais, artísticos e gastronômicos. A presença desses elementos endossa a leitura de que os participantes valorizam não apenas a formação técnica, mas também a aproximação entre os países da lusofonia por meio de práticas culturais compartilhadas.

A presença de ações voltadas ao empreendedorismo e mercado de trabalho também é visível e responde diretamente às aspirações dos usuários por inserção profissional, como evidenciado nas respostas sobre oportunidades de emprego e capacitação (70,9% e 59,1%, respectivamente). Programas como EmpregaKria e Kria-Ciência contemplam esse eixo com funcionalidades como banco de talentos, mentorias, incubadoras de ideias, entrevistas com profissionais e espaço para divulgação de iniciativas locais.

Do ponto de vista comunicacional e de engajamento, os programas KriaCast e Kriasom desempenham papel-chave na estratégia da plataforma. Eles ampliam os canais de comunicação por meio de podcasts e produções audiovisuais, democratizando o acesso à informação e valorizando as vozes locais. A associação dessas ferramentas com entrevistas, playlists colaborativas, temas identitários e artísticos evidencia a intencionalidade de tornar a plataforma viva, interativa e sensível à diversidade dos territórios da lusofonia.

Por fim, vale destacar que o processo de alinhamento entre funcionalidades e programas demonstra grande coesão conceitual. Mesmo aquelas funcionalidades que, a princípio, não apresentavam encaixe direto, foram inteligentemente atribuídas a programas já existentes ou deram base para o fortalecimento de eixos menos evidentes garantindo que todos os programas propostos estejam representados de forma concreta e estratégica. Esse alinhamento é fundamental para evitar sobreposições, lacunas e para assegurar uma entrega efetiva de valor aos usuários da plataforma.

Dessa forma, a análise interpretativa da tabela de funcionalidades evidencia que a plataforma proposta não se limita a uma estrutura de navegação ou repositório de conteúdos, mas se apresenta como um verdadeiro ecossistema digital integrado, vivo e responsivo. A coerência entre os programas temáticos e as funcionalidades atribuídas a cada um deles não apenas garante a operacionalização prática da pro-

posta, como também fortalece sua intencionalidade política, pedagógica e cultural.

Ao alinhar escuta ativa, inovação social e valorização das culturas lusófonas, a plataforma se consolida como um dispositivo potente de articulação entre pessoas, conhecimento, pertencimento e transformação.

Após a apresentação da Tabela 23, que evidenciou o alinhamento entre as funcionalidades previstas e os programas temáticos da plataforma, faz-se necessário aprofundar a análise com uma leitura mais descritiva e estratégica. A seguir, a Tabela 24 detalha individualmente cada ação da plataforma, trazendo sua descrição, o objetivo a ser alcançado e de que maneira a plataforma se organizará para sua execução. Essa abordagem qualitativa permite compreender não apenas o que será feito, mas por que e como cada funcionalidade foi pensada, articulando o propósito pedagógico e o impacto pretendido nas trajetórias pessoais e profissionais dos usuários da plataforma.

Tabela 24: Descrição, Objetivos e Ações da Plataforma

Ação Desenvolvida	Descrição	Objetivo	Ação da Plataforma
Rodas de Conversa Interculturais	Encontros virtuais entre participantes de diferentes países lusófonos para debate de temas contemporâneos e culturais.	Promover o diálogo intercultural, empatia e o reconhecimento da diversidade.	Disponibiliza calendário de eventos, salas virtuais e mediação facilitada.
Palestras Interativas	Sessões online com especialistas convidados sobre temas relevantes para os participantes.	Ampliar repertório dos participantes e inspirar trajetórias pessoais e profissionais.	Agenda de eventos, inscrição prévia e transmissão em tempo real com interação.
Trilhas Formativas	Conjuntos de conteúdos educativos organizados por temática, com certificação.	Promover a formação autônoma, continuada e validada.	Plataforma com acesso a trilhas, controle de progresso, quizzes e emissão de certificados.
Mapeamento de Iniciativas	Banco de dados com projetos, coletivos e ações desenvolvidas por participantes.	Valorizar e dar visibilidade às iniciativas locais e estimular redes de colaboração.	Espaço de cadastro e visualização de iniciativas georreferenciadas.
Agenda Cultural Colaborativa	Calendário coletivo com eventos, festivais, oficinas e manifestações culturais dos países lusófonos.	Facilitar o acesso e o compartilhamento de oportunidades culturais.	Ferramenta interativa para sugestão, edição e consulta de eventos.
Mural de Oportunidades	Sessão com divulgação de editais, bolsas, cursos, estágios e vagas de emprego voltadas para membros.	Apoiar a inserção produtiva e o desenvolvimento profissional.	Espaço atualizado com filtro por país, área e tipo de oportunidade.

Ação Desenvolvida	Descrição	Objetivo	Ação da Plataforma
Rede Social Interna	Ambiente digital para conexão entre os participantes, troca de mensagens e participação em grupos temáticos.	Estimular o pertencimento e a interação entre os membros da comunidade.	Perfil personalizado, páginas de grupos e timeline de postagens.
Programa de Mentoria	Conecta jovens estudantes a profissionais e pesquisadores experientes em diversas áreas de interesse.	Promover o apadrinhamento e o compartilhamento de experiências.	Mecanismo de match, agendamento de encontros e acompanhamento das mentorias.
COILs (Collaborative Online International Learning)	Projetos de aprendizagem colaborativa entre turmas de países diferentes, com acompanhamento docente.	Desenvolver habilidades globais, colaborativas e comunicacionais.	Plataforma de projetos COIL com espaço para interação, entrega de tarefas e feedback.
Intercâmbio Virtual	Parcerias com instituições educacionais para realização de intercâmbios virtuais de curta duração.	Estimular o contato com outros sistemas educacionais e experiências culturais.	Sessões virtuais, trilhas culturais e acompanhamento institucional.
Podcast Educativo (KriaCast)	Produção de episódios com temas diversos de interesse da comunidade.	Facilitar o acesso ao conhecimento de forma leve e acessível.	Repositório de episódios com opção de download e interação com ouvintes.
Festival de Talentos (Kriasom)	Espaço para divulgação de expressões artísticas como música, poesia, teatro e dança dos membros da comunidade.	Valorizar a expressão artística como dimensão do protagonismo.	Sessão de vídeos enviados, votações populares e destaques mensais.
Laboratório de Culinárias (Rango de Kria)	Compartilhamento de receitas, histórias e saberes culinários entre os países da CPLP.	Reforçar identidade cultural, memória e afeto através da gastronomia.	Espaço interativo com envio de receitas, vídeos e interação entre participantes.

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa (2025)

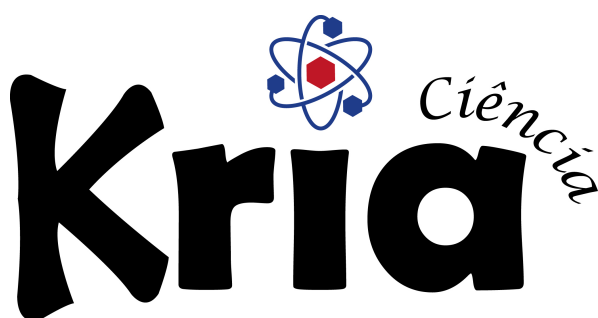
Após a apresentação das tabelas e detalhamento das funcionalidades, cabe detalhar na sequência os programas que comporão que a plataforma:



InterKria – Plataforma de Internacionalização Acadêmica

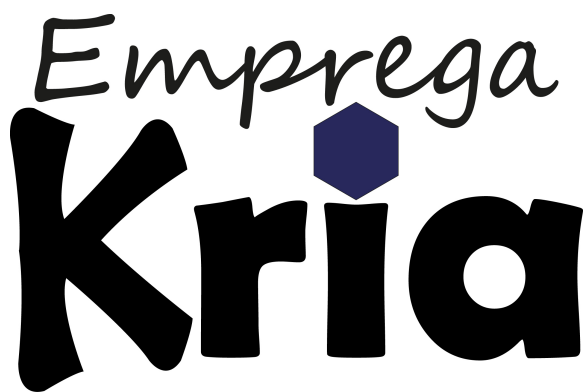
A InterKria configura-se como uma comunidade digital dedicada à promoção da internacionalização da educação superior entre os países de língua portuguesa.

Sua proposta é criar um ambiente colaborativo que favoreça a mobilidade acadêmica virtual, o desenvolvimento de competências interculturais e o aprimoramento de habilidades socioemocionais (soft skills). Por meio de fóruns de interação, projetos colaborativos e ações formativas, a plataforma busca fortalecer o engajamento acadêmico transnacional e fomentar a construção de uma consciência cidadã global entre estudantes, professores e instituições parceiras.



KriaCiência – Rede de Produção e Cooperação Científica

A KriaCiência propõe-se a fomentar o desenvolvimento de conhecimentos científicos por meio da cooperação entre pesquisadores dos países de língua portuguesa. Seu objetivo central é estimular a produção acadêmica conjunta, a divulgação de resultados e a construção de pesquisas colaborativas que contribuam de forma concreta para a mitigação dos desafios sociais enfrentados por essas nações. Com ênfase em pesquisas aplicadas, a plataforma busca promover soluções práticas, sustentáveis e contextualizadas, fortalecendo o papel da ciência como agente de transformação nas comunidades lusófonas.



EmpregaKria – Programa de Empregabilidade para Imigrantes Lusófonos

O EmpregaKria é um programa voltado à promoção da empregabilidade de imigrantes oriundos da comunidade lusófona, com foco em sua inserção digna e qualificada no mercado de trabalho brasileiro. A iniciativa contempla a divulgação de oportunidades de emprego, a capacitação em habilidades essenciais para o mundo do trabalho e o apoio na compreensão das especificidades legais e culturais do ambiente profissional no Brasil. Além disso, o programa promove ações formativas com especialistas da área trabalhista, visando ampliar o conhecimento sobre direitos, deveres e estratégias de atuação no mercado. O EmpregaKria constitui-se, assim, como um instrumento de inclusão socioeconômica e fortalecimento da autonomia profissional de imigrantes falantes da língua portuguesa.



Kriacast – Podcast de Interculturalidade e Desenvolvimento de Competências Globais

O Kriacast é um podcast voltado à promoção do diálogo intercultural entre cidadãos dos países lusófonos, funcionando como um espaço dinâmico de troca de

experiências, saberes e perspectivas. Por meio de conversas com convidados oriundos de diferentes contextos — acadêmico, profissional e comunitário — o programa busca valorizar narrativas individuais e coletivas que reflitam a diversidade da comunidade lusófona. Além de abordar temas relacionados à mobilidade, educação e empregabilidade, o Kriacast enfoca o desenvolvimento de soft skills e competências interculturais, fundamentais para a formação de cidadãos globais. A escolha por convidados de referência visa não apenas enriquecer o debate, mas também inspirar os ouvintes a refletirem sobre o papel transformador das conexões humanas.



Rango de Kria – Gastronomia como Expressão Cultural Lusófona

O Rango de Kria tem como propósito a valorização da cultura dos países de língua portuguesa por meio da gastronomia, reconhecida como uma das formas mais tangíveis de expressão cultural. Por meio da divulgação de pratos típicos, modos de preparo e histórias que envolvem os alimentos, o programa busca despertar o interesse e a sensibilidade cultural dos participantes e do público. A alimentação, assim como a música, é um marcador identitário e afetivo, capaz de gerar conexões profundas com a história, os costumes e a memória coletiva de um povo. Com a colaboração de chefs de cozinha, cozinheiros populares, estudiosos da cultura alimentar e outros agentes culturais, o Rango de Kria se propõe a ser uma janela sensível e saborosa para a riqueza cultural da comunidade lusófona.



Kriasom – Música e Identidade Cultural na Comunidade Lusófona

O Kriasom é um programa concebido para valorizar e divulgar a diversidade musical contemporânea dos países de língua portuguesa. Fugindo dos estereótipos tradicionais, o projeto se dedica a explorar expressões sonoras autênticas e atuais, revelando a vitalidade cultural que pulsa em cada território lusófono. A música, como linguagem universal e elemento identitário, é utilizada aqui como um instrumento de aproximação entre povos, estimulando o reconhecimento mútuo e o fortalecimento do sentimento de pertencimento à comunidade lusófona. O programa contará com a participação de artistas locais, produtores musicais e pesquisadores da área, ampliando o repertório cultural dos ouvintes e promovendo o intercâmbio artístico entre as nações.

7.4 IDENTIDADE VISUAL

A escolha do nome *InterKria* não é meramente estética ou mercadológica, mas carrega uma intencionalidade conceitual e simbólica profundamente alinhada aos princípios que orientam a plataforma. O termo resulta da combinação de dois eixos semânticos centrais: o prefixo “Inter”, que evoca a ideia de interconexão, interculturalidade, internacionalização, interatividade e intersubjetividade; e o elemento “Kria”, derivado de uma grafia alternativa de “criar”, utilizado aqui como forma de valorizar a potência da criação, co-criação e criatividade como fundamentos do processo educativo e expressa o compromisso com uma educação que reconhece e valoriza a produção de saberes situados, coletivos e insurgentes.

O prefixo *Inter* reforça a natureza relacional da plataforma, que se propõe a ser um espaço de trânsito entre saberes, experiências, territórios e culturas. Essa in-

ter-relação não é apenas técnica ou funcional, mas sobretudo pedagógica e política, ao promover o encontro de povos diversos em torno de processos de formação emancipadora.

Por sua vez, *Kria* remete à ideia de produção de conhecimento situada, inventiva e coletiva, característica fundamental dos povos periféricos e de seus territórios. A grafia alternativa tem ainda a função de provocar uma leve disrupção semântica, despertando curiosidade e tensionando os sentidos convencionais da palavra, ao mesmo tempo em que aproxima a linguagem da oralidade e da estética urbana – marcas simbólicas importantes da proposta.

Assim, *InterKria* sintetiza, em um nome único, a intenção de articular criação e conexão, saber e território, marginalidade e potência. A nomeação, portanto, é também um gesto político e epistemológico, ao reconhecer e valorizar os modos de expressão e produção de sentido oriundos das margens, reafirmando a centralidade da criatividade como instrumento de emancipação social: conectar para criar, criar para transformar. *InterKria* é, simultaneamente, tecnologia e narrativa, instrumento e território, ação e linguagem.



Do ponto de vista tipográfico, optou-se por uma letra inspirada na estética urbana. A escolha dialoga com públicos de menor renda, muitas vezes excluídos de iniciativas globais de inovação, mas portadores de capital cultural e criativo significativo. Ao adotar uma linguagem visual vinculada à cultura de rua, a marca busca aproximar-se desses grupos e legitimar suas vozes no ecossistema de cooperação acadêmica e empreendedora.

Fontes

Berlin Sans FB Demi Bold
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v x y z , . ; / ? ! # @ ç Ç ~ ^ ¨

Segoe Script
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v x y z , . ; / ? !
@ ç Ç ~ ^ ¨

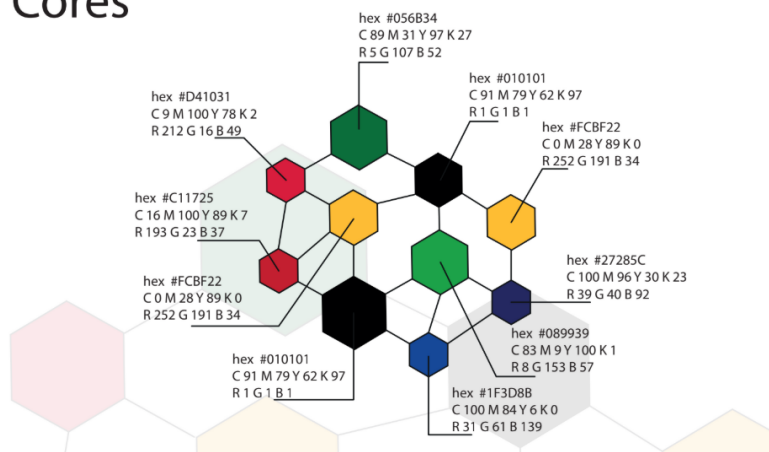
A construção gráfica do logotipo recorre ao hexágono como forma principal. Cada vértice representa um polo de interação (estudantes, docentes, pesquisadores, empreendedores, agentes culturais e comunidade local). A tesselação de múltiplos hexágonos simboliza a emergência de redes: ideias que, ao se conectarem, ganham “corpo” e transmutam-se em projetos concretos. Essa solução dialoga com princípios de design sistêmico, nos quais a forma modular facilita tanto a expansão quanto a leitura intuitiva das relações entre os atores.

Forma Geométrica - hexágono



Quanto à paleta cromática, incorporam-se matizes presentes nas bandeiras de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Ao congregar vermelho, verde, amarelo, azul e preto, a identidade visual reforça o sentimento de pertencimento transnacional, sem privilegiar um país específico. A cor, nesse caso, atua como elemento de hospitalidade simbólica: o usuário reconhece o cromatismo como familiar, reduzindo barreiras iniciais de engajamento.

Cores

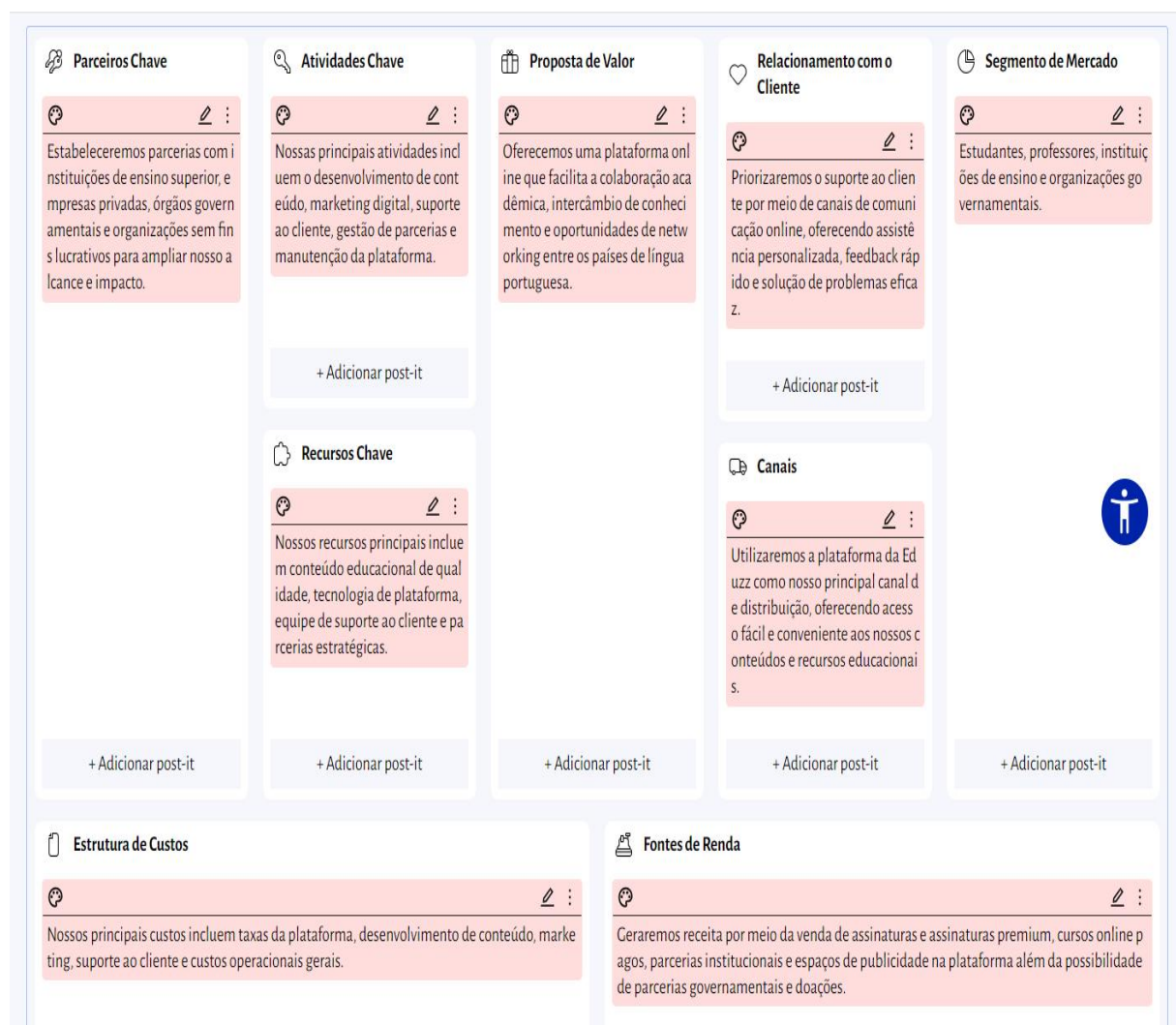


Por fim, a marca grafada em configurações horizontais e responsivas favorece aplicações digitais e impressas, mantendo legibilidade em diferentes superfícies e tamanhos, requisito indispensável para plataformas multi-dispositivo. Assim, a identidade visual de **Kria** exprime, simultaneamente, valores de inclusão, colaboração e inovação, fundamentos que orientam a proposta de internacionalização da educação superior no espaço da lusofonia.

Finalizada a apresentação das funcionalidades da plataforma bem como sua identidade visual, o próximo tópico abordará o plano de negócios desenvolvido e as ferramentas de gestão utilizadas no desenvolvimento da plataforma.

7.5 BUSINESS MODEL CANVAS - PLANO DE NEGÓCIOS

A seguir, o modelo de negócios desenvolvido exemplifica a atuação da InterKria



7.5.1 Segmento de Mercado

O segmento de mercado da plataforma InterKria é constituído por três grupos principais: instituições de ensino superior (IES) nos países de língua portuguesa, professores, pesquisadores e acadêmicos, e estudantes universitários e de pós-graduação. As IES abrangem universidades, faculdades, institutos de ensino e escolas técnicas e profissionalizantes, representando o público institucional interessado em promover a internacionalização de programas acadêmicos e ações de cooperação interinstitucional.

Neste contexto, o público-alvo inclui gestores acadêmicos, coordenadores de curso, professores e equipes administrativas, que desempenham papel central na articulação e implementação de projetos de internacionalização

O segundo grupo compreende professores, pesquisadores e acadêmicos que

buscam oportunidades para colaboração, intercâmbio e parcerias, objetivando o desenvolvimento profissional e a construção de redes científicas transnacionais entre os países lusófonos. Este perfil, reconhecido pela literatura como segmento-chave para a internacionalização responsável, é estratégico na produção de conhecimento, inovação e capacitação de recursos humanos (Knight, 2015).

O terceiro segmento contempla estudantes universitários e de pós-graduação que almejam experiências internacionais de aprendizado, intercâmbio cultural e inserção acadêmica em diferentes países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Este público incorpora tanto a demanda por mobilidade acadêmica quanto o interesse pelo desenvolvimento de competências globais exigidas pelo mundo do trabalho (Knight, 2004; Morosini, 2018).

Desta forma, o nicho de mercado da InterKria está direcionado para instituições comprometidas com a internacionalização, profissionais voltados à colaboração e ao networking global, e estudantes em busca de oportunidades que transcendam fronteiras nacionais. Essa segmentação é coerente com os princípios da inovação em modelos de negócio focados na criação de valor e na adaptação a contextos educacionais dinâmicos.

7.5.2 Proposta de Valor

A proposta de valor da plataforma InterKria centra-se em oferecer soluções integradas e inovadoras para a internacionalização da educação superior no espaço lusófono, articulando diversos objetivos que contribuem para a formação acadêmica, a cooperação científica e a promoção da diversidade cultural e social. Primeiramente, a plataforma visa facilitar a cooperação acadêmica ao proporcionar um ambiente digital que simplifique e fortaleça a colaboração e o intercâmbio entre instituições de ensino superior, professores, pesquisadores e estudantes, promovendo assim a circulação dinâmica de conhecimentos e experiências acadêmicas entre os países de língua portuguesa.

Em segundo lugar, a InterKria busca ampliar o acesso à educação de qualidade, disponibilizando recursos educacionais diversificados e oportunidades de estudo em variadas áreas do conhecimento. Tal abordagem é relevante para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos indivíduos, particularmente em regiões onde a oferta educacional é limitada, alinhando-se aos princípios de democratização e inclusão da educação superior internacional (Altbach & Knight, 2020; Morosini, 2018).

A plataforma também se compromete a fomentar a diversidade cultural e linguística, celebrando as especificidades dos países lusófonos e incentivando o intercâmbio cultural e o aprendizado de idiomas. Essa valorização da pluralidade reforça o respeito e a compreensão mútua, elementos essenciais para a construção de comunidades acadêmicas inclusivas e interculturais (De Wit, 2018; Stallivieri, 2017).

Outro aspecto fundamental é o estímulo à inovação e colaboração científica, por meio do incentivo a pesquisas conjuntas, projetos colaborativos e desenvolvimento de soluções para desafios globais que impactam a região lusófona. Essa dimensão reforça a missão de internacionalização pautada na cooperação sustentável e no avanço do conhecimento científico compartilhado (Knight, 2015; Altbach & Knight, 2020).

Além disso, a InterKria propõe capacitar professores e estudantes com ferramentas, conteúdos e oportunidades que os auxiliem a alcançar seu máximo potencial acadêmico e profissional, promovendo o desenvolvimento integral em um contexto globalizado e complexo (Morosini, 2018; Knight, 2015).

Por fim, a plataforma enfatiza a importância de promover o desenvolvimento sustentável e a responsabilidade social, incentivando práticas responsáveis nas instituições de ensino e na sociedade ampla, com vistas à preservação ambiental, melhoria da qualidade de vida e fortalecimento das comunidades locais e globais. Esta abordagem integra os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU ao quadro da internacionalização da educação superior (Stallivieri, 2017; De Wit, 2019).

Assim, a proposta de valor da plataforma InterKria reflete o compromisso de oferecer soluções que respondam eficazmente às necessidades dos seus públicos-alvo, enquanto contribuem para o progresso social, cultural, ambiental e acadêmico do espaço lusófono.

7.5.3 Canais

Os canais de comunicação e distribuição da plataforma InterKria são estruturados de forma a maximizar o alcance, o engajamento e a interação dos diferentes segmentos de usuários, utilizando tanto plataformas digitais consolidadas quanto estratégias personalizadas para o contexto da internacionalização da educação superior lusófona. Será desenvolvida uma plataforma da comunidade digital, oferecendo funcionalidades robustas para fóruns de discussão, publicação de conteúdos e participação ativa dos usuários. Essa escolha é fundamentada na crescente relevância

de ambientes digitais que promovem o aprendizado colaborativo e a construção de redes acadêmicas (Osterwalder & Pigneur, 2010; De Wit, 2019).

Além disso, as redes sociais, como Facebook, Instagram, LinkedIn e X, serão instrumentos estratégicos para promoção da comunidade global e difusão de conteúdos relevantes relacionados à internacionalização e formação de cidadãos globais. A utilização dessas plataformas permite alcançar um público amplo, diversificado e engajado, além de favorecer a disseminação de informações, notícias, eventos e iniciativas culturais, consolidando espaços interativos para entretenimento e infotenimento (Rogers, 2003).

A estratégia de e-mail marketing complementa esse conjunto, possibilitando a manutenção de uma comunicação direta e personalizada com os usuários. Essa ferramenta será utilizada para notificar os participantes sobre novidades, eventos, oportunidades e conteúdos exclusivos, incentivando a participação ativa na plataforma e fortalecendo o vínculo com a comunidade.

Para ampliar o alcance e a credibilidade da plataforma, serão firmadas parcerias institucionais com universidades, organizações educacionais e entidades voltadas à internacionalização e cooperação acadêmica. Tais parcerias são essenciais para promover a integração sistêmica, o reconhecimento institucional e o acesso a redes acadêmicas consolidadas, favorecendo a sustentabilidade e a expansão do projeto (Knight, 2015; Altbach & Knight, 2020).

Complementarmente, a realização de eventos e webinars online permitirá o oferecimento de conteúdos exclusivos, o fomento ao networking e a criação de oportunidades de aprendizado dinâmico e colaborativo entre os membros da comunidade.

Por fim, as estratégias de SEO (Search Engine Optimization) e produção de conteúdo online, incluindo blogs, artigos e vídeos, serão implementadas para assegurar a visibilidade da plataforma nos mecanismos de busca e atrair tráfego qualificado. Essa prática posiciona a plataforma como referência na temática da internacionalização no espaço lusófono, alinhada às melhores práticas de marketing digital aplicadas à educação.

Assim, a diversidade e integração dos canais escolhidos possibilitam uma estratégia de comunicação abrangente, eficaz e adaptada às demandas específicas do ambiente educacional internacionalizado, potencializando a expansão e a consolidação da plataforma InterKria.

7.5.4 Relacionamento com o Cliente

O relacionamento com o cliente será estruturado de maneira a assegurar um atendimento eficiente, contínuo e proativo, promovendo a satisfação, fidelização e engajamento dos diversos públicos da comunidade acadêmica lusófona. Para isso, será disponibilizado um suporte via chat online, recurso que oferece comunicação em tempo real para esclarecimento de dúvidas, solução de problemas e orientação imediata, o que é reconhecido como estratégia eficaz para melhorar a experiência do usuário em ambientes digitais educacionais.

Complementarmente, o atendimento por e-mail proporcionará um canal assíncrono para os usuários que preferem interagir de forma mais reflexiva e detalhada, possibilitando o envio de dúvidas, sugestões e solicitações para uma equipe dedicada, com respostas estruturadas e dentro de prazos adequados.

As redes sociais serão utilizadas como um canal estratégico de comunicação e relacionamento, onde a plataforma responderá de maneira ágil e proativa a comentários, mensagens e interações, consolidando a presença digital da comunidade e fortalecendo vínculos afetivos e profissionais.

O uso de fóruns de discussão na comunidade promoverá a interatividade entre os usuários, facilitando a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimentos e a cooperação em projetos acadêmicos e iniciativas de internacionalização, aspectos essenciais para a formação de redes colaborativas de aprendizagem.

Além disso, a realização periódica de webinars e eventos online permitirá o contato direto e dinâmico com os clientes, proporcionando conteúdos exclusivos, respondendo questionamentos ao vivo e fortalecendo o senso de pertencimento e colaboração entre os membros da plataforma.

Para manter a comunidade informada e engajada, serão enviadas newsletters e comunicações regulares via e-mail, divulgando atualizações, novidades, oportunidades e convites para participação nas atividades da plataforma, o que estimula a continuidade do envolvimento dos usuários.

Por fim, a implementação periódica de pesquisas de satisfação assegurará a coleta sistemática de feedback dos usuários, identificando pontos fortes e oportunidades de melhoria, alinhando continuamente o serviço às necessidades e expectativas do público, prática reconhecida como fundamental na gestão da qualidade em plataformas educacionais.

Dessa maneira, o modelo de relacionamento com o cliente da InterKria alicerça-se em múltiplos canais e estratégias integradas, garantindo uma comunicação eficiente, suportando a qualidade da experiência do usuário e fomentando a coesão e o crescimento sustentável da comunidade lusófona.

7.5.5 Fontes de Receita

As fontes de receita da plataforma InterKria são diversificadas e estrategicamente desenhadas para garantir a sustentabilidade financeira do projeto, ao mesmo tempo em que agregam valor para os diferentes públicos da comunidade lusófona.

Em primeiro lugar, serão oferecidos planos de assinatura que concedem aos usuários acesso a recursos exclusivos, conteúdos de qualidade superior, eventos especiais e funcionalidades avançadas, proporcionando benefícios adicionais em comparação ao acesso gratuito. Essa abordagem de receita recorrente é amplamente utilizada em plataformas digitais educacionais para equilibrar acesso e financiamento.

Além disso, a plataforma desenvolverá e comercializará cursos e treinamentos online em temas relacionados à internacionalização da educação, interculturalidade e cooperação acadêmica, oferecendo certificados de conclusão como forma de reconhecimento formal dos usuários. A venda de cursos representa uma fonte complementar de receita, aproveitando a demanda crescente por educação continuada e especializada no ambiente digital.

Outra fonte relevante será a prestação de serviços de consultoria e mentoria personalizada, direcionados a instituições de ensino superior, professores, pesquisadores e estudantes que buscam suporte em projetos de internacionalização e parcerias internacionais. Esse serviço agrega valor personalizado e contribui para a efetividade dos processos acadêmicos, ao mesmo tempo em que gera receita para a plataforma.

A plataforma também estabelecerá parcerias institucionais e oportunidades de patrocínio com organizações e empresas interessadas em promover a internacionalização, gerando receita através de colaborações estratégicas e ações de co-branding. A participação ativa dessas entidades amplia a visibilidade da plataforma e viabiliza recursos adicionais para seu desenvolvimento e consolidação.

A comercialização de espaços publicitários e patrocinados dentro da plataforma configurará outro canal de receita, possibilitando que empresas divulguem produtos, serviços e iniciativas para a comunidade interessada em educação e coopera-

ção internacional.

Por fim, a organização de eventos patrocinados e webinars pagos permitirá a oferta de espaços exclusivos para especialistas e patrocinadores, promovendo conteúdo de alta relevância mediante taxas de participação, fortalecendo o engajamento da comunidade e gerando receita direta.

Dessa forma, a diversificação das fontes de receita assegura a viabilidade econômica da InterKria, equilibrando a oferta de valor para seus usuários e parceiros com a sustentabilidade financeira necessária para sua continuidade e expansão.

7.5.6 Recursos Chave

Os recursos chave da plataforma InterKria englobam aspectos humanos, tecnológicos, intelectuais e relacionais, configurando a base estruturante para o funcionamento eficiente e o crescimento sustentável do negócio. Em primeiro lugar, a equipe será intencionalmente enxuta e multifuncional, composta por profissionais altamente qualificados e com competências distintas, responsáveis pela gestão operacional da plataforma, desenvolvimento de conteúdos especializados, gerenciamento do relacionamento com os usuários e promoção da comunidade de internacionalização entre os países lusófonos. Tal abordagem se alinha às práticas contemporâneas de startups e organizações inovadoras, que valorizam a agilidade e a integração multidisciplinar.

Adicionalmente, a plataforma oferecerá funcionalidades robustas para a criação da comunidade online, gerenciamento de usuários, processamento de transações financeiras seguras e hospedagem eficiente dos materiais educacionais. A opção por uma base tecnológica consolidada permite a rápida implantação de serviços e a garantia de escalabilidade e segurança, essencial para o ambiente digital na educação.

Outro recurso fundamental é o compromisso com a criação de conteúdos educacionais de alta qualidade, incluindo cursos online, webinars, artigos e vídeos, que agregam valor significativo aos usuários e promovem o fortalecimento da internacionalização e da cooperação acadêmica no espaço lusófono. A produção intelectual qualificada constitui um diferencial competitivo e é reconhecida como pilar central para o sucesso em plataformas educacionais digitais.

A ampliação do alcance e a consolidação do ecossistema digital serão garanti-

das por meio de parcerias estratégicas com instituições de ensino superior, empresas, organizações governamentais e outras entidades dedicadas à internacionalização e à educação superior. Essas alianças fortalecem a estrutura colaborativa e potencializam o impacto do projeto.

O sistema de suporte e atendimento ao cliente será implementado para assegurar uma experiência positiva e responsiva aos usuários, com canais efetivos para resolução de dúvidas, feedback e orientação, fator decisivo para a retenção e satisfação do público-alvo em ambientes digitais educacionais.

Por fim, o investimento em marketing e promoção, por meio de estratégias de SEO, uso das mídias sociais, marketing de conteúdo e outras técnicas digitais, permitirá ampliar a visibilidade da plataforma, captar novos usuários e engajar a comunidade já existente. Essa abordagem multifacetada é essencial para a sustentabilidade e expansão de negócios digitais no cenário acadêmico globalizado.

Dessa forma, a combinação desses recursos chave viabiliza a operacionalização eficaz da InterKria, apoiando seus objetivos de fomentar a internacionalização da educação superior e de formar cidadãos globais no espaço lusófono, com base em uma estrutura sólida, colaborativa e inovadora.

7.5.7 Atividades Chave

As atividades chave da plataforma InterKria contemplam um conjunto de processos e operações essenciais para a criação de valor, a sustentabilidade e o crescimento do negócio, alinhadas com os objetivos estratégicos de internacionalização da educação superior e formação de cidadãos globais no espaço lusófono.

Primeiramente, o desenvolvimento de conteúdo consiste na criação e produção de materiais educacionais de alta qualidade, como cursos online, webinars, artigos e vídeos, que abordam temas ligados à internacionalização, colaboração acadêmica e competências globais. O investimento contínuo nesta atividade é fundamental para ofertar recursos relevantes e atuais, que atendam às demandas do público-alvo e fomentem a aprendizagem significativa.

A gestão da comunidade é outra atividade central, envolvendo a administração da comunidade online, moderação dos fóruns de discussão, atendimento às dúvidas e incentivo à interação entre os membros. Esse processo visa promover o engajamento, a colaboração e a troca de conhecimentos, fatores reconhecidos como pilares para o sucesso de plataformas colaborativas e redes acadêmicas globais.

O atendimento ao cliente assegura suporte eficiente e responsivo, por meio de canais diversos, auxiliando os usuários a solucionar dúvidas técnicas, problemas operacionais e questões relacionadas à experiência na plataforma, o que contribui para a retenção e satisfação dos participantes.

No que tange ao crescimento e fortalecimento da plataforma, a atividade de marketing e promoção compreende o desenvolvimento e execução de estratégias para aumentar a visibilidade do serviço, atrair novos usuários e consolidar os relacionamentos com a comunidade existente. Essa dimensão opera através da aplicação de técnicas modernas, incluindo SEO, marketing de conteúdo, mídias sociais e campanhas direcionadas, alinhando-se às boas práticas de negócios digitais.

O gerenciamento de parcerias consiste em estabelecer e manter relações estratégicas com instituições de ensino, organizações governamentais e empresas, visando cooperações, patrocínios e ações conjuntas que ampliem o impacto e a sustentabilidade do projeto.

Complementarmente, a manutenção da plataforma tecnológica assegura seu pleno funcionamento, estabilidade, segurança e desempenho adequado para todos os usuários, além de incorporar melhorias constantes e atualizações conforme feedback e evolução do mercado digital, garantindo a qualidade do serviço ofertado.

Por fim, a análise e melhoria contínua baseia-se no monitoramento de dados, métricas e feedback dos usuários para identificar oportunidades de aprimoramento, compreender necessidades emergentes e ajustar processos e estratégias, promovendo uma cultura de inovação e excelência no atendimento aos objetivos do negócio.

Dessa forma, essas atividades chave compõem a espinha dorsal operacional da InterKria, assegurando a criação consistente de valor para seus usuários e a sustentabilidade do projeto no contexto da internacionalização e cooperação acadêmica lusófona.

7.5.8 Parceiros Chave

Os parceiros chave da plataforma InterKria configuram-se como atores fundamentais para a consolidação, expansão e sustentabilidade das iniciativas de internacionalização no espaço lusófono. Em primeiro lugar, estabelecemos alianças estratégicas com instituições de ensino superior (IES), incluindo universidades e faculda-

des dos países de língua portuguesa, visando a cooperação acadêmica, intercâmbios de estudantes e professores, e o desenvolvimento conjunto de cursos e pesquisas. Essas parcerias se caracterizam como catalisadoras da troca de conhecimentos e do fortalecimento das redes acadêmicas transnacionais (Knight, 2015; Altbach & Knight, 2020).

Além disso, a plataforma buscará colaborações com empresas, órgãos governamentais e agências de fomento, que atuam na promoção e financiamento de projetos de internacionalização, patrocínios, programas de bolsas e outras iniciativas de apoio à educação superior. A integração com esses parceiros institucionais contribui para a viabilização financeira e a ampliação do impacto social da plataforma.

A colaboração com profissionais especializados em áreas como educação, internacionalização e tecnologia educacional também é essencial, incumbidos da criação de conteúdos, condução de cursos e oferecimento de consultorias, ampliando a qualidade e a relevância dos serviços prestados à comunidade.

Importante destacar que a própria comunidade de usuários da plataforma é considerada um parceiro fundamental, visto que sua participação ativa, o compartilhamento colaborativo de conhecimentos e o engajamento mútuo são fatores cruciais para o crescimento orgânico e a sustentabilidade do ecossistema digital.

Por fim, a plataforma buscará estabelecer relações com entidades de fomento à educação, tais como fundações, instituições filantrópicas e organizações sem fins lucrativos que apoiam projetos de internacionalização acadêmica, ampliando tanto o alcance quanto a legitimidade institucional do projeto, além de promover ações sociais alinhadas com o desenvolvimento sustentável (Altbach & Knight, 2020; Stallivieri, 2017).

Essas múltiplas alianças estratégicas evidenciam uma abordagem colaborativa e integrada, necessária para a concretização dos objetivos da InterKria de promover a internacionalização e a formação de cidadãos globais em uma rede lusófona dinâmica e inovadora.

7.5.9 Estrutura de Custos

A estrutura de custos da plataforma InterKria contempla os investimentos e despesas essenciais para a operação eficiente, o desenvolvimento contínuo e a sustentabilidade financeira do negócio, alinhados à sua missão de promover a internaci-

onalização da educação superior lusófona. Em primeiro lugar, destacam-se os custos iniciais para desenvolvimento da plataforma. Tais custos são comuns em modelos digitais baseados em plataformas SaaS (Software as a Service) e devem ser considerados para viabilizar a gestão financeira do projeto.

Outro componente relevante refere-se ao investimento no desenvolvimento e produção de conteúdos educacionais de alta qualidade, que inclui a criação de cursos online, webinars, vídeos e materiais didáticos focados na internacionalização e na formação de cidadãos globais. Esse investimento é fundamental para manter a atratividade e a relevância da oferta pedagógica, respondendo às necessidades acadêmicas e profissionais dos usuários.

As despesas em marketing e publicidade configuram-se como elemento estratégico para aumentar a visibilidade da plataforma, captar novos usuários e fortalecer sua presença no mercado educacional, abrangendo custos com anúncios digitais, campanhas de e-mail marketing e materiais promocionais. A relevância dessas ações está respaldada em estudos sobre comunicação digital e posicionamento de marca.

A operação do serviço ao cliente demanda alocação de recursos para o suporte e atendimento, contemplando salários da equipe, investimentos em infraestrutura de comunicação e capacitação profissional, assegurando uma experiência satisfatória e contínua aos usuários.

Adicionalmente, as despesas administrativas englobam custos gerenciais, licenças de softwares de gestão e outras despesas operacionais essenciais para o funcionamento do negócio, garantido sua conformidade e eficiência.

O investimento em parcerias estratégicas inclui custos relacionados a viagens, participação em eventos, patrocínios e programas de bolsas, os quais são imprescindíveis para consolidar a rede de colaboração acadêmica e ampliar o impacto da plataforma.

A contínua manutenção e desenvolvimento da plataforma tecnológica compreende gastos com equipe técnica, hospedagem, licenciamento de softwares e atualizações, assegurando a estabilidade, segurança e inovação constante do ambiente digital oferecido.

Por fim, as despesas legais e regulatórias estabelecem a conformidade do projeto com as normativas vigentes, incluindo consultorias jurídicas, registros de propriedade intelectual e adequação a padrões educacionais, fundamentais para mitigar

riscos e garantir a legitimidade das operações.

Assim, o equilíbrio e a gestão eficiente destes componentes da estrutura de custos são determinantes para o sucesso e longevidade da InterKria, possibilitando a consecução de sua missão no panorama da internacionalização acadêmica lusófona.

7.6 ANÁLISE SWOT

A análise SWOT constitui uma ferramenta estratégica fundamental para a avaliação dos aspectos internos e externos que afetam a viabilidade, o desenvolvimento e a sustentabilidade da plataforma InterKria, voltada para a internacionalização da educação superior no espaço lusófono. Essa abordagem possibilita identificar as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, orientando a formulação de estratégias adequadas para o sucesso do empreendimento (Osterwalder & Pigneur, 2010; Kotler & Keller, 2016).

7.6.1 Forças (Strengths)

A plataforma se destaca pela capacidade de promover a conexão entre países de língua portuguesa, facilitando colaborações culturais, científicas e acadêmicas que fortalecem a coesão do espaço lusófono. Este atributo diferencia a iniciativa em um mercado crescente e demanda crescente por soluções de internacionalização.

Outro ponto forte é a demanda latente por ferramentas que potencializem a internacionalização da educação superior, consolidando a plataforma como uma resposta relevante e atual às necessidades contemporâneas.

Adicionalmente, o alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) confere à plataforma sustentabilidade institucional e atratividade perante stakeholders interessados no desenvolvimento social, econômico e ambiental

Por fim, a presença de uma equipe especializada, liderada por pesquisadores com experiência na área, assegura o respaldo acadêmico e metodológico necessário para a construção e implementação de uma plataforma tecnicamente robusta e alinhada às demandas do setor.

7.6.2 Fraquezas (Weaknesses)

Entre as fraquezas, destaca-se a existência de recursos financeiros limitados,

o que pode comprometer o desenvolvimento integral da plataforma, sobretudo no que tange à incorporação de funcionalidades avançadas e à manutenção tecnológica contínua.

Ademais, a plataforma dependerá do engajamento ativo dos usuários para gerar valor pleno, e a manutenção desse envolvimento de públicos diversos pode revelar-se desafiadora, sobretudo em ambientes virtuais educacionais, onde a retenção é um indicador crítico de sucesso.

7.6.3 Oportunidades (Opportunities)

A pandemia global acelerou significativamente o crescimento da demanda por tecnologias educacionais e mobilidade virtual, criando um contexto favorável à aceitação e adesão da plataforma.

O interesse crescente pela cooperação internacional, especialmente entre países que compartilham a mesma língua, por diversos fatores, amplifica o valor da iniciativa e suas possibilidades de expansão

Há ainda a possibilidade de estabelecimento de parcerias com instituições de ensino superior, que podem utilizar a plataforma para ampliar suas redes internacionais, favorecendo futuras colaborações e consolidando a sustentabilidade do projeto.

Finalmente, o projeto pode beneficiar-se do apoio governamental e de agências de fomento, que incentivam iniciativas de internacionalização acadêmica e desenvolvimento tecnológico.

7.6.4 Ameaças (Threats)

A resistência a mudanças por parte de instituições tradicionais, principalmente aquelas que já adotam métodos consolidados para cooperação internacional, pode restringir a penetração da plataforma. Outro ponto de atenção trata-se dos desafios tecnológicos relacionados à manutenção, segurança e atualização da plataforma exigem investimento contínuo em infraestrutura e equipe especializada, o que pode ser comprometido sem financiamento estável.

Por fim, as diferenças culturais e regionais existentes entre os países lusófonos demandam adaptações constantes e específicas, aumentando a complexidade do projeto e exigindo flexibilidade concertada no desenvolvimento da plataforma.

7.7 FERRAMENTA 5W2H - "O quê?" (What?), "Por quê?" (Why?), "Onde?" (Where?), "Quando?" (When?), "Quem?" (Who?), "Como?" (How?) e "Quanto?" (How much?).

A ferramenta 5W2H é um instrumento metodológico amplamente utilizado para o planejamento sistemático e a gestão de projetos, permitindo o detalhamento e clarificação dos elementos fundamentais relacionados ao desenvolvimento da plataforma. (Osterwalder & Pigneur, 2010; Kerzner, 2017). Este planejamento cobre aspectos essenciais estruturados nos sete questionamentos fundamentais: “Quem?”, “O quê?”, “Quando?”, “Onde?”, “Por quê?”, “Como?” e “Quanto?”.

7.7.1 Quem (Who)?

O público-alvo da plataforma é constituído por estudantes, professores, gestores educacionais, pesquisadores e profissionais oriundos dos países de língua portuguesa, incluindo Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. A equipe responsável pelo projeto é liderada pelo mestrando Marcus Vinicius Melo Cruz, sob orientação da Profa. Dra. Luciane Stalivieri, contando ainda com desenvolvedores e pesquisadores dedicados à coleta e análise de dados de forma colaborativa e sistemática.

7.7.2 O quê (What)?

A proposta consiste no desenvolvimento de uma plataforma digital inovadora para a internacionalização da educação superior entre os países lusófonos, com ênfase na cooperação acadêmica, cultural e profissional. Suas funcionalidades abrangem recursos para networking, produção científica colaborativa, intercâmbio cultural, oportunidades de emprego e estágio, eventos virtuais, trocas de práticas de gestão educacional, além de conteúdos dedicados à capacitação e desenvolvimento profissional dos usuários.

7.7.3 Quando (When)?

O desenvolvimento do projeto teve início no mês de fevereiro de 2024 , com conclusão estimada para dezembro de 2025, estruturado em fases principais: de agosto a outubro de 2024, realizou-se o levantamento bibliográfico, análise de requisitos e coleta de dados com o público-alvo; de outubro de 2024 a novembro de 2025, desenvolver-se-á a proposta da plataforma.

7.7.4 Onde (Where)?

O desenvolvimento será realizado no âmbito universitário, complementado por ambientes digitais remotos, com possíveis pontos de contato e coleta de dados em locais estratégicos nos países lusófonos. A plataforma possui alcance abrangente destinado a todos os países de língua portuguesa, favorecendo uma integração regional e global coerente com a sua missão.

7.7.5 Por que (Why)?

A justificativa central reside na promoção da integração e da cooperação entre os países lusófonos, valorizando a troca de conhecimentos e experiências acadêmicas, culturais e profissionais. O projeto visa potencializar a internacionalização da educação superior, contribuindo para o desenvolvimento de cidadãos globais com uma perspectiva multicultural e para o fortalecimento da ciência, tecnologia e inovação.

7.7.6 Como (How)?

As etapas previstas envolvem a pesquisa e coleta de dados junto aos potenciais usuários e demais stakeholders, análise dos requisitos e levantamento das funcionalidades da plataforma, elaboração detalhada da proposta. Posteriormente, prevê-se a publicação e divulgação dos resultados para as instituições de ensino e entidades interessadas. As ferramentas empregadas incluem questionários, análise qualitativa e quantitativa de dados, estudos de viabilidade e consultas especializadas.

7.7.8 Quanto (How much)?

Os custos estimados serão detalhados nas fases de pesquisa, considerando os investimentos necessários no desenvolvimento do software e na análise de dados. A disponibilidade de recursos financeiros dependerá da captação de bolsas e financiamentos, que subsidiarão os custos da pesquisa e do desenvolvimento da proposta.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito apresentar a InterKria como proposta de plataforma tecnológica para impulsionar a internacionalização da educação superior na comunidade lusófona, à luz dos desafios vivenciados por nações em contextos desfavoráveis e das possibilidades abertas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação. A partir de um percurso teórico-metodológico que articulou internacionalização da educação superior, Sul Global, países lusófonos e TICs, buscou-se compreender em que medida uma solução digital, concebida de forma colaborativa e situada, pode contribuir para ampliar o acesso, qualificar experiências formativas e fortalecer redes de cooperação entre estudantes, docentes, pesquisadores e gestores de países de língua portuguesa.

No que se refere aos objetivos, o trabalho alcançou o propósito de: (i) mapear e identificar necessidades associadas à internacionalização da educação superior para a formação de cidadãos globais nas comunidades lusófonas; (ii) levantar e analisar requisitos informacionais e pedagógicos para o desenvolvimento de uma plataforma voltada à cooperação acadêmica entre países de língua portuguesa; e (iii) desenvolver e apresentar um protótipo conceitual e funcional da InterKria, evidenciando sua viabilidade técnica, pedagógica e o alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. As análises de dados quantitativos e qualitativos, aliadas ao uso de ferramentas de gestão (Brainstorming, Business Model Canvas, 5W2H e SWOT), permitiram traduzir demandas concretas dos potenciais usuários em funcionalidades, fluxos e estratégias para a plataforma.

Do ponto de vista teórico, a dissertação reforça a pertinência de compreender a internacionalização da educação superior para além da lógica restrita da mobilida-

de física, competitiva e elitizada. O diálogo com autores como Knight, De Wit, Hudzik, Stallivieri e Morosini indica que a internacionalização responsável, inclusiva e socialmente referenciada exige repensar prioridades, integrar dimensões interculturais e globais ao currículo, valorizar o Sul Global como produtor de conhecimento e reconhecer que línguas partilhadas, como o português, podem funcionar como eixo estruturante de redes de cooperação. Ao articular esse debate com a realidade de países lusófonos – marcados por desigualdades, assimetrias de poder, dependências históricas e oportunidades emergentes – o estudo evidencia que a comunidade lusófona é, ao mesmo tempo, espaço de vulnerabilidade e de potência.

No eixo “Nações em contextos desfavoráveis”, a pesquisa evidenciou que os países de língua portuguesa, sobretudo na África, enfrentam limitações estruturais importantes em termos de financiamento, infraestrutura tecnológica, políticas de internacionalização e acesso equitativo à mobilidade acadêmica. Ao mesmo tempo, identificou-se um conjunto de iniciativas dispersas – programas de convênio, ações de cooperação Sul–Sul, editais específicos, experiências de mobilidade virtual e projetos de extensão intercultural – que demonstram a existência de um campo fértil para ações articuladas. A InterKria se insere nesse cenário como uma proposta que busca sistematizar, integrar e potencializar essas experiências, oferecendo um ambiente que reconhece as margens como lugar legítimo de produção de conhecimento.

Quanto ao papel das TICs, o estudo confirmou que ambientes digitais, quando concebidos de forma crítica e não meramente instrumental, podem reduzir barreiras geográficas, econômicas e linguísticas, ao mesmo tempo em que abrem novas possibilidades de cooperação acadêmica, extensão universitária e pesquisa colaborativa. A pandemia de COVID-19 acelerou esse movimento e evidenciou, por um lado, a centralidade das tecnologias e, por outro, as profundas desigualdades de acesso. A proposta da InterKria assume esse tensionamento: parte do reconhecimento de que nem todos têm conexão estável, equipamentos ou fluência em múltiplas línguas, e, por isso, aposta em um desenho de plataforma que valoriza a língua portuguesa, a simplicidade de uso, a formação intercultural e a construção coletiva de conteúdos como estratégias de inclusão.

Os resultados empíricos, em especial o questionário aplicado a estudantes, professores, pesquisadores e profissionais de países lusófonos, indicaram forte interesse em: cursos e programas de intercâmbio virtual, trocas de experiências acadêmicas e profissionais, produção científica colaborativa, recursos de capacitação, in-

formações sobre emprego e estágios e espaços de networking e eventos culturais.

Esses achados confirmam que o público-alvo não demanda apenas “mais oportunidades de mobilidade”, mas sim um ecossistema de aprendizagem contínua, apoio à trajetória profissional, reconhecimento de identidades culturais e pertencimento em uma comunidade global. A InterKria, ao organizar suas funcionalidades em torno de trilhas formativas, espaços colaborativos, repositórios de saberes locais, grupos de estudo e oportunidades de conexão com o mundo do trabalho, responde diretamente a esse conjunto de expectativas.

Em termos de gestão e sustentabilidade, o uso do Business Model Canvas, da matriz 5W2H e da análise SWOT permitiu delinear uma proposta de modelo de negócio que considera segmentos de usuários, proposta de valor, canais, relacionamento, fontes de receita, recursos e atividades-chave, parceiros estratégicos e estrutura de custos. A análise SWOT evidenciou como forças centrais a conexão entre países de língua portuguesa, o alinhamento com os ODS e o respaldo acadêmico-metodológico da proposta; como fraquezas, a limitação de recursos financeiros e a necessidade de engajamento contínuo dos usuários; como oportunidades, o crescimento da demanda por tecnologias educacionais, a intensificação da cooperação internacional e a existência de políticas de fomento à internacionalização; e como ameaças, a concorrência de outras plataformas, a resistência institucional à mudança e os desafios tecnológicos e culturais. Esses elementos reforçam que, mais do que um produto tecnológico, a InterKria é um processo em construção, que depende de alianças, governança compartilhada e ajustes contínuos.

Do ponto de vista metodológico, a combinação entre pesquisa-ação e design thinking se mostrou adequada para o tipo de problema investigado. A pesquisa-ação possibilitou ancorar o desenvolvimento da plataforma em necessidades reais de sujeitos e instituições, reconhecendo-os como coautores da solução proposta. O design thinking, por sua vez, favoreceu a empatia, a prototipagem e a experimentação, abrindo espaço para iterar ideias, testar caminhos e refinar a proposta a partir do olhar dos usuários. Essa abordagem híbrida contribui como legado metodológico da dissertação, ao indicar caminhos possíveis para o desenvolvimento de soluções tecnológicas em educação superior que não sejam desenhadas “de cima para baixo”, mas a partir das vivências, dores e expectativas de quem será diretamente impactado.

Como toda pesquisa, este trabalho apresenta limitações. Entre elas, desta-

cam-se: (i) a impossibilidade de abarcar, em profundidade, a diversidade de contextos de todos os países lusófonos; (ii) a ausência, nesta etapa, de implementação plena da plataforma em ambiente de produção, o que impede a avaliação de longo prazo de seu uso; (iii) a dependência de dados secundários para a caracterização de alguns indicadores socioeconômicos e educacionais; e (iv) o recorte temporal e de amostra dos participantes da pesquisa, que, embora significativo, não representa a totalidade da comunidade lusófona. Tais limites não invalidam os resultados alcançados, mas sinalizam a necessidade de cautela nas generalizações e apontam oportunidades para desdobramentos futuros.

Entre as possibilidades de continuidade, destacam-se: (a) a realização de estudos de caso com instituições especificamente interessadas em utilizar a InterKria como ambiente de internacionalização “em casa” e mobilidade virtual; (b) o aprofundamento de análises sobre impactos da plataforma na formação de competências globais, interculturais e socioemocionais; (c) o desenvolvimento de módulos específicos voltados à educação básica e técnica, em diálogo com experiências já existentes de internacionalização nesses níveis; (d) a investigação de modelos de governança e financiamento colaborativo da plataforma, envolvendo universidades, agências de fomento, organizações da sociedade civil e setor produtivo; e (e) a análise comparativa com outras experiências digitais de cooperação acadêmica em contextos não hegemônicos.

Por fim, esta dissertação reafirma a convicção de que a internacionalização da educação superior, quando guiada por princípios de justiça social, responsabilidade compartilhada, reconhecimento do outro e compromisso com o Sul Global, pode ser um caminho potente para a construção de futuros mais equitativos. A InterKria, ao nascer das margens, dos territórios periféricos e da experiência concreta de vidas atravessadas pela desigualdade, assume-se como uma tentativa de materializar, em forma de plataforma, um projeto de mundo: conectar para criar, criar para transformar. Ainda que não seja capaz de resolver todos os problemas que atravessam os países lusófonos, a proposta aqui apresentada indica que é possível mobilizar tecnologia, ciência e afeto para abrir brechas de esperança, ampliar horizontes e dizer, com gestos concretos, que ninguém precisa caminhar sozinho.

9. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. **A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP):** desafios e perspectivas. Lisboa: Instituto de Estudos Internacionais, 2015.
- ALTBACH, Philip G. Perspectives on internationalizing higher education. **International Higher Education**, n. 27, 2002.
- ALTBACH, Philip G.; KNIGHT, Jane. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. **Journal of Studies in International Education**, v. 11, n. 3-4, p. 290–305, 2007.
- ALVES, L. C. R. A matriz SWOT: instrumento para a análise ambiental no processo de planejamento estratégico. *In*: DUARTE, F. J.; LIMA, L. P. (org.). **Estratégia e Competitividade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.
- ASIMOV, Isaac. **Eu, Robô**. São Paulo: Aleph, 2014.
- AZUMA, Ronald T. A survey of augmented reality. **Presence: Teleoperators and Virtual Environments**, v. 6, n. 4, p. 355-385, 1997.
- BANCO MUNDIAL. **World Development Report 2018:** Learning to Realize Education's Promise. Washington, DC: Banco Mundial, 2018.
- BANCO MUNDIAL. **World Development Report 2019:** The Changing Nature of Work. Washington, DC: Banco Mundial, 2019.
- BANCO MUNDIAL. **World Development Report 2020:** Trading for Development in the Age of Global Value Chains. Washington, DC: Banco Mundial, 2020.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar:** ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BORGES, A. M. Cooperação universitária e internacionalização da educação superior entre os países da CPLP. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 5, n. 2, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Institui o Programa Idiomas Sem Fronteiras e dá outras providências. **Portaria nº 973**, de 14 de novembro de 2014. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 73-76, 17 nov. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/areas-de-atuacao/es/pec-g>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **PEC-PG (Pós-Graduação)**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/programas-de-estudo-para-estrangeiros/pec-pg-pos-graduacao>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- BRITISH COUNCIL. **Relatório Internacional de Educação Superior:** Acesso e

Qualidade. Reino Unido: British Council, 2018.

BROWN, Tim. **Design Thinking**: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARVALHO, A. S.; SANTOS, M. A. Inovação e empreendedorismo nas Diretrizes Curriculares Nacionais. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v. 7, n. 3, 2020.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CORREIA, L. V. M. et al. Brainstorming: compartilhamento de informações – um relato de experiência. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 25497–25504, 2021.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. 2. ed. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.

DE WIT, Hans. **Trends, issues and challenges in internationalisation of higher education**. Amsterdam: CAREM, 2011.

DE WIT, Hans. Trends, Issues and Challenges in Internationalisation of Higher Education. **International Higher Education**, n. 95, p. 2-4, 2018.

DE WIT, Hans. Internationalization of Higher Education: the need for a more ethical and qualitative approach. **Journal of International Students**, v. 10, n. 1, p. i-iv, 2020.

DE WIT, H.; DECA, L.; HUNTER, F. Internationalization of Higher Education: What Can Research Add to the Policy Debate? In: CURAJ, A. et al. (eds). **The European Higher Education Area**. Cham: Springer, 2015.

DEARDORFF, Darla K. Identification and assessment of intercultural competence as a student outcome of internationalization. **Journal of Studies in International Education**, v. 10, n. 3, p. 241-266, 2006.

FERREIRA, F. E. S. Utilização do ciclo PDCA para melhoria de qualidade e aumento de produtividade. **Revista de Engenharia e Tecnologia**, v. 8, n. 1, 2016.

FERREIRA, T. S. Mobilidade estudantil internacional: reflexões e desafios para a formação do profissional do futuro. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, v. 6, n. 1, p. 105-117, 2020.

GARCIA, Cláudia. A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): desafios e perspectivas. **Revista Direito GV**, v. 10, n. 1, p. 257-270, 2014.

GHELARDI, A. C. Análise SWOT: Uma ferramenta para formulação de estratégias

empresariais. **Revista Brasileira de Gestão**, v. 9, n. 2, p. 45-58, 2012.

HARDMAN, John. **Regenerative Leadership**. [S.l.]: Global Leadership, 2020.

HUDZIK, John K. **Comprehensive Internationalization**: From Concept to Action. Washington, D.C.: NAFSA, 2011.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IRENA. **Global Renewables Outlook**: Energy transformation 2050. Abu Dhabi: International Renewable Energy Agency, 2020.

KNIGHT, Jane. Internationalization Remodeled: Definition, Approaches, and Rationales. **Journal of Studies in International Education**, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004.

KNIGHT, Jane. Internationalization of Higher Education: Past and Future. **International Higher Education**, n. 33, p. 2-6, 2015.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEASK, Betty. **Internationalizing the curriculum**. London: Routledge, 2015.

LIMA, A. **Instabilidade política na CPLP**: desafios à cooperação. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

LISBÔA, M. P.; GODOY, M. R. O uso da ferramenta 5W2H no gerenciamento de projetos. **Revista de Administração**, v. 47, n. 3, p. 540-547, 2012.

LOBATO, S. F.; SANTOS, E. M. Aplicação da Matriz 5W2H para Construção do Plano de Ação. In: **Anais do III Congresso Internacional de Engenharia**, 2023.

MACEDO, M. A. et al. Business Model Canvas: a construção do modelo de negócio de uma empresa de móveis. In: **Anais do Congresso Nacional de Excelência em Gestão**, 2020.

MARCELINO, Luciano Rodrigues. **Magnífico Reitor Magnífico**. [S.l.: s.n.], 2023.

MARTIN, Roger L. **The Design of Business**: why design thinking is the next competitive advantage. Boston: Harvard Business Press, 2009.

MELO, A. A. S. **A mundialização da educação**: consolidação do projeto neoliberal na América Latina. Brasil e Venezuela. Maceió: Edufal, 2004.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: Conceitos e práticas. **Educar em Revista**, n. 28, p. 107-124, 2006.

MOROSINI, Marília Costa. Internacionalização da educação superior: o papel das redes internacionais de colaboração acadêmica. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 4, p. 895-908, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4. ed. São Paulo: Autêntica, 2019.

NAKAMOTO, Satoshi. **Bitcoin**: A Peer-to-Peer Electronic Cash System. [S.l.], 2008. Disponível em: <https://bitcoin.org/bitcoin.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

ORR, David W. **Earth in Mind**: On Education, Environment, and the Human Prospect. Washington: Island Press, 2004.

OSTERWALDER, Alexander; PIGNEUR, Yves. **Business Model Generation**: inovação em modelos de negócios. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.

ROCHA, Carla. Impactos das Diretrizes Curriculares Nacionais na formação docente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 29, 2024.

ROGERS, Everett M. **Diffusion of innovations**. 5. ed. New York: Free Press, 2003.

RUDZKI, Romuald E. J. **The strategic management of internationalization of higher education**: towards a model of theory and practice. 1998. Tese (Doutorado em Educação) – University of Newcastle upon Tyne, Newcastle, 1998.

RUSSELL, Stuart; NORVIG, Peter. **Artificial Intelligence**: A Modern Approach. 4. ed. Hoboken: Pearson, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, F. S.; ALMEIDA, N. F. **A quarta missão da universidade**: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

SILVA, L. C. Mobilidade estudantil internacional: uma análise crítica a partir da perspectiva dos estudantes. **Cadernos de Educação**, v. 54, n. 1, p. 110-127, 2018.

SIMON, Herbert A. **The Sciences of the Artificial**. 3. ed. Cambridge: MIT Press, 1996.

SOUZA, Marília Gabriela de. **Internacionalização da Educação Superior e o espaço lusófono**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2017.

STALLIVIERI, Luciane. Compreendendo a internacionalização da educação superior. **Revista de Educação do COGEIME**, v. 26, n. 50, p. 15-36, 2017.

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio**: dimensões e perspectivas. Curitiba: Appris, 2019.

TAPSCOTT, Don; TAPSCOTT, Alex. **Blockchain revolution**: how the technology behind bitcoin is changing money, business, and the world. New York: Penguin, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

UNESCO. **Internationalization of Higher Education**: New Directions, New Challenges. Paris: UNESCO, 2009.

UNESCO. **Tecnologias de informação e comunicação na educação**. Paris: UNESCO, 2011.

UNESCO. **Intercultural Competences**: Conceptual and Operational Framework. Paris: UNESCO, 2013.

UNESCO. **Educação para a cidadania global**: preparando alunos para os desafios do século XXI. Paris: UNESCO, 2015.

UNESCO. **Lusophone Countries**: Enhancing Educational Cooperation. Paris: UNESCO, 2016.

UNESCO. **Reimaginar o futuro juntos**: Visão geral da educação superior após a COVID-19. Paris: UNESCO, 2020.

UNFPA. **Relatório sobre a Situação da População Mundial 2009**: Enfrentando um mundo em transição. Nova York: UNFPA, 2009.

UNFPA. **Relatório sobre a Situação da População Mundial 2022**: Vendo o Invisível. Nova York: UNFPA, 2022.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. 10. ed. Campinas: Papirus, 2013.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e seus impactos nas políticas educacionais brasileiras. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 34, n. 1, p. 23-38, 2018.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009.

WAHL, Daniel Christian. **Designing Regenerative Cultures**. Axminster: Triarchy Press, 2016.